

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

JEYDSON JONYS BARROS BATISTA

**A RECATEGORIZAÇÃO SEM MENÇÃO DE EXPRESSÃO REFERENCIAL:
UMA ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NA CONSTRUÇÃO DE MEMES
VERBO-IMAGÉTICOS**

TERESINA
2019

JEYDSON JONYS BARROS BATISTA

**A RECATEGORIZAÇÃO SEM MENÇÃO DE EXPRESSÃO REFERENCIAL:
UMA ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NA CONSTRUÇÃO DE MEMES
VERBO-IMAGÉTICOS**

Trabalho apresentado ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguagem e Cultura.

Linha de pesquisa: Estudos do Texto: produção e recepção.

Orientadora: Prof^ª Dra. Silvana Maria Calixto de Lima

TERESINA
2019

B333r Batista, Jeydson Jonys Barros

A recategorização sem menção de expressão referencial: uma estratégia argumentativa na construção de memes verbo-imagéticos / Jeydson Jonys Barros Batista. – 2019.

145 f.: il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2019.

“Orientadora Prof. Dra. Silvana Maria Calixto de Lima.”

1. Recategorização. 2. Argumentação. 3. Meme verbo-imagético.
I. Título.

CDD: 469.02



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

A RECATEGORIZAÇÃO SEM MENÇÃO DE EXPRESSÃO REFERENCIAL: UMA
ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NA CONSTRUÇÃO DE MEMES VERBO-IMAGÉTICOS
JEYDSO JONYS BARROS BATISTA

Esta dissertação foi defendida às 15 horas, do dia 22 de março de 2019,
como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade
Estadual do Piauí. O candidato apresentou o trabalho para a Banca Examinadora
composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora
considerou o trabalho aprovado..... (Aprovado, não aprovado).

Silvana Maria Calixto de Lima
Professora Dr^a Silvana Maria Calixto de Lima – (UESPI)
(Orientadora)

João Benedito de Moura
Professor Dr. João Benedito de Moura
1º examinador – UFPI

Bárbara Olímpia Ramos de Melo
Professora Dr^a Bárbara Olímpia Ramos de Melo
2º examinadora – UESPI

Visto da Coordenação:

Feliciano José Bezerra Filho
Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Letras
da UESPI

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

*“Nunca existiu uma grande inteligência
sem uma veia de loucura.”*

Aristóteles

À minha mãe, Maria Auxiliadora, por todo o esforço realizado ao longo de todos esses anos e por seu incansável desejo de proporcionar aos filhos uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

São dificuldades como as enfrentadas nessa jornada que demonstram o valor da família e das verdadeiras amizades.

Sob o risco calculado de adentrar em um clichê, agradeço primeiramente a Deus, ou às “forças superiores”, como assim preferir, pelo dom de poder desfrutar de um momento tão importante como esse, já que a presença sagrada me manteve vivo perante os perigos que passei ao longo de todos esses anos.

Agradeço à minha mãe que tanto lutou para dar a mim e à minha irmã uma educação de qualidade, que por muitas vezes deixou de utilizar em benefício próprio o pouco recurso que conquistava, e que ainda conquista em sua jornada como professora. Não existem folhas de papel suficientes que consigam imprimir e exprimir o tamanho do amor e da consideração que eu tenho por ela.

Agradeço aos professores doutores Franklin Silva, Iveuta Lopes e Wellington Borges pelo empenho, dedicação e carinho a nós destinados ao longo de todo esse período, pelo tanto que se empenharam para sempre conduzir as melhores aulas que poderíamos ter e para nos oferecerem conhecimento, pelo que ganharam respeito e admiração de cada um de nós. Reservo um espaço especial à professora Dra. Bárbara Melo, por todo o carinho e alegria distribuídos durante e após a sua disciplina. Sinto com ela uma conexão espiritual, porque, assim como eu, ela é uma pessoa que se dedica ao trabalho, aos estudos, mas não pode ver um “bom frevo” em sua frente que já quer participar.

Agradeço imensamente à minha professora, orientadora e inspiração para este trabalho: Doutora Silvana Maria Calixto de Lima. Pesquisadora e pessoa exemplar, que domina a arte dos balões como ninguém (recomendações escritas nos trabalhos). É difícil descrever uma pessoa por quem você tem tanta admiração por sua competência, responsabilidade e inteligência. Não sei como agradecer seus ensinamentos, mas sei que para sempre a terei como referência em minha vida. VALEU MUITO ser seu orientando e seu amigo. Obrigado pelos puxões de orelha, mas também pelos sorrisos e por todo esse conhecimento e carinho compartilhados, que fazem de mim um privilegiado em poder conhecê-la. Só o fato de ter o sobrenome “Lima” como orientadora no meu *Currículo Lattes* faz com que os concorrentes a qualquer vaga que eu concorra daqui para frente briguem pelo segundo lugar. MUITO OBRIGADO, professora Silvana!

Agradeço aos amigos que fiz no mestrado, em especial à Leiliane, o elo da turma, à Vanda, ao Herbert e ao Heber-ton, aqueles com quem dividi momentos de angústia e alegria. Foi com a excelente companhia dessas pessoas abençoadas que, entre lanches e estudos, consegui chegar até o fim desse mestrado com a sensação de que tudo foi muito natural.

Agradeço profundamente o apoio dos amigos: Jeane Virgínia, uma grande incentivadora para que esse mestrado saísse do plano das ideias, a quem eu devo muito mais que um agradecimento por ter me acompanhado no pior momento de minha vida; Luciana Soares, pelas conversas amigáveis quando eu já não sabia mais o caminho a trilhar no meio de tantas dúvidas; Amílcar Albuquerque e Jussie Rocha, pela amizade e pela compreensão no ajuste dos horários das aulas quando eu ainda dividia o meu tempo entre o mestrado na UESPI e minhas aulas no IFPI - *campus* Valença do Piauí. Obrigado, meus amigos!

Não poderia esquecer também dos amigos que trago comigo desde o início de todo esse percurso docente, os meus amigos da graduação que ainda hoje fazem parte da minha vida, a quem eu sou muito grato por todo o carinho e por quem eu tenho um enorme respeito e admiração.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí pela liberação e incentivo nesse processo de capacitação, com destaque para as figuras do reitor Paulo Henrique Gomes de Lima e também dos atuais e ex-diretores do *campus* Valença do Piauí: Antenor Bustamante, Francisco Alves Frazão, Raimundo da Cunha e Laerte Amorim.

Aos meus alunos e ex-alunos, pois é por vocês e para vocês que essa etapa se fez possível. Vocês são a máquina motriz que faz com que eu tenha vontade de me aperfeiçoar constantemente. Amo vocês de todo o meu coração.

Quero dedicar esse título a uma grande amiga que faleceu justamente quando realizou o seu grande sonho de ingressar no mestrado e não teve a oportunidade de materializar a sua aspiração: a Haudália Magna Verçosa (*in memoriam*), esse título de Mestre.

Por fim, agradeço àquela pessoa que sofreu comigo nos momentos difíceis, que abdicou, muitas vezes, de seu lazer por conta das minhas atividades, que me confortou nos momentos de dificuldade e que me encheu de carinho nos momentos em que os olhos já não enxergavam mais nada. Obrigado, Ana Arielly, por ter sido essa namorada tão dedicada, justa e sincera. Eu amo você!

RESUMO

Neste trabalho, em consonância com a vocação interdisciplinar da Linguística de Texto, convocamos um diálogo entre essa área e as Teorias da Argumentação, particularmente a abordagem da Nova Retórica e o Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos de Pinto (2010). Nesse contexto, partimos da hipótese de que as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial constituem um mecanismo fundamental para a construção dos sentidos em memes verbo-imagéticos. Assim, considerando tanto essa interdisciplinaridade quanto a evolução dos estudos da recategorização ao longo dos últimos anos, na qual o processo passa a se configurar sob uma perspectiva que considera a integração de diversos elementos para a sua homologação, tomamos como referência, na área da Linguística de Texto, os trabalhos desenvolvidos por Lima (2009; 2017), Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015), e os trabalhos desenvolvidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Pinto (2010), na área das Teorias da Argumentação. Nesse sentido, trazemos ao longo deste trabalho uma discussão que envolve os pressupostos da Linguística de Texto, em que discorreremos sobre conceitos básicos da área, como a abordagem de texto de base sociocognitiva, a passagem da referência à referenciação e os processos advindos dessa mudança, assim como o processo de recategorização e a subclassificação que tomamos como objeto: a recategorização sem menção de expressão referencial. Debateremos ainda sobre o conceito de argumentação sob a vertente da Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), e sob a vertente do processo de construção do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos de Pinto (2010). Propomos, também, um quadro direcionado à análise de memes verbo-imagéticos que toma como base a inter-relação entre essas duas abordagens argumentativas, no qual analisamos sua finalidade persuasiva. Considerando a modalidade de texto utilizada para esta investigação, discutimos o gênero meme na literatura, considerando, para a nossa perspectiva de investigação, esse gênero em sua finalidade persuasiva. Nesse sentido, coletamos dez exemplos de memes verbo-imagéticos que tematizam fatos político-sociais relacionados ao mandato do ex-presidente Michel Temer e submetemos aos componentes dispostos no quadro de análise proposto nesta investigação. Os resultados das análises qualitativas assentam o papel significativo das estratégias argumentativas imbricadas no

processo de recategorização sem menção de expressão referencial na construção dos sentidos de memes verbo-imagéticos, no qual a integração e o dinamismo entre as semioses verbal e imagética se constituem como elementos fundamentais.

Palavras-chave: Recategorização. Argumentação. Meme verbo-imagético.

ABSTRACT

In this work, in consonance with the interdisciplinary vocation of the Linguistics of the Text, We aim to call for a dialogue between this area and the Argumentation Theories, particularly the New Rhetoric approach and the Persuasive Genres Analysis Model of Pinto (2010). In this context, We start from the hypothesis that the argumentative strategies imbricated in the recategorization process without mention of referential expression constitute fundamental mechanism for the construction of the senses in verb-imagery memes. Thus, considering both this interdisciplinary approach and the evolution of recategorization studies over the last few years, in which the process starts to take shape from a perspective that considers the integration of several elements for its homologation, We take as reference in the area of Linguistics, the work developed by Lima (2009; 2017), Custódio Filho (2011) and Lima and Cavalcante (2015); and the works developed by Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005) and Pinto (2010), in the area of the Argumentation Theories. In this sense, We bring throughout this work a discussion that involves the assumptions of the Linguistics of the Text, in which we discuss basic concepts of the area, such as the sociocognitive-based text approach, the transition from reference to reference and the processes resulting from this change, as well as the recategorization process and the subclassification that we take as object, the recategorization without mention of referential expression. We also discussed the concept of argumentation under the New Rhetoric, of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), and the process of construction of the Model of Analysis of Persuasive Genres of Pinto (2010), proposing a framework directed to the analysis of verbo-imagery memes, through the inter-relationship between these two argumentative approaches, in which we analyzed verb-imagery memes with persuasive purpose. Considering the modality of text used for this research, We also discussed the meme genre in the literature, considering for its research perspective this genre in its persuasive purpose. In this sense, We collected ten copies of verb-imagery memes that thematic politico-social facts related to the mandate of former president Michel Temer and submitted to the components prepared in the frame of complementary analysis proposed in this investigation. The results of the qualitative analyzes are based on the significant weight of the argumentative strategies imbricated in the process of recategorization without mention of reference expression in the construction of the meanings of

verbal-imagery texts, on which the integration and dynamism between the verbal and imaginary semiosis constitute as fundamental to the process.

Keywords: Recategorization. Argumentation. Verb-imagery Meme.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 LINGUÍSTICA DE TEXTO	17
1.1 Uma discussão sobre a abordagem sociocognitiva.....	18
1.2 A concepção de texto de base sociocognitiva.....	20
1.3 Da referência à referenciação: uma discussão sobre o processo	25
1.3.1 Os desdobramentos advindos do processo referenciação	34
1.3.2 Os parâmetros do processo de recategorização	43
1.3.2.1 <i>A recategorização sem menção de expressão referencial</i>	53
2 ARGUMENTAÇÃO.....	58
2.1 A argumentação sob a perspectiva da Nova Retórica	59
2.1.1 O vínculo causal e a argumentação	64
2.1.2 O argumento pragmático	66
2.1.3 A metáfora	68
2.2 O Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos	70
2.2.1 Componente situacional	76
2.2.2 Componente intertextual.....	78
2.2.3 Componente composicional (organizacional)	79
2.2.4 Componente estilística	81
2.2.5 Componente enunciativa ampliada	83
2.3 O gênero meme verbo-imagético em sua face persuasiva	87
2.4 Quadro de análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva	91
3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	98
3.1 Procedimentos metodológicos	98
3.1.1 Constituição do corpus de investigação	99
3.1.2 Procedimentos de análise	100
3.2 Análise dos dados coletados	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS.....	143

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1: Exemplo 10	52
Figura 2: Exemplo 12	65
Figura 3: Exemplo 13	67
Figura 4: Exemplo 14	69
Figura 5: Meme 1 - “O português como língua oficial nos discursos”	102
Figura 6: Meme 2 – “Participação de mulheres no governo Temer”	106
Figura 7: Meme 3 – “Eleições 2016”	110
Figura 8: Meme 4 – “Temer e a Bíblia”	114
Figura 9: Meme 5 – “Saque do FGTS inativo”	118
Figura 10: Meme 6 – “Ferramentas para derrubar Temer”	120
Figura 11: Meme 7 – “Operação Skala”	124
Figura 12: Meme 8 – “Sexta-feira 13”	126
Figura 13: Meme 9 – “Ocupação irregular”	130
Figura 14: Meme 10 – “Greve dos caminhoneiros”	135
Tabela 1: Tabela de análise dos gêneros persuasivos	74
Tabela 2: A composicionalidade e questões relativas ao gênero	80
Tabela 3: Quadro de análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva	95

INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade é, atualmente, uma forte tendência dos estudos praticados no Brasil no campo da Linguística de Texto, fator que tem possibilitado a ampliação das discussões teóricas nessa área, que não se resumem mais a uma simples explanação descritiva, mas a uma atividade que conduz à reflexão interpretativa dos fenômenos.

Nesse contexto, é cada vez mais comum que se convoquem para o diálogo com a Linguística de Texto outros critérios de análise que impulsionam novas abordagens interdisciplinares, com o objetivo de enriquecer o universo das pesquisas desenvolvidas nessa área, entre os quais ganham destaque as manifestações multimodais dos textos, o redimensionamento dos fatores de textualidade, os processos sociocognitivo-discursivos da referenciação, as abordagens argumentativas, dentre outros.

Considerando o universo dessa interdisciplinaridade, através de um diálogo entre a Linguística de Texto e as Teorias da Argumentação, tomamos como hipótese, neste trabalho, que as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial constituem um mecanismo fundamental à construção dos sentidos em textos verbo-imagéticos. Nesta empreitada, investigamos especificamente o processo de recategorização sem menção de expressão referencial na construção dos sentidos de memes verbo-imagéticos que tematizam fatos político-sociais relacionados ao mandato presidencial de Michel Temer. Para tanto, focalizamos a sua função como uma estratégia argumentativa, levando em consideração a relação entre as semioses verbal e imagética.

Destacamos que nosso interesse advém da observação dos estudos desenvolvidos atualmente no campo da Linguística de Texto e, especificamente, da evolução do processo de recategorização. Como exemplo, temos a investigação realizada por Custódio Filho (2011), que, ao apresentar uma subclassificação para esse fenômeno, ressalta que o processo se configura como o grande mote a guiar novas tendências em referenciação, como a perspectiva da não linearidade do fenômeno.

De fato, percebemos que as investigações realizadas ao longo dos últimos anos, em pesquisadores como Lima (2009; 2017), Lima e Cavalcante (2015), entre

outros, tratam da recategorização não mais sob a sua perspectiva pioneira, ou seja, aquela que considera o processo primordialmente pela sua homologação por meio de itens lexicais. Assim, a compreensão do processo transcende a superfície textual e assume a integração entre os diversos elementos (cognitivo, linguístico e social), entre os quais a construção de sentidos veiculados pelas diversas semioses ganha destaque.

No intuito de submeter à prova a hipótese por nós levantada, adotamos como referência, neste trabalho, as pesquisas desenvolvidas por Lima (2009; 2017), Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015), no campo da Linguística de Texto, e aquelas desenvolvidas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Pinto (2010), no campo das Teorias da Argumentação. Assim, para a investigação da hipótese levantada, selecionamos, para análise, dez exemplos de memes verbo-imagéticos que tematizam o referente “presidente Michel Temer”, nos quais é possível identificar a ocorrência do fenômeno da recategorização sem menção de expressão referencial.

Dessa maneira, o trabalho apresenta em sua estrutura um total de três capítulos, dois destinados à fundamentação teórica que embasa nossa hipótese e outro destinado à metodologia do trabalho científico e às análises do *corpus* selecionado para esta investigação. No primeiro capítulo, apresentamos conceitos fundamentais para a discussão da abordagem sociocognitiva e a concepção de texto por ela alicerçada, a passagem da concepção de referência à de referenciação e os seus desdobramentos, os parâmetros do processo de recategorização e a subclassificação tomada como objeto desta pesquisa: o processo de recategorização sem menção de expressão referencial, todos no âmbito da Linguística de Texto.

Posteriormente, apresentamos no segundo capítulo uma discussão no âmbito das Teorias da Argumentação, na qual tratamos esse objeto sob a perspectiva da Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), e discorremos sobre os componentes essenciais ao processo de construção do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos, postulado por Pinto (2010). Propomos, ainda, um quadro voltado à análise de memes verbo-imagéticos, considerando a inter-relação entre essas duas abordagens argumentativas. Ademais, tratamos também do conceito que envolve o gênero meme, dos parâmetros que versam a sua concepção no meio digital e de sua finalidade persuasiva.

Por fim, apresentamos a metodologia empregada na realização desta investigação, descrevendo os procedimentos utilizados na seleção e análise dos dados e, posteriormente, realizamos propriamente a análise do *corpus* selecionado, baseados na concepção de que as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial se constituem num mecanismo fundamental à construção dos sentidos em memes verbo-imagéticos.

1 LINGUÍSTICA DE TEXTO

Neste capítulo, trazemos uma discussão que envolve aspectos direcionados às investigações na área da Linguística de Texto. Assim, através dos postulados dispostos em Koch (2017), discutimos a importância da abordagem sociocognitiva e a concepção de texto dela decorrente para os estudos desenvolvidos atualmente nessa área. Justificamos a nossa orientação por essa abordagem em função dos aspectos interacionais nela imbricados, que vão ao encontro de nossa proposta.

Complementando essa discussão, debatemos a respeito do questionamento levantado por Mondada e Dubois (2003), no qual as autoras se opõem à concepção clássica de referência que toma como preexistente a relação entre as categorias e os objetos de discurso, em favor de um processo de “referenciação”. Dentro dessa perspectiva, discutimos os procedimentos dispostos nesse trabalho que concorrem para a instabilidade e para a estabilidade das categorias.

Considerando os desdobramentos advindos do processo de referenciação, tratamos ainda de trabalhos vinculados a duas tendências investigativas, tomando para esse fim a classificação proposta por Custódio Filho (2011), que diferencia essas tendências de acordo com o foco de atuação adotado por cada uma e pela participação e integração ou não de elementos não linguísticos para a construção da referência.

Posteriormente, partimos para a discussão do processo referencial que tomamos como objeto de nossa pesquisa: a recategorização. Assim, percorremos os parâmetros que a envolvem desde a sua concepção pioneira, disposta em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), até as investigações realizadas por Lima (2009; 2017), Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015), considerando a primeira como a base para as investigações posteriores e as demais em função do redimensionamento que oferecem ao estudo pioneiro.

Discutidas a sociocognição, a referenciação e seus desdobramentos e a recategorização, partimos finalmente para o debate sobre uma subclassificação do processo de recategorização que nos interessa diretamente: a “recategorização sem menção de expressão referencial”. Para essa discussão, adotamos os postulados dispostos em Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015), nos quais residem o alicerce da hipótese por nós levantada.

1.1 Uma discussão sobre a abordagem sociocognitiva

Levando em consideração o caráter sociocognitivista assumido atualmente pela Linguística de Texto, e não diferentemente por esta pesquisa, acreditamos ser essencial explicar os preceitos que regem essa abordagem, com vistas a dirimir possíveis controvérsias. Inicialmente, cabe-nos refletir a própria concepção que envolve a abordagem sociocognitiva e por que ela se faz importante para os estudos desenvolvidos atualmente no âmbito da Linguística de Texto. Assim, conforme Koch e Cunha-Lima (2004), verificamos que essa abordagem surge como uma resposta ao questionamento existente sobre a separação “exterioridade e interioridade” observada na concepção cognitiva clássica, representada, principalmente, através da separação entre os fenômenos mentais e sociais. Tal perspectiva concebe a mente como uma espécie de arquivo de experiências vivenciadas em sociedade, prontas para serem ativadas. Logo, a mente seria uma unidade desvinculada do corpo, como se representassem duas entidades diferentes, concepção essa também alastrada aos textos.

Diferentemente, para a abordagem sociocognitiva, segundo Koch (2017), a ação cognitiva e a ação social são tomadas como indissociáveis, ou seja, nessa abordagem “as operações não se dão apenas na cabeça dos indivíduos, mas são o resultado da interação de várias ações conjuntas por eles praticadas” (KOCH, 2017, p. 42). Assumir essa abordagem sociocognitiva significa aceitar que as operações mentais e as operações sociais são frutos de uma interação que concorre para um mesmo objetivo, reconhecendo-se, assim, a importância do meio social (contexto) para a construção do conhecimento.

Com o objetivo de aprofundar essa proposição de integração entre as operações mentais e as operações sociais que levam ao reconhecimento da abordagem sociocognitiva, recorreremos mais uma vez a Koch (2017). A autora ressalta que:

Muito da cognição acontece fora das mentes, e não somente dentro delas: a cognição é um fenômeno *situado*. Ou seja, não é simples traçar o ponto exato em que a cognição está dentro ou fora das mentes, pois o que existe aí é uma inter-relação complexa. Voltar-se exclusivamente para dentro da mente à procura da explicação para os comportamentos inteligentes e para as estratégias de construção do conhecimento pode levar a sérios equívocos.

Desta forma, na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz *com* os outros, conjuntamente (KOCH, 2017, p. 42, *grifos da autora*).

Conforme percebemos na discussão apresentada pela autora, as ações detalhadas nesse processo têm como ponto fulcral as operações realizadas em conjunto, envolvendo também outros elementos como os contextos sociais, as finalidades sociais e os papéis distribuídos socialmente na sua realização.

Sobre essa relevância do meio social como característica essencial à construção do conhecimento, Cavalcante et al. (2017) destacam que:

A sociocognição, sumariamente, pode ser definida como um conjunto de pressupostos que abrange a relação entre linguagem e vida social. Um dos pressupostos fundamentais é o de que, para produzir sentidos, é necessário acessar e transformar uma gama de conhecimentos, os quais derivam de uma relação dos sujeitos com o mundo (CAVALCANTE et al., 2017, p. 92).

No contexto da abordagem sociocognitiva, não se tomam essas relações como operações separadas, logo, a linguagem é vista como uma ação compartilhada em um duplo percurso, que se desenvolve através da relação sujeito/realidade e por uma dupla função — designada como “intercognitiva”, quando trata da relação do sujeito com o mundo, e “intracognitiva”, quando trata da relação da linguagem com outros processos cognitivos. Temos, então, que a cognição não é mais percebida como o resultado de ações isoladas, mas como um conjunto de várias formas de conhecimento que não se resumem à linguagem em si, embora aconteçam sob a sua responsabilidade.

Toda essa questão aqui exposta vai ao encontro das proposições encontradas em Silva (2014), nas quais a autora acentua que:

Na abordagem sociocognitivo-discursiva, o sujeito, sua história, os processos culturais envolvidos na sua constituição são de suma importância para o processamento cognitivo, que deixa de ser algo puramente formal, reduzido a modelos de processamento do conhecimento, para tornar-se uma **cognição atrelada, necessariamente, à consideração de um contexto socio-histórico cultural. Trata-se de entender que o corpo e, por conseguinte, a mente pressupõem um sujeito que vive e age no mundo conforme os limites e orientações culturais de seu entorno** (SILVA, 2014, p. 55, *grifos da autora*).

Considerando a descrição da autora, percebemos a importância dessa concepção para as investigações que tomam o sujeito como “protagonista de suas ações”. A adoção dessa abordagem atende, conforme salientamos, à perspectiva de nosso trabalho, no qual o contexto se manifesta como um dos componentes fundamentais para a descrição das estratégias argumentativas presentes no processo de recategorização sem menção de expressão referencial.

Outro ponto determinante para a adoção da abordagem sociocognitiva nesta investigação reside justamente na perspectiva de ampliação do modelo que rege a abordagem cognitiva, considerando, para isso, os vários vieses que contribuem para a construção dos sentidos no texto. Sobre essa questão, Custódio Filho (2011, p. 49) afirma que:

Essa perspectiva de investigação, por trazer o sujeito e seu contexto para o centro do processo, demanda uma nova abordagem da dimensão cognitiva. O processo de aquisição e ativação do conhecimento, agora regido sob o aparato sociocultural, é questão essencial para a compreensão do objeto texto.

Percebemos, então, que o processo de construção dos sentidos não se prende às informações armazenadas na mente dos indivíduos, mas também se relaciona com aspectos relevantes para esse propósito como a influência de fatores sociais, históricos e situacionais baseados na cognição humana.

Dada essa concepção interacional apresentada no âmbito da sociocognição, cabe a nós, como um dos objetivos aqui traçados inicialmente para essa discussão, entendermos como o texto é compreendido nessa abordagem e quais as vantagens em adotá-la, sob essa vertente, em uma atividade investigativa. Para tanto, tratamos dessa matéria na próxima seção.

1.2 A concepção de texto de base sociocognitivista

Antes de tratarmos diretamente da concepção sociocognitiva do texto, parece-nos conveniente discorrer a respeito da concepção de texto fundamentada pelo cognitivismo clássico, a fim de que possamos assimilar a evolução no conceito de texto adotado atualmente pela Linguística de Texto. Dessa forma, a abordagem cognitiva passa diretamente pela consideração de que esse objeto é “resultado de processos mentais” (KOCH, 2017, p. 34), e, sendo assim definido, caberia à Linguística de Texto apenas desenvolver modelos descritivos que fossem capazes

de explicar a integração de diversos sistemas de conhecimento que concorrem para a sua definição. Para essa abordagem, enfatizamos a discussão disposta em Koch (2017), em que a autora recorre a Heinemann & Viehweger (1991), chamando a atenção para quatro grandes sistemas de conhecimento que concorrem para o processamento textual, a saber: o linguístico, o enciclopédico, o interacional e aqueles relacionados a modelos textuais globais.

Dessa maneira, sinteticamente, temos que a concepção adotada no sistema de conhecimento linguístico compreende as noções gramatical e lexical responsáveis pela organização do material linguístico na superfície do texto, percebida através de elementos coesivos que concorrem para a remissão ou sequenciação textual e através das escolhas lexicais realizadas para a adequação a temas ou modelos cognitivos ativados. O conhecimento enciclopédico, também definido como semântico ou como conhecimento de mundo, por sua vez, é o armazenamento de experiências na memória de cada indivíduo, que vão desde proposições a respeito de fatos do mundo às vivências socioculturais. Essas estruturas complexas de conhecimento, nomeadas com termos como *frames* (Minsky, 1975), *modelos mentais* (Johnson-Laird, 1983), entre outros, demarcam, na mente dos indivíduos, as experiências vivenciadas socialmente, fator que direciona ao ponto chave da abordagem cognitiva, a separação empregada entre o mundo exterior e o mundo interior, representada através das experiências tidas como sociais e aquelas armazenadas na mente, prontas para ativação.

Outros conhecimentos que concorrem para o processamento textual são o interacional e o dos modelos textuais globais. No primeiro, por definição, temos um conhecimento sobre as ações verbais definidas como formas de “inter-ação” através da linguagem. Para esse conhecimento, concorrem outros tipos, como o ilocucional, o comunicacional, o metacomunicativo e o superestrutural. O conhecimento ilocucional concorre diretamente para o reconhecimento dos objetivos e propósitos que um falante pretende atingir em dada interação, enquanto o conhecimento comunicacional está diretamente relacionado à atividade comunicativa, representada pela quantidade de informação necessária para que haja comunicação, isto é, para que o interlocutor seja capaz de reconstruí-la ou mesmo de reconhecê-la em situações sociais em que há a seleção da variante linguística mais adequada a um determinado evento.

Outro elemento que concorre para a definição do conhecimento interacional é o conhecimento do tipo metacomunicativo, que remete aos mecanismos linguísticos utilizados pelo produtor do texto a fim de evitar problemas de interpretação em sua produção. Esses mecanismos podem ser paráfrases, repetições, correções, glosas, entre outros. Por fim, encontramos o conhecimento sobre as estruturas ou modelos textuais globais, que se responsabilizam pelo reconhecimento de textos prototípicos, em função do atendimento a determinados padrões de um gênero ou de um tipo, assim como seus objetivos, suas bases textuais e suas estruturas globais. Conforme percebemos, a relação entre os conhecimentos que concorrem para o processamento do texto na abordagem cognitiva é caracterizada como procedural, pois cabe ao produtor ativar esses conhecimentos em decorrência de uma necessidade específica no momento da interação.

Dada a definição dos elementos que concorrem para o processamento textual, reforçamos a necessidade de compreender a concepção de texto na abordagem cognitiva. Para esse fim, tomamos as proposições dispostas em Koch (2017, p. 34), em que a autora acentua que:

Com a tônica nas operações de ordem cognitiva, o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividade da vida social e têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso.

Assim, na concepção de texto adotada na abordagem cognitiva, esse objeto é tomado como um gatilho para a ativação de conhecimentos e experiências acumulados socialmente, não apenas em função de uma atividade de interpretação, como também em função de uma atividade de produção escrita. Nessa perspectiva, a concepção cognitiva pauta o seu funcionamento em modelos que representam experiências sociais, resultados de ações observadas no dia a dia, tomando essas experiências como atividades desvinculadas da mente.

A discussão que até aqui levantamos — e que, a princípio, pode parecer que desvia-se do nosso objetivo de explicar os conceitos que regem a abordagem sociocognitiva — é essencial para demonstrar que a concepção adotada em nossa investigação compreende aspectos que não seriam totalmente contemplados em

uma abordagem cognitiva. Desse modo, mesmo que discutindo-a brevemente, compreendemos que a abordagem cognitiva adota uma separação entre a mente e as experiências vivenciadas socialmente, e considera que o indivíduo faz uso de cada uma dessas experiências sempre que necessitar resolver problemas postos pelo ambiente, como se as duas operações representassem unidades estanques. Definidos esses pressupostos, que indicam uma concepção de mente desvinculada do corpo, discorreremos, a partir de agora, a respeito da concepção de texto de base sociocognitivista.

Assim sendo, para o objetivo de compreender o texto numa abordagem sociocognitivista, em que a interação toma lugar de forma bastante significativa, as palavras de Koch (2017) são elucidativas. Segundo a autora,

na concepção interacional (dialogica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que — dialogicamente — nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução — e a dos próprios sujeitos — no momento da interação verbal (KOCH, 2017, p. 44, grifos da autora).

Portanto, refletir o texto sob essa abordagem significa trazer à cena termos como “interação, prática, propósito, coerência, conhecimento e contexto” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 56), compreendendo os sujeitos como seres construtores de sua própria ação, inseridos num contexto que envolve as práticas sociais e culturais.

Levando em consideração essas proposições e o fato de que, atualmente, a abordagem sociocognitiva é assumida pelas investigações no campo da Linguística de Texto, consideramos essencial refletir a respeito das vantagens de sua adoção. Ela traz à tona um olhar para o uso efetivo do texto e demarca uma concepção importante, perceptível no fato de que “a primazia da interação alçou o texto a uma condição especial: o objeto mesmo a partir do qual os sentidos emergem” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 56).

Traçando um paralelo entre o que foi exposto em Cavalcante e Custódio Filho (2010), acerca dessa condição especial dada ao texto a partir da primazia

interacional, e as proposições expostas em Koch (2017), que tratam da mobilização e reconstrução de um vasto conjunto de saberes para a produção da linguagem, um fator que nos chama a atenção na abordagem sociocognitiva é o fato de enxergar o texto para além de sua materialidade. Não se trata mais de constituir o texto como um objeto que terá seus “espaços vazios” preenchidos através das experiências sociais acumuladas na mente, conforme prega a concepção cognitiva clássica, mas trata-se agora de entender esse objeto como o resultado de relações sociais e históricas.

De fato, é exatamente isso o que vem ocorrendo atualmente no campo da Linguística de Texto, no que se refere à adoção da abordagem sociocognitiva, em que os textos são compreendidos não exclusivamente através de sua explicitude, mas em função de um conjunto de fatores que compreendem os aspectos linguísticos, cognitivos e sociais. Nesse âmbito, as proposições dispostas em Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 60) acentuam que “assumir um paradigma sociocognitivista estabelece, para a LT, a necessidade de investigação que esteja atenta aos sistemas de conhecimento acionados/construídos quando da produção e interpretação, bem como ao contexto socio-histórico envolvido em cada situação de interação”.

Afeitos a essa concepção de texto, são comuns os questionamentos a respeito dos limites que circunscrevem esse objeto, porém, como esse não é um dos objetivos por nós traçados para esta discussão, embora reconheçamos o seu valor, limitamo-nos aqui a chamar atenção para o crescente caráter que envolve a multimodalidade no campo da Linguística de Texto. Desse modo, a primazia oferecida ao trabalho com textos verbais foi dando lugar a uma abordagem que considera outras semioses, que transpõem o componente verbal que sempre foi característico dos estudos linguísticos, levando, então, a uma ampliação do conceito de coerência e de textualidade. Assumimos, então, uma concepção que incide na ideia de que a construção dos sentidos é realizada através dos elementos que podem ser homologados a partir dos indícios cotextuais e de suas inferências.

Nessa perspectiva, falamos em uma concepção de texto que transpassa os elementos dispostos em sua materialidade, entendendo a coerência através da integração de elementos linguísticos e não linguísticos. Para a realização de uma investigação que tome como essenciais as estratégias adotadas pelo enunciador quando do contexto comunicativo, conforme a investigação por nós aqui proposta,

enxergamos, na adoção da abordagem sociocognitiva, um fator essencial que fundamenta as observações dispostas em análises textuais mais profundas.

E assim, ponderando a discussão que trouxemos para esta seção, vimos como o texto é definido em uma abordagem sociocognitiva, traçando um paralelo com o conceito adotado na abordagem cognitiva. Refletimos ainda a concepção de texto nas duas abordagens, justificando a nossa adesão à abordagem sociocognitiva nesta investigação, legitimada pelo reconhecimento de elementos que transpassam a materialidade textual.

Nesse contexto, discutimos, a seguir, a temática que adotamos para esta investigação, a referenciação, dando atenção especial à influência da abordagem sociocognitiva para a definição desse processo.

1.3 Da referência à referenciação: uma discussão sobre o processo

Com o intuito de discutirmos as concepções que envolvem o processo de referenciação, temática que tomamos como base para a realização desta investigação, levamos em consideração o trabalho pioneiro proposto por Mondada e Dubois (2003). Nele, as autoras assinalam a conversão da concepção de “referência” para “referenciação”, processo que toma como “não especular” a relação existente entre as palavras e as coisas, investigando assim a maneira como a língua refere o mundo sob outro ângulo. Dentro dessa perspectiva, discutimos algumas concepções apresentadas pelas autoras, como a instabilidade constitutiva peculiar às categorias e as práticas que remetem a um efeito estabilizador.

Tomando a referenciação como base para essa discussão, trazemos posteriormente para o debate os desdobramentos advindos dessa perspectiva, refletindo as duas tendências investigativas propostas em Custódio Filho (2011), que tratam da forma como os mecanismos linguísticos e cognitivos incidem no processo de referenciação.

Inicialmente, o ponto chave para a compreensão do trabalho de Mondada e Dubois (2003) passa diretamente por entender as razões que levam à conversão da “referência” em “referenciação”. Não se trata apenas da mudança de uma nomenclatura, mas de uma transformação da postura que considera como preexistente a relação entre as palavras e os objetos do mundo. Dessa maneira, a referenciação é definida como um processo que toma como não especular essa relação, apresentando como alternativa a concepção de que “os sujeitos constroem,

através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17) e falando em favor de uma transformação das categorias e objetos do discurso em função de determinados contextos.

Um exemplo dessa concepção de preexistência entre a língua e os objetos do mundo, questionada pelas autoras, pode ser percebido no tratamento artificial dado às línguas naturais quando da tradução automática em função do diálogo homem-máquina, que remete a um modelo baseado numa espécie de “mapeamento” entre as palavras e as coisas. Sobre essa relação, Mondada e Dubois (2003, p. 19) acentuam que:

Este ponto de vista pressupõe que um mundo autônomo já discretizado em objetos ou “entidades” existe independentemente de qualquer sujeito que se refira a ele, e que as representações linguísticas são instruções que devem se ajustar adequadamente a este mundo.

Para embasar seus questionamentos a respeito dessa relação, Mondada e Dubois (2003) percorrem um longo caminho que inclui a investigação de fatores que geram instabilidades nas relações entre as categorias e os objetos de discurso e também daqueles processos que levam à sua estabilização.

Baseadas nessa concepção de relação não especular, conforme enfatizamos, as autoras falam em favor de um processo de “referenciação” em que a discretização dos objetos de mundo deve considerar a instabilidade constitutiva das categorias em função de práticas linguísticas e cognitivas. Conforme as autoras, não se trata de investigar a maneira como os objetos do mundo são discretizados, mas como as práticas humanas, cognitivas e linguísticas atribuem sentido a esses objetos, centralizando claramente o sujeito nesse processo como um ser ativo e transformador.

Para demonstrarmos, na prática, essa concepção, fazemos uso dos exemplos dispostos em Custódio Filho (2011):

(1) O Departamento de Polícia Federal (DPF ou PF) é um órgão subordinado ao Ministério da Justiça, cuja função é, de acordo com a Constituição de 1988, exercer a segurança pública para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio.

A Polícia Federal, de acordo com o artigo 144, parágrafo 1º da Constituição Brasileira, é instituída por lei como órgão permanente, organizado e mantido pela União e estruturado em carreira. Atua, assim, na clássica função institucional de polícia. [...]

Após 2003, houve uma intensificação dos trabalhos da Polícia Federal a partir de uma reestruturação iniciada pelo Governo Federal, o que desencadeou uma onda de prisões de quadrilhas de criminosos especializados em fraudes eletrônicas na internet e em cartões de débito e crédito, de sonegadores ligados à corrupção e à lavagem de dinheiro, entre outros, e esbarrou em políticos, tanto ligados ao Governo quanto em adversários. Alguns analistas chegam a afirmar que a pressão da Polícia Federal teria levado Roberto Jefferson a denunciar o Mensalão (Citado por CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 112).

(2) O brasileiro já se acostumou a ligar o noticiário da TV para assistir ao desfile de carros da Polícia Federal, de onde saem homens parrudos de colete negro para algemar cidadãos apanhados de surpresa em suas casas e escritórios, além de carregar computadores e pilhas de documentos. Promovidas com previsível espalhafato, essas ações costumam receber nomes poéticos, como Operação Pasárgada, destinada a apurar fraudes em prefeituras, ou sensacionalistas, como a Operação Sanguessuga, que investigou desvios na compra de ambulâncias, ou mesmo de inspiração infantil, como Pinóquio, em torno de crimes ambientais (Citado por CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 112).

Conforme percebemos nos dois exemplos citados por Custódio Filho (2011), os textos têm como referentes a Polícia Federal (ou seu corpo) e os sujeitos por ela investigados. No entanto, comparando os dois exemplos, percebemos que a maneira como os referentes são construídos divergem. No exemplo (1), a Polícia Federal é tida como “um órgão subordinado ao Ministério da Justiça, cuja função é, de acordo com a Constituição de 1988, exercer a segurança pública para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio”, o que remete a uma concepção “aparentemente neutra”, conforme ressalta Custódio Filho (2011). Já o exemplo (2) traz uma construção referencial da Polícia Federal como um órgão responsável por um “desfile de carros, de onde saem homens parrudos de colete negro para algemar cidadãos apanhados de surpresa em suas casas e escritórios, em operações promovidas com previsível espalhafato”, apresentando uma concepção de Polícia Federal associada a um “espetáculo”. Também percebemos que, no primeiro exemplo, os sujeitos investigados são categorizados como uma “quadrilha de criminosos e sonegadores”, enquanto no segundo, já são categorizados como “cidadãos apanhados de surpresa”.

Dessa forma, através dos exemplos dispostos em Custódio Filho (2011), que remetem à visão de Mondada e Dubois (2003) a respeito da instabilidade constitutiva das entidades do mundo e da língua, percebemos que um mesmo referente pode ser construído de diferentes maneiras, considerando fatores como a intencionalidade, a consideração da aceitabilidade, o momento socio-histórico, dentre outros. Em vista disso, assumir os postulados dispostos em Mondada e Dubois (2003) significa aceitar que:

O problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas estruturam e dão um sentido ao mundo. Em outros termos, falaremos de *referenciação*, tratando-a, assim como a categorização, como advinda de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20, *grifo das autoras*).

Desse modo, ao conceber o processo de referenciação, as autoras assumem como um dos objetivos do seu trabalho discutir os processos de discretização e estabilização das categorias, considerando, para isso, o fato de que:

Estas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Assim, dadas as observações que trouxemos para essa discussão, a concepção clássica de “referência” pode ser compreendida como um exercício de associação que remete às tipicidades encontradas na abordagem cognitiva, tal qual a discussão que trouxemos na seção anterior, quando do preenchimento de “espaços vazios” na mente através das experiências tidas como sociais. Assim, à medida que novas experiências sociais acontecem, o sujeito vai internalizando passivamente as relações entre os objetos do mundo e as palavras, o que configura essa relação como preexistente.

É justamente nesse ponto que reside o questionamento levantado por Mondada e Dubois (2003). As autoras defendem um processo contrário, a visão de um sujeito que “constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias — notadamente às categorias

manifestadas no discurso” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20). Tomando como fundamento comum essa concepção de construção do mundo através das práticas sociais e a importância concedida à dimensão intersubjetiva das atividades linguísticas e cognitivas, Mondada e Dubois (2003) discorrem sobre alguns procedimentos que geram instabilidade e outros que geram estabilidade às categorias. Discutiremos, então, esses procedimentos, a fim de que possamos compreender de forma mais detalhada os postulados da referenciação.

Remetendo inicialmente à concepção de “instabilidade generalizada” das categorias, Mondada e Dubois (2003) abordam alguns procedimentos que corroboram essa característica, discutindo inicialmente esse processo em função das relações entre as palavras e as coisas. Dessa maneira, destacam que um dos procedimentos que contribuem para a instabilidade das categorias se dá em função de fatores sincrônicos e diacrônicos, analisados em duas categorias distintas: as comuns e as científicas. Segundo as autoras, a instabilidade constatada em usos categoriais comuns é compreendida através de uma proposta de investigação que não se restringe a considerar a relação de avaliação nas categorizações realizadas. Elas propõem uma investigação sobre como a categorização é um problema de decisão de dependência que se coloca para os atores sociais — e como esse problema é resolvido selecionando uma categoria em vez de outra dentro de determinado contexto.

Nesse universo, são investigados os processos linguísticos e sociocognitivos que levam os atores sociais a escolher uma ou outra categoria. Objetos sociais, que podem ser tomados como um desvio do modo “normal” de referir, são percebidos nesse procedimento em referência ao mundo psíquico e natural, numa concepção geral do processo de categorização discursiva e cognitiva tal como são observáveis nas práticas situadas dos sujeitos. Em outras palavras, o sujeito refere os objetos do mundo da mesma forma como os concebe em seu meio social.

Ainda nesse contexto, Mondada e Dubois (2003) voltam-se às discussões que envolvem a formação de conceitos através de uma concepção mais ecológica. Para tanto, tomam por base a concepção de organização do conhecimento humano para fins adaptativos, na qual as categorias são dispostas em função da tipicidade de protótipos e o contexto também é um fator de influência, levando em consideração, para esse fim, as experiências humanas.

A fim de demonstrar na prática esse procedimento, recorreremos ao exemplo citado pelas autoras, que apontam para o fato de que, baseado no *continuum* das experiências humanas, por exemplo,

o piano pode ser categorizado como um instrumento musical no contexto de um concerto, ou como um móvel pesado e incômodo no contexto de uma mudança — e que se poderá facilmente imaginar um contexto discursivo em que a referência ao piano percorre sucessivamente uma e outra categoria (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 24).

Percebemos, através desse exemplo, que o procedimento que envolve a instabilidade nos discursos comuns se dá em função de uma escolha determinada para um fim específico, levando em consideração o contexto de uso adequado a uma ou outra categoria, conforme ressaltamos anteriormente.

Direcionando essa discussão sobre a instabilidade das categorias em função de controvérsias científicas, Mondada e Dubois (2003) argumentam, ainda, que essas controvérsias são causadas pela divergência nos julgamentos de dependência ou tipicidade, em que as diferentes possibilidades de categorização só são resolvidas quando a seleção e a marcação paradigmática e normativa de uma das possibilidades se sobressai à outra. Fatores sincrônicos e diacrônicos também exercem influência nessas categorizações, que, por sua vez, “não são evidentes nem dadas de uma vez. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 28). Desse modo, as ciências naturais se configuram como um local privilegiado, onde a categorização e a recategorização dos objetos fazem parte de um processo constante, em que se entende, descreve e concebe o mundo a partir de concepções que necessitam sempre ser revisitadas.

Compreendida a instabilidade constatada em função da relação entre as palavras e as coisas, partimos agora para a compreensão desse procedimento em torno de práticas linguísticas e cognitivas. Nessa perspectiva, enfatizamos a ideia de que a passagem da “referência” à “referenciação”, conforme já discutimos aqui, remete a um processo que tem como base a construção de versões públicas do mundo através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas. Como bem asseveram Mondada e Dubois (2003), esse é o ponto crucial para a discussão da instabilidade nas práticas linguísticas e cognitivas que remetem tanto

às transformações sequenciais das categorias no contexto quanto à função dos processos colaborativos de construção discursiva dos objetos.

Nesse âmbito, as autoras falam em favor de uma instabilidade manifestada em todos os níveis da organização linguística quando das atividades discursivas, sendo mais perceptível essa característica em produções orais do que em textos escritos, motivada, principalmente, pelo peso que têm as atividades discursivas realizadas em tempo real, em que fatores como hesitações, titubeações e outros corroboram para a desestabilização das categorias.

Em um aprofundamento da questão, Mondada e Dubois (2003) chamam uma atenção especial aos casos ocorridos em função da sintaxe do discurso oral, especificamente em relação às mudanças e rupturas ocorridas em tempo real. A respeito dessa concepção, elas acentuam que:

Estes fenômenos sintáticos manifestam processos de planificação de escolhas paradigmáticas ou de buscas lexicais: hesitando sobre um lexema, o locutor ativa e produz uma lista de lexemas, que podem estar ligados por uma relação de coordenação adicional ou podem constituir uma série de candidatos mutuamente exclusivos, um estando mais apropriado que o outro (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 29).

Dessa forma, percebemos que a instabilidade das categorias em práticas linguísticas e cognitivas sofre influência dessa atividade realizada em tempo real, em que são realizadas escolhas paradigmáticas ou buscas lexicais em função daquilo que melhor se adapta a um contexto determinado.

Nessa perspectiva, outros procedimentos que remetem à instabilidade nas práticas linguísticas e cognitivas merecem ser ressaltados, como a seleção de diferentes lexemas no processo, em que uma primeira seleção de um termo remete a uma concepção canônica de determinado objeto, que posteriormente pode ser associado a uma segunda descrição que é geralmente associada a uma crítica.

Para uma compreensão mais aprofundada desse procedimento, vejamos um exemplo citado por Mondada e Dubois (2003) que remete a essa concepção:

(3) Isso que nesta região convencionamos chamar de *estradas*; que desafortadamente indicamos como tais nos mapas por uma linha dupla, usada em outros lugares para indicar grandes vias de comunicação, não passa de *atalhos* de um pé de largura, cavados numa profundidade de oito ou dez polegadas (Citado por MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 33, *grifos das autoras*).

Nesse exemplo, percebemos que a primeira seleção realizada, “estradas”, direciona a um termo canônico que envolve o processo, enquanto a segunda seleção, “atalhos”, direciona a uma retificação que se associa diretamente a uma crítica. Em termos de categorização, Mondada e Dubois (2003) tomam esse processo como a seleção de uma categoria prototípica ou estereotípica realizada em um primeiro momento, para que então, posteriormente, operem-se as modificações necessárias que levam à transformação do objeto de um domínio semântico para um ponto periférico. Assim se provoca uma recategorização radical que pode, inclusive, remeter à imposição de um ponto de vista, posteriormente contrastado com os precedentes.

Compreendidos os procedimentos que remetem à instabilidade das categorias, passamos agora aos processos que remetem a sua estabilização. Mondada e Dubois (2003) tratam inicialmente do processo de estabilização das categorias em um nível psicológico, através da prototipicidade, para posteriormente abordar os processos em um nível mais linguístico, considerando a lexicalização, os estereótipos e as anáforas. As autoras tomam como base os postulados de Rosch (1978) sobre os princípios da categorização, que têm levado a acentuar um estatuto de representações estruturadas e estabilizadas. Em outros termos, conforme as teóricas, “o sistema cognitivo construiria, com a ajuda de protótipos, as invariantes psicológicas que dariam uma estabilidade às interpretações que os homens fazem do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003. p. 41). Dessa forma, a ideia de protótipo é definida como o resultado das construções psicológicas e individuais que faz o sujeito, embora a lexicalização contribua posteriormente para a sua estabilização.

Considerando esse processo em função dos nomes, tomados como rótulos, temos que esses rótulos correspondem aos protótipos e contribuem para o processo de estabilização, primeiramente quando correspondem às unidades discretas da língua e permitem uma descontextualização do protótipo, de acordo com os paradigmas disponíveis na língua, garantindo a sua invariância através dos contextos. Posteriormente, encontramos na nomeação do protótipo a possibilidade de seu compartilhamento através da prática linguística, o que o torna um objeto social e estabilizado que evolui, através de sua representação coletiva, para os estereótipos.

Mesmo considerando as proposições de Rosch (1978), Mondada e Dubois (2003) não poupam críticas a algumas considerações feitas pela autora. Uma delas está relacionada ao fato de entender como um problema, nas análises de Rosch, uma tendência a reduzir a língua a uma simples nomenclatura, fato que vai de encontro aos postulados da referenciação por elas adotado. Outra crítica realizada se dá em função de as autoras considerarem que a passagem prototípica para a estereotípica, através da lexicalização, necessitaria ser explicada em função de um nível intersubjetivo, considerando-se o fato de que esse processo é socialmente construído.

Discutindo outros casos de estabilização, as pesquisadoras investigam ainda como se constrói o processo em função de anáforas e procedimentos para estabilização discursiva. Para isso, começam por conceber a ideia de que os fenômenos invocados para avaliar a generalidade das instabilidades nos discursos intervêm também nos procedimentos de estabilização.

Nesse enquadre, Mondada e Dubois (2003, p. 43) tomam como exemplo o fato de que

a anáfora tem sido vista tanto como um modo de ilustrar tipicamente o problema dos referentes evolutivos (Charolles; Schnedecker, 1994), quanto como um modo de estabilizar ou de focalizar uma denominação particular, excluindo para isso outras possibilidades, mesmo se elas estiverem potencialmente disponíveis no texto.

Dessa maneira, através da análise de alguns exemplos, elas defendem a ideia de que as anáforas denotam, nessa perspectiva, uma concepção geralmente associada a uma escolha determinada em função de um discurso que geralmente leva à desqualificação. Outra possibilidade percebida é de que a repetição de um mesmo termo originada através da anáfora é utilizada como estratégia para estabilizar um objeto tido como protótipo, e que a necessidade de repetição excessiva desse termo demonstra a instabilidade percebida em descritores particulares. O último caso analisado no procedimento de estabilização é percebido em função da materialização das categorias cognitivas e linguísticas por meio de diferentes técnicas realizadas através dos meios de inscrição.

Abordando a questão das funcionalidades da escrita para o homem dentro de um contexto histórico, Mondada e Dubois (2003) argumentam, dentre outras possibilidades de exploração, que as listas lexicais favorecem a emergência de uma

norma que legitima e avalia a correção linguística, fator que concorre diretamente para a sua estabilização em um sistema. Ressalta-se o fato de que essas listas lexicais favorecem a co-presença descontextualizada de unidades linguísticas, o que abre a possibilidade de consideração da língua como um objeto de estudo, como um sistema através do qual é possível desenvolvê-la especialmente em suas relações abstratas e descontextualizadas.

Desse modo, elementos como a escrita tabular, o surgimento da imprensa, das gramáticas e dos dicionários corroboram a ideia de estabilização. Um exemplo disso pode ser percebido no favorecimento do pensamento científico ocasionado pelas tecnologias da inscrição, que contribuem ativamente para a ciência moderna. Outros procedimentos, como a disponibilidade de gravuras técnicas detalhadas, também contribuem para essa estabilização, considerando o fato de implementarem descrições verbalizadas.

Levando em consideração toda a discussão aqui apresentada, Mondada e Dubois (2003) revisitam a “referência” através de duas linhas argumentativas — uma delas referente à categorização, motivada por pesquisas psicológicas sobre os processos pelos quais os sistemas cognitivos dão uma estabilidade ao mundo — e a outra sob uma perspectiva interacionista e discursiva, em que são levados em consideração os processos de referenciação de modelos públicos de mundo.

Dessa maneira, o processo de referenciação levantado pelas autoras transforma a questão da referência, pois, em vez de conceber as relações entre as palavras e o mundo como protocolares, explicita os diferentes níveis nos quais a referência é produzida pelos sistemas cognitivos humanos. Mondada e Dubois (2003, p. 49) argumentam que essas concepções levam ao “reconhecimento do papel central das práticas linguísticas e cognitivas de um sujeito ‘envolvido’, social e culturalmente ancorado, assim como da multiplicidade, mais ou menos objetivada, mais ou menos solicitada, das versões do mundo que elas produzem”.

Discutidos os parâmetros do processo de referenciação através de seus postulados iniciais, passamos agora aos desdobramentos por ele ocasionado, tomando como base a discussão proposta por Custódio Filho (2011), em que o autor fala em favor de diferentes possibilidades de análise abrangidas no processo de referenciação, atualmente vinculadas a duas tendências investigativas.

1.3.1 Os desdobramentos advindos do processo de referenciação

Conforme percebemos, a referenciação, em oposição à referência, configura-se como um processo que toma como não especular a relação entre as palavras e os objetos do mundo, tendo sido postulada na literatura da área a partir dos pressupostos advindos da investigação de Mondada e Dubois (2003). Nesse trabalho pioneiro, vimos, também, a discussão em torno dos procedimentos apresentados pelas autoras que levam à estabilização e a desestabilização das categorias que concorrem para o processo de referenciação.

Nesse contexto, discutimos a partir de agora os desdobramentos advindos do processo de referenciação, tomando como base a investigação disposta em Custódio Filho (2011), sobre as diversas análises possíveis, atualmente vinculadas a duas tendências investigativas. É importante ressaltar que essas tendências não são definidas pelo autor como antagônicas, visto se utilizarem dos mesmos pressupostos, assinalando, inclusive, complementaridades. Diante disso, a diferença entre essas duas tendências é definida através do foco de investigação que cada uma delas adota para a realização do processo, que pode incidir na participação e na integração, ou não, de elementos não linguísticos para a construção da referência.

Abordamos inicialmente os estudos vinculados à primeira tendência do processo de referenciação, que toma como base uma concepção voltada a investigar como as expressões referenciais dispostas na explicitude textual são acionadas para a construção dos sentidos. De acordo com Custódio Filho (2011, p.126), “pode-se dizer que essa tendência parte das expressões referenciais acionadas em um texto para refletir sobre a natureza sociocognitivo-discursiva do fenômeno”. Chamamos atenção, mais uma vez, para a oposição feita entre as concepções de referência e referenciação discutidas anteriormente, em que, na primeira, tradicionalmente, são evidenciadas reflexões que se prendem às relações de equivalência entre o anafórico e seu antecedente/consequente, restritas à cotextualidade. Na segunda, através de uma abordagem sociocognitiva, são investigadas de que forma as relações entre as expressões referenciais dispostas no texto homologam a construção dos sentidos.

Nessa discussão, Custódio Filho (2011) dispõe os trabalhos associados à primeira tendência a partir de uma classificação que leva em conta os que tratam de uma estratégia de referenciação específica e aqueles que apresentam propostas

gerais de estratégias referenciais. Enfocando primeiramente os que tratam de uma estratégia de referenciação específica, na primeira tendência encontramos aqueles trabalhos que tratam do encapsulamento (ou rótulo), rotulação metadiscursiva, dêixis, anáfora recategorizadora e anáfora indireta, os quais discutimos, caso a caso, a partir de agora.

Tomando inicialmente a discussão do encapsulamento anafórico, ou rótulo, Custódio Filho (2011, p. 128) define o fenômeno como aquele que “corresponde ao processo em que uma expressão referencial, retrospectiva ou prospectiva, remete a uma porção cotextual de caráter proposicional, que passa a ter o estatuto de referente a partir da utilização de tal expressão”. O autor, dentro dessa perspectiva, toma como referência os trabalhos propostos por Francis (2003) e Conte (2003). Levando em consideração essa definição de encapsulamento disposta em Custódio Filho (2011), em relação aos estudos vinculados à primeira tendência, entendemos que a retomada acontece, grosso modo, como uma compilação de uma parcela do texto através de uma expressão referencial que resguarda toda a informação anteriormente disposta. A respeito dessa estratégia, mais à frente, já sob a perspectiva da segunda tendência, perceberemos que esse processo de retomada não se dá apenas em função de expressões verbais, visto que outras semioses podem ser convocadas para a sua homologação.

Outra estratégia de referenciação específica apresentada nessa discussão envolve a “rotulação metadiscursiva”, a qual Custódio Filho (2011) compreende como um tipo especial de encapsulamento, especificamente voltado à atividade enunciativa, que tem em Jubran (2003; 2005) sua principal representante. Dada essa concepção, vejamos outros processos referenciais específicos.

Dentro desse universo que estamos discutindo, a dêixis é definida como aquela que “diz respeito à localização e identificação de diversos aspectos (pessoas, objetos, eventos, processos) em relação a um contexto espaço-temporal, criado em uma situação de enunciação em que haja pelo menos um falante e um ouvinte” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 129), e no qual, para a construção de referentes, é essencial o “apontar” realizado pelo enunciador. São tomados como parâmetros nesse processo as investigações dispostas em Cavalcante (2000) e Ciulla e Silva (2002).

Ainda no universo dos trabalhos vinculados à primeira tendência, encontramos aqueles que discorrem a respeito da recategorização anafórica, em

que uma anáfora reconstrói um referente que foi dado anteriormente ao longo da atividade discursiva. Essa atividade de reconstrução do referente, proporcionada pelas escolhas realizadas pelo enunciador, tem seus postulados iniciais erigidos a partir dos estudos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Nelas, o fenômeno é voltado para os casos de correferencialidade, ou seja, é concebido apenas em casos de anáforas diretas, posição posteriormente redimensionada a partir do aprofundamento dos estudos em recategorização (a exemplo de LIMA, 2003), que hoje constata a verificação do processo tanto em casos de encapsulamento quanto em anáforas indiretas, das quais trataremos a partir de agora.

Na anáfora indireta, temos uma estratégia em que um novo referente é inserido no texto/discurso como se já tivesse sido apresentado anteriormente, concorrendo para isso o contexto no qual ele se insere. Para Custódio Filho (2011, p. 131), “isso decorre do fato de o contexto estabelecido até um determinado momento permitir uma gama de referentes potencialmente ativáveis, os quais, quando aparecem, já são esperados”.

Essa concepção vai ao encontro da abordagem cognitiva que discutimos ao longo deste capítulo, em que, para construir os sentidos do texto, o interlocutor faz uso de conhecimentos ativados a partir de esquemas cognitivos construídos socialmente. Desse modo, conforme Custódio Filho (2011, p. 132), “os trabalhos sobre anáfora indireta têm como objetivo principal esclarecer os aspectos contextuais (incluindo-se o aparato cognitivo) que interferem no processamento dessas ocorrências”.

Passando agora a algumas concepções dos trabalhos que apresentam propostas gerais sobre as estratégias de referenciação, encontramos em Custódio Filho (2011, p. 132) a concepção de que “esses trabalhos têm, entre outros propósitos, o de mostrar propostas classificatórias das estratégias referenciais, para orientar as análises textuais”, merecendo destaque nesse universo os trabalhos de Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi (2000), Koch (2003) e Cavalcante (2003; 2004). Particularmente, consideramos válida qualquer forma de classificação que facilite a percepção em torno do processo, embora acreditemos que a dinamicidade do processo de referenciação faça com que algumas dessas classificações necessitem constantemente de revisitações.

Apresentada a abordagem que caracteriza a primeira tendência dos estudos vinculados aos desdobramentos do processo de referenciação, passamos agora à

abordagem que caracteriza a segunda tendência, que tem como foco o questionamento realizado em torno de como os elementos que participam da configuração textual — a exemplo dos aspectos socio-históricos e circunstanciais, do aparato cognitivo e dos elementos dispostos na superfície textual — são acionados para a construção dos referentes.

A respeito dessa concepção, Custódio Filho (2011, p. 139) acentua que:

Além de entender como as relações entre as expressões referenciais podem ser tratadas sob o viés sociocognitivo-discursivo, importa saber como os referentes, construtos fundamentais para a produção dos sentidos, são elaborados, levando-se em conta que tal construção é passível de ocorrer dentro de uma dinâmica muito mais ampla, que não se limita, exclusivamente, ao universo das expressões referenciais.

Através dessa explanação realizada pelo autor, é possível aprofundarmos nossa compreensão à diferença existente entre a primeira e a segunda tendência. Enquanto, na primeira, a construção dos referentes é homologada por uma expressão referencial disposta na explicitude do texto, na segunda tendência, o processo é homologado a partir da integração de múltiplos fatores. Assim, o processo ultrapassa o universo das expressões referenciais dispostas na explicitude textual, assumindo uma complexidade muito maior. Nesse quesito, a adoção de uma abordagem sociocognitiva se constitui como fundamental, pois assinala o texto como um construto multifacetado, em que o sentido advém da própria interação. Nesse âmbito, vejamos algumas considerações levantadas por Custódio Filho (2011) que envolvem as contribuições que compreendem essa tendência.

Conforme ressaltamos anteriormente, a construção dos sentidos nessa segunda tendência não se restringe à consideração das expressões referenciais explícitas no texto, ou seja, há uma ampliação do processo de construção dos referentes para elementos que transpassam a materialidade textual. É justamente nesse ponto que reside a primeira característica mais relevante da segunda tendência, o fato de que a construção dos sentidos leva em consideração a relação entre várias porções cotextuais, característica percebida nos postulados que remetem à “recategorização metafórica”.

Partindo de observações feitas nos postulados de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Lima (2003; 2009) e Leite (2007), Custódio Filho (2011) chama atenção ao fato de que a construção dos sentidos advém de processos que

ultrapassam a relação entre o termo recategorizador e o termo recategorizado, seja ela realizada através de uma anáfora direta ou através de uma anáfora indireta.

Para uma compreensão mais aprofundada dessa questão, vejamos um exemplo analisado por Lima (2003):

(4) E tem aquela do sujeito que chega em casa e encontra a filha agarradinha com o namorado. Aliás, bem agarradinha. O pai então dá o maior estrilo:
 — Que pouca vergonha é essa?!
 E o rapaz, todo sem jeito:
 — Bem, o senhor sabe, eu estou apenas mostrando a minha afeição para a sua filha.
 E o pai da moça:
 — É! Tô vendo que sua afeição é grande! Mas bota ela pra dentro da calça!... (citado por LIMA, 2003, p. 124).

Considerando esse exemplo analisado por Lima (2003), notamos que a compreensão do efeito cômico da piada passa diretamente pela recategorização metafórica da expressão “afeição” como “órgão sexual masculino”. Percebemos ainda que, para a construção dos sentidos, é necessário ultrapassar a relação existente entre os elementos cotextuais e correferenciais explícitos no texto, ou seja, a construção do sentido na piada é viabilizada por meio das inferências relacionadas ao *frame* “relacionamento”, já que é comum aos casais em início de namoro um grande nível de excitação que, às vezes, ultrapassa certos limites, conforme demonstra o exemplo.

Diante dessa perspectiva, consideramos importante enfatizar que, assim como os autores que convocamos para essa discussão, não estamos aqui desprezando o papel exercido pelos elementos cotextuais nesse processo. Ao contrário, corroboramos o fato de que eles resguardam um importante papel para a construção dos sentidos, visto que “a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas” (LIMA, 2009, p. 188).

Outro fenômeno, evidenciado, principalmente, nas investigações realizadas por Costa (2007), está associado à segunda tendência e remete a expressões referenciais que retomam objetos de outro contexto. Essa autora analisa certos usos referenciais em mensagens eletrônicas trocadas em Comunidades Virtuais da Linguagem, tendo como objetivo “compreender os fenômenos cognitivo-discursivos

que parecem ser inerentes à comunicação em geral, mas que nos são mostrados, de forma mais evidente, nesses contextos mais específicos” (COSTA, 2007, p. 12). Desse modo, os fenômenos cognitivo-discursivos mencionados pela autora fazem referência ao próprio processo de referenciação, enquanto os contextos mais específicos ao “encapsulamento anafórico” fazem referência a uma abordagem relacionada à primeira tendência.

Assim, nessa concepção apresentada a respeito dos trabalhos vinculados à segunda tendência, percebemos um avanço em relação à concepção de “encapsulamento” discutida na abordagem que trata da primeira tendência. Aqui, o encapsulamento anafórico não se restringe apenas à retomada de porções de um mesmo cotexto, conforme conhecemos na literatura da área, mas alude a conteúdos veiculados fora da mensagem abordada naquele instante, ampliando assim esse processo. Em vista disso, como o conteúdo encapsulado não se encontra naquele cotexto, é necessário recorrer às mensagens dispostas anteriormente em outros cotextos para que o processo seja homologado.

De fato, o trabalho de Costa (2007) suscita questionamentos importantes em torno de conceitos aparentemente estabilizados na literatura. Baseado nesse trabalho, Custódio Filho (2011) traz um questionamento que envolve a própria definição de anáfora. Como o processo se realiza direta ou indiretamente entre partes de um mesmo texto, ele questiona se haveria a necessidade de se estabelecer uma nova categoria que contemplasse uma relação entre partes de textos distintos. Outro questionamento suscitado pelo autor, considerando as investigações realizadas por Costa (2007), remete à definição dos limites formais do texto. Dessa maneira, Custódio Filho (2011) questiona se seria possível definir o início e o fim de um texto, levando em consideração essa ampliação do processo à retomada de objetos dispostos em outros cotextos. Para esses questionamentos, a resposta gira em torno do próprio tratamento oferecido ao texto, ou seja, a resposta está diretamente relacionada à forma como os fenômenos textual-discursivos são compreendidos na abordagem sociocognitiva.

Dentro dessa perspectiva, ressaltando a dinamicidade que tanto enfatizamos nesse trabalho no que se refere à compreensão dos processos referenciais e aos objetos postos para a investigação, consideramos que a definição que remete ao encapsulamento já reclame por uma atualização, tendo em vista o fato de o processo, que é tradicionalmente associado aos textos verbais, já começar a ser

percebido em outras modalidades textuais, mais especificamente nas verbo-imagéticas. Essa questão pode ser percebida nas investigações dispostas em Lima (2017), quando a autora ressalta a possibilidade de realização do fenômeno em textos verbo-imagéticos, em que uma parte textual pode encapsular uma semiose imagética, embora a autora reconheça que “essas reflexões devem ser vistas como embrionárias” (LIMA, 2017, p. 113).

Nesse universo, considerando ainda os desdobramentos advindos do trabalho pioneiro de Mondada e Dubois (2003), e também a vinculação de trabalhos a duas tendências de investigação, Custódio Filho (2011) postula um tipo de construção dos referentes em que não há a necessidade de menção a uma expressão referencial para a homologação do processo, que se diferencia, portanto, dos demais modelos discutidos anteriormente.

Nessa perspectiva, a posição assumida pelo autor é a de que a atividade referencial pode ocorrer sem que haja a necessidade de um sintagma nominal específico para tal finalidade. A respeito dessa nova concepção do processo, Custódio Filho (2011, p. 148) acentua que “tal possibilidade só passa a ser considerada quando se assumem, ou melhor, quando se levam em conta, nas análises, as consequências do princípio de que a construção do sentido é resultado da integração de múltiplos fatores (linguísticos e extralinguísticos)”.

Nesse âmbito, diferentemente dos modelos concebidos para a referenciação que discutimos anteriormente, a “construção de referentes sem menção referencial” não toma a “necessidade intrínseca de a referência ser manifestada, textual e discursivamente, apenas por expressões referenciais” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 148).

Para exemplificação, trazemos uma análise utilizada pelo autor como justificativa à configuração dessa nova proposta:

- (5) — Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa: o que o senhor fazia no emprego anterior?
 — Eu era funcionário público!
 — OK! O senhor pode contar até dez?
 — É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás (citado por CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 148).

Através da análise realizada por Custódio Filho (2011), percebemos que o referente “entrevista de emprego” é construído sem que haja menção explícita a ele e que esse processo se dá em função de alguns elementos presentes no texto,

como a fórmula de início “antes de começarmos”, o questionamento que faz alusão ao emprego anterior, a dêixis social “o senhor” e a rotina tomada que coaduna para a homologação desse referente.

Embora postule um processo no qual a necessidade de uma expressão referencial não seja intrinsecamente necessária para a construção do sentido, Custódio Filho (2011) faz questão de ressaltar que isso não significa desprezar o valor que têm as expressões referenciais para a construção da referência e também que, com base na classificação por ele proposta, as duas tendências venham a se digladiar. Conforme já ressaltamos neste trabalho, as duas tendências diferem apenas pelo foco de análise que cada uma adota, podendo incidir na participação e integração, ou não, de elementos não linguísticos na construção da referência.

Levando em consideração justamente essa concepção que incide na participação e integração de elementos não linguísticos na construção da referência, o autor traz à tona uma discussão muito debatida atualmente e que está diretamente ligada à relação existente entre as práticas referenciais e a multimodalidade. Para essa discussão, cada vez mais relevante na literatura da área, concorre o questionamento sobre como a construção dos sentidos no texto pode ser homologada por outros elementos que prescindem do verbal.

Custódio Filho (2011, p. 152) salienta que

é preciso ressaltar que esses outros elementos podem ser considerados como todo o conjunto de recursos contextuais (em sentido amplo) disponíveis quando da construção dos referentes no texto. Isso quer dizer que, numa dimensão, a parte não verbal do processo pode ser entendida como o aparato de conhecimentos prévios (assentados sociocognitivamente) ativados para a produção e a compreensão textuais.

Essa questão levantada pelo autor corrobora o que atualmente se discute na Linguística de Texto, em que se considera o fato de que a semiose verbal já não é mais a única responsável pela construção dos sentidos no texto. A concepção empregada, nesse sentido, é a de que a integração entre as diversas semioses é responsável por esse processo.

Nesse sentido, o autor ainda fala em favor de uma dimensão mais específica de alcance do não verbal, perceptível em casos que envolvem as práticas referenciais e a multimodalidade, ressaltadas por ações como o “conjunto de gestos, expressões faciais e outros recursos disponíveis na comunicação face a face que

podem inferir no processo de negociação dos objetos de discurso dados a conhecer” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 150), destacando assim que o processo de construção de referentes não necessariamente precisa passar por um tratamento linguístico.

Levando em consideração toda a discussão que trouxemos para esta seção, o que percebemos, de fato, é que os desdobramentos advindos do processo de referenciação passam por um refinamento que remete a um aprofundamento cada vez mais complexo do fenômeno. Nesse universo, a referenciação passa de uma concepção em que as expressões referenciais dispostas no texto são tomadas como elementos fundamentais para a construção dos sentidos para outra concepção em que não há sequer a necessidade de manifestação dessas expressões para a homologação do processo. Dessa forma, o referente passa a ser construído pela consideração de múltiplos fatores.

Decorridas as discussões postas a respeito dos desdobramentos advindos do processo de referenciação, discutiremos um processo referencial específico, mais precisamente o que tomamos como objeto para a realização deste trabalho: a recategorização.

1.3.2 Os parâmetros do processo de recategorização

Apresentados os desdobramentos do processo de referenciação, postulado na literatura da área através das investigações dispostas em Mondada e Dubois (2003), aprofundamos, a partir de agora, a nossa discussão em torno de um processo referencial específico, considerando o objeto de investigação que adotamos para este trabalho: a recategorização.

Destarte, estabelecemos como parâmetro para a discussão do processo, a investigação proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que se constitui como a base para as investigações posteriores, e aquelas dispostas em Lima (2009; 2017), Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015), por apresentarem uma considerável ampliação do estudo pioneiro.

O recorte estabelecido para essa discussão se dá em função do direcionamento que adotamos para a realização desta investigação, motivados pelo fato de considerarmos a recategorização um processo não homologado, exclusivamente, em torno de expressões referenciais dispostas na materialidade

textual, assim como os trabalhos que convocamos ao diálogo, exceção feita aos postulados iniciais desse processo.

Ressaltamos que delimitar a nossa discussão às investigações que ampliaram consideravelmente o processo de recategorização não significa desprezar a importância das investigações anteriores. O que pretendemos foi dinamizar as discussões para investigações que refletem o processo da mesma maneira como o percebemos, em função de direcionarmos a nossa discussão para uma abordagem bem específica.

Fundada através da investigação disposta em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), a recategorização é um processo que toma por base a remodulação dos objetos de discurso dispostos no texto conforme as diferentes condições enunciativas. Para ilustrar esse processo, trazemos o exemplo clássico utilizado pelos autores para explicar a ocorrência do fenômeno:

(6) Um rapaz suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias atrás pela polícia de Paris. Ele havia “utilizado” a linha de seus vizinhos para fazer ligações para os Estados Unidos em um montante de aproximadamente 50.000 francos. **O tagarela...** (citado por APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 262, grifo do autor).

Observando o exemplo apresentado pelos autores, a expressão “o tagarela” tanto retoma quanto remodula a expressão referencial “um rapaz suspeito”, em atendimento a determinada condição enunciativa, caracterizada pelo desvio de uma linha telefônica. Verificamos, ainda, através desse exemplo, que a informação nova apresentada no texto é revestida de um julgamento realizado pelo enunciador em função desse desvio telefônico observado no contexto.

Sobre essa concepção pioneira da recategorização apresentada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), consideramos necessário enfatizar alguns pontos que se fazem importantes para a compreensão do processo. Um deles reside no fato de que, nessa concepção inicial, o processo se coloca como restrito aos casos de “recategorização lexical”, ou seja, a concretização do processo leva em consideração apenas os elementos dispostos na explicitude do texto, característica posteriormente revista com o aprofundamento das investigações.

Outro ponto importante a ser ressaltado é a proposta de classificação apresentada pelos autores, realizada em torno do tipo de manifestação das

expressões anafóricas no texto. Nessa concepção, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) consideram que as expressões anafóricas não têm apenas a função de retomar uma expressão referencial disposta no cotexto, mas também de modificá-la, indo ao encontro da própria concepção do processo de recategorização. Na definição dessa proposta, postulam a existência de três situações variadas de ocorrência do processo, a saber: (I) quando há uma transformação do objeto de discurso no momento da designação anafórica; (II) quando a expressão referencial anafórica não leva em conta os atributos do objeto predicado anteriormente e (III) quando a expressão referencial anafórica homologa os atributos do objeto explicitamente predados, situações essas das quais tratamos separadamente a seguir.

Enfatizando a primeira das três situações de ocorrência do processo, Lima (2009, p. 31) nos diz que essa situação trata

os casos de recategorização em que o objeto de discurso sofre uma transformação operada pelo anafórico sem a retomada de nenhum atributo predicado anteriormente sobre esse objeto e sem que se estabeleça nenhuma relação com as modificações que possam ter sido por ele sofridas.

Percebemos, nessa primeira situação, que uma nova característica é atribuída ao referente através da recategorização sem que essa informação tenha sido apresentada no contexto. Desse modo, o processo atua tanto como uma anáfora quanto conduz a uma nova informação.

Vejamos um exemplo que justifica essa ocorrência:

(7) [Artigo relatando o julgamento de um motorista responsável por um acidente] Ele reconhece ter rodado bêbado (...). O tribunal de correção infligiu ontem uma pena de reclusão a **este recidivista** (citado por APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 247), 2009, p. 31, *grifos dos autores*).

Conforme o exemplo anterior, observamos que o termo “este recidivista” retoma e recategoriza o referente “ele” (motorista), proporcionando uma nova informação que não havia sido mencionada anteriormente, ou seja, não há em nenhum momento a informação de que o motorista era reincidente, logo esse último termo tanto retoma anaforicamente o referente “ele” (motorista) quanto conduz a uma informação nova, através da recategorização lexical.

Passando à segunda situação apresentada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), temos os casos em que uma predicação é responsável pela recategorização do objeto de discurso, mas um termo anafórico posterior acaba por desprezar esse processo. É o que percebemos no exemplo disposto a seguir:

(8) A ostra, da grossura de um calhau médio, é de uma aparência muito enrugada (...). É um mundo obstinadamente fechado. Mas pode-se abri-la: é preciso tê-la no oco de um esfregão (citado por APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 261, *grifos do autor*).

Nesse exemplo, a expressão referencial “a ostra”, de designação feminina, é recategorizada como “um mundo obstinadamente fechado”, designação tipicamente masculina, para posteriormente ser retomada por pronomes anafóricos de designação feminina, desconsiderando assim a recategorização realizada anteriormente.

A última dessas situações apresentadas pelos autores remete aos casos de recategorização em que um anafórico posterior homologa as diversas transformações sofridas pelo objeto de discurso, tomando para isso as transformações decorrentes da predicação de um ou mais atributos associados a ele. Esse caso pode ser percebido através do exemplo (6), em que a recategorização anafórica “o tagarela” retoma a expressão referencial “um rapaz suspeito”, tomando por base uma predicação associada ao sujeito naquele instante, na qual ele é suspeito do desvio de uma linha telefônica.

Conforme já discutimos neste trabalho, a homologação do processo de recategorização se dá inicialmente em torno de expressões referenciais explícitas no texto, o que se denomina de “recategorização lexical”. Os autores falam em favor de uma classificação para essas recategorizações lexicais, de acordo com as transformações operadas pelo anafórico, dispostas em “recategorizações lexicais explícitas”, “recategorizações lexicais implícitas” e “modificações da extensão do objeto ou de seu estatuto lógico”. Com o objetivo de aprofundar nossos conhecimentos a respeito desses tipos de recategorizações, passamos a algumas considerações acerca dessa classificação.

A “recategorização lexical explícita” é tomada como uma predição de atributo de um objeto de discurso, como é o caso do exemplo clássico aqui apresentado e discutido, em que o referente “um rapaz suspeito” é recategorizado como “o

tagarela”. Em vista disso, dentro dessa classificação disposta sobre a “recategorização lexical explícita”, os autores propõem ainda uma subclassificação em torno de quatro funções discursivas, a saber: argumentação, denominação reportada, aspectualização e sobremarcação da estrutura discursiva. Isso posto, vejamos brevemente o que nos diz cada uma dessas funções.

Segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), na função argumentativa, disposta na recategorização lexical explícita, temos, conforme o próprio desígnio, a ideia de que a recategorização atende a um propósito argumentativo, materializado através de uma metáfora ou um lexema marcado axiologicamente que acrescenta um ponto de vista avaliativo. Na denominação reportada, encontramos os casos em que o processo de recategorização assinala um ponto de vista de uma pessoa sobre o objeto de discurso e, na subclassificação chamada aspectualização, as modificações realizadas em torno da recategorização lexical ocorrem como resultados da evolução de um aspecto, e não se retoma nenhum dos atributos dispostos anteriormente. Por fim, há a sobremarcação da estrutura discursiva, sobre a qual Lima (2009, p. 33) acentua que “o objetivo da recategorização parece ligar-se à organização da estrutura textual, como reforçar a mudança de parágrafo ou sobremarcar a fronteira entre os dois segmentos do texto, tendo em vista aumentar a visibilidade de expressão referencial”.

Passando agora ao segundo tipo de recategorizações, as lexicais implícitas, encontramos como característica essencial a esse processo a homologação marcada exclusivamente por pronomes. Além disso, essas recategorizações podem ser classificadas em torno de suas funções, a saber: redução de uma ambiguidade referencial, motivação de gênero gramatical, indicação de uma conotação particular, abandono de determinações, passagem para um nível metalinguístico, metonimização, fragmentação do objeto de discurso e fusão de objetos de discurso. Para não nos alongarmos na discussão em torno dessas classificações, que se resumem, na investigação realizada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), à operação de um anafórico através de pronomes, indicamos uma breve leitura dos postulados dos autores.

Por fim, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) tratam de mais um tipo de classificação para as recategorizações lexicais, percebido através das modificações da extensão do objeto ou de seu estatuto lógico. Nessa classificação, eles evidenciam que algumas transformações do objeto operadas pelo anafórico dizem

respeito à sua extensão, possivelmente seu estatuto lógico, o que deixa intacta, de certa forma, a categorização lexical. Essas transformações podem ser percebidas através do abandono de determinações, da passagem para um nível metalinguístico, pela metonimização, pela fragmentação do objeto de discurso e também pela fusão do objeto de discurso, para os quais também indicamos a leitura dos postulados dos mesmos autores.

Para nosso trabalho, consideramos importante enfatizar a relevância dessa proposta precursora de classificação das recategorizações lexicais, que tornou possível a discussão em torno das variadas possibilidades de operação anafórica, ainda que nesse primeiro momento elas se resumam à explicitude textual.

Ademais, ressaltamos mais uma vez que a investigação de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) se configura como a base para as investigações posteriores que tratam da recategorização. Ainda que, por vezes, seja alvo de críticas lançadas por aqueles que se dedicaram a aprofundar os estudos a respeito da concepção desse processo, elas não retiram a importância do seu estudo, o que é ressaltado nas diversas investigações.

Nesse sentido, temos um exemplo na crítica realizada por Lima (2009, p. 38), relacionada à descrição da classificação postulada pelos autores:

Ressaltamos a importância da proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) como norte para a realização de outros trabalhos afins [...]. Por outro lado, não podemos nos abster de fazer críticas a essa classificação, principalmente pela falta de clareza e uniformidade dos critérios adotados na sua configuração, sem mencionar uma excessiva economia descritiva, o que dificulta uma melhor apreensão de seu conteúdo e de sua aplicação.

Conforme percebemos, mesmo sujeita a críticas, a proposta erigida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) ainda é um sustentáculo essencial para as investigações que a sucederam, das quais gostaríamos de destacar, inicialmente, no universo daquelas que tomamos como base para esta investigação, a proposta disposta em Lima (2009). Nessa investigação, o autor defende como patente a natureza cognitivo-discursiva do processo de recategorização, constituindo para esse fim uma interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, ampliando assim, consideravelmente, os postulados iniciais do fenômeno.

Como consequência, a homologação do processo de recategorização deixa de se restringir às expressões referenciais dispostas na materialidade do texto e se

redimensiona, de forma a “alcançar os vários níveis de sua realização em termos de explicitude, bem como dá margem à possibilidade de ampliar a sua descrição por meio da reconstrução da rede conceitual/inferencial subjacente às expressões linguísticas recategorizadoras” (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 304).

Dessa maneira, a ampliação proposta por Lima (2009) direciona o processo a outras vertentes, considerando para isso o dinamismo inerente à recategorização, que assume como desdobramentos a concepção de que

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais (LIMA, 2009, p. 57).

Para demonstrar na prática esses desdobramentos advindos da proposta de Lima (2009), passamos a um exemplo analisado pela autora, que ilustra essa concepção.

(9) A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:
 — Doutor, o senhor esqueceu a porta da sua garagem aberta!
 Ele fecha rapidamente a braguilha e diz, com a voz cheia de malícia:
 — Por acaso a senhora viu a minha Ferrari vermelha?
 — Não senhor! Tudo que eu vi foi um fusquinha desbotado e com os pneus dianteiros totalmente murchos! (citado por LIMA, 2009, p. 59).

Na análise do exemplo, a autora ratifica essa ampliação do processo que estamos aqui discutindo, configurada através de uma interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva. Lima (2009) identifica quatro recategorizações no texto analisado: “Ferrari vermelha” como “genitália masculina”; “genitália masculina” como “fusquinha desbotado”; “testículos” como “pneus dianteiros totalmente murchos”; e a recategorização metafórica explícita de “braguilha” como “porta de garagem”. A autora ressalta, então, que as três primeiras recategorizações descritas nessa análise não são homologadas através das expressões referenciais manifestadas na superfície do texto, de forma que a sua construção e consequente recategorização ocorrem a partir das pistas textuais que evocam o *frame* de

“relacionamento sexual”, direcionando assim essa compreensão a um processo cognitivo.

Nesse universo, percebemos que a homologação do processo de recategorização não se dá através das expressões referenciais dispostas na materialidade textual, mas através de uma imersão em modelos cognitivos culturalmente estruturados que, nesse caso, remetem ao modelo de “relacionamento sexual”, conforme verificamos.

Um fator que merece destaque nessa discussão é que, embora não tenha se dedicado à análise de textos multimodais nesse trabalho, Lima (2009) propõe postulados, advindos de uma interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, que também se aplicam à análise dessa perspectiva textual. Enfatizamos, ainda, que “a proposta da autora avança na descrição dos aspectos cognitivos inerentes ao fenômeno, mas sem perder de vista também a sua dimensão discursiva nos processos de referenciação” (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 312).

Apresentados os principais pontos do trabalho proposto por Lima (2009), seguindo os parâmetros que adotamos para essa discussão, destacamos agora a proposta de Custódio Filho (2011), segundo a qual o autor fala em um tipo de recategorização que não necessita da manifestação de expressões referenciais no texto, por ele denominada de “recategorização sem menção referencial”, e que leva em consideração os desdobramentos do processo de referenciação de que já tratamos aqui.

Um fator para o qual vimos atenção constantemente ao longo deste trabalho é a dinamicidade apresentada pela referenciação e por seus desdobramentos, visto que muitas das concepções que encontramos atualmente estão diretamente ligadas à ampliação do objeto de estudo que envolve esse processo, no qual a multimodalidade ganha cada vez mais espaço. Conforme discutimos na primeira seção deste capítulo, quando tratamos da concepção sociocognitiva de texto, percebemos que a adoção dessa abordagem permite enxergar o objeto para além de sua materialidade, compreendê-lo em função de um conjunto de fatores que abrangem os aspectos linguísticos, cognitivos e sociais e ampliar as possibilidades de análise a outras semioses que não se resumem ao aspecto verbal.

A respeito dessa concepção, Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 65) acentuam que

A consideração das múltiplas semioses faz estremecerem os alicerces de uma disciplina que quase sempre, mesmo em seus estágios mais avançados do ponto de vista da capacidade explicativa, centralizou-se na primazia do verbo. Na verdade, a emergência de novas reflexões sobre o estatuto do texto e a operacionalização das investigações são reivindicações com o objetivo de trazer para o concreto das análises o que os pressupostos já deixam vislumbrar.

Diante dos trabalhos que trouxemos para esta discussão, encontramos em Custódio Filho (2011), Lima e Cavalcante (2015) e Lima (2017) uma investigação que conduz a uma aplicação de categorias da Linguística de Texto, mais especificamente voltada ao processo de recategorização, a textos multimodais. Conforme já informamos, não estamos menosprezando as investigações anteriores, contudo, visamos a discutir aquelas que mais se aproximam da proposta por nós aqui desenvolvida, ou seja, os trabalhos que tomam o processo de recategorização de forma mais ampla que o processo pioneiro.

Como os trabalhos de Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015) serão discutidos, especificamente, apenas na próxima subseção, incidimos a nossa discussão, nesse momento, sobre as importantes concepções que envolvem a ampliação do processo de recategorização apresentada nos postulados de Lima (2017). Essa autora aplica categorias de análise próprias dessa área a textos verbo-imagéticos, mais especificamente a recategorização e o encapsulamento, mas somente o primeiro processo será aqui discutido, já que se configura como o foco de nossa investigação.

Lima (2017) postula uma subclassificação para o processo de recategorização, na qual os referentes podem ser homologados através da semiose imagética, que ela denomina de “recategorização imagética”. Segundo a autora:

a imagem, além de introduzir um referente, tanto pode homologar a sua recategorização quanto evocar a sua reconstrução ancorada no plano cognitivo-discursivo. Desse modo, nos textos multimodais, é possível a ocorrência do processo de recategorização homologado por signos verbais, por signos não verbais ou numa relação de interdependência entre signos verbais e não verbais (Lima, 2017, p. 104).

Percebemos, assim, além de uma considerável ampliação dos postulados iniciais que envolvem o processo de recategorização, a valorização de uma semiose

que até então tinha o seu papel denegado frente ao “verbocentrismo” peculiar às investigações que tradicionalmente envolvem a Linguística de Texto.

Para demonstrar a ampliação dessa proposta e o papel da semiose imagética na homologação do processo de recategorização, vejamos um exemplo analisado por Lima (2017):

Figura 1: Exemplo 10



Fonte: Lima (2017, p. 105)

Na análise desse exemplo, Lima (2017) fala em favor de duas recategorizações homologadas pela semiose imagética, em que o referente “Sérgio Moro” é recategorizado como um anjo e o referente “Lula” é recategorizado como “um diabo”, em uma associação que remete ao embate entre o lado do bem e o lado do mal. A autora destaca ainda que outras informações imbricadas no processo de recategorização servem como pistas para a homologação do processo, como as expressões verbais “delação premiada” e “liberdade remunerada”, assim como as cores branca e vermelha, esta última, inclusive, podendo ser associada ao partido político do ex-presidente Lula. Diante dessa análise, percebemos a importância da semiose imagética para a homologação do processo de recategorização no exemplo analisado, ainda que Lima (2017) chame a atenção para o fato de que há, nesse caso, uma relação de interdependência entre as semioses verbal e imagética para a constituição do processo. A partir dessa proposição, observamos o “salto conceptual” desse postulado para os estudos em referência, confirmando assim

a ampliação do objeto de estudo para outras frentes que não se restringem ao “verbocentrismo”, conforme postulam Cavalcante e Custódio Filho (2010).

Nessa perspectiva, voltamo-nos agora à discussão que trata das investigações sobre o processo de recategorização disposto em Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015), e tratamos mais especificamente do nosso objeto de estudo, a “recategorização sem menção de expressão referencial”.

1.3.2.1 A recategorização sem menção de expressão referencial

Conforme vimos anteriormente, o dinamismo que envolve o processo de recategorização deu margem a um aprofundamento sobre o seu alcance aos textos multimodais, para os quais hoje podemos dizer que já há uma descrição mais refinada. Nesse universo, destacamos algumas investigações que contribuíram para a ampliação do processo de recategorização, dentre as quais convocamos Lima (2009, 2017), Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015) para o embasamento desta pesquisa, por encontrarmos nesses trabalhos a mesma concepção do processo que aqui assumimos, ou seja, a de que o fenômeno não é homologado, exclusivamente, em torno de uma expressão referencial explícita no texto.

Alguns desses trabalhos já foram aqui discutidos e, neste momento, passamos a tratar das investigações dispostas em Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015) mais especificamente a respeito de uma subclassificação do processo de recategorização. É justamente nessa subclassificação que embasamos a hipótese de nossa pesquisa, a qual aprofundaremos, porém, não sem antes passar pelos postulados dispostos nessas investigações.

Diante da discussão que levantamos até o momento, percebemos que a proposta inicial da recategorização, postulada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), concretiza-se através do direcionamento a sintagmas dispostos na explicitude textual, por isso definida como lexical. Vimos ainda que, através de uma interface entre a Linguística de Texto e Linguística Cognitiva, Lima (2009) chama atenção aos processos cognitivos inerentes ao fenômeno, assentando a ideia de que a homologação do processo de recategorização não se limita às expressões referenciais dispostas na explicitude textual, embora as pistas linguísticas sejam essenciais à sua concretização.

Nesse contexto, investindo em uma natureza sociocognitiva do fenômeno, Custódio Filho (2011) propõe uma subclassificação do processo de recategorização, por ele denominado de “recategorização sem menção referencial”. Nessa proposta, o autor fala em um tipo de recategorização que rompe com a necessidade de amarras formais para que o processo se efetive, ou seja, não há a necessidade de menção a uma expressão referencial específica, disposta na materialidade textual, para a homologação do processo. A respeito dessa concepção, o autor nos diz que “mesmo quando um referente é manifesto no texto por uma expressão nominal (ou por outro recurso), não é obrigatório que as transformações sofridas se restrinjam ao universo das relações internominais de que porventura ele venha a participar” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 167-168).

Para ilustrar essa concepção, vejamos um exemplo utilizado pelo autor para justificar a ocorrência desse processo:

(11) Que vergonha ver a atual prefeita censurar o uso de imagens de Ciro e Lula, grandes companheiros de Patrícia, no horário eleitoral! Será que essa prefeita tem vergonha de ver que Patrícia foi vice-líder de Lula no Senado??? Será que ela não se contenta em ver Lula longe dela, tal qual em 2004, quando o presidente estava com Inácio Arruda??? Antes era uma defensora da democracia, agora, no poder, se vestiu com as piores armas do autoritarismo e da censura! Liberdade de expressão JÁ! Patrícia é MULHER de RESPEITO e quer apenas ter o direito de mostrar a sua biografia, pena que a prefeita se [de]sespera com o passado histórico dela! (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 168, *grifos do autor*).

O texto tem como temática o processo eleitoral para a Prefeitura de Fortaleza, no ano de 2008, em que a candidata à reeleição, Luiziane Lins (PT), é contrária à divulgação de propagandas políticas de sua concorrente, Patrícia Saboia (PDT), ao lado do então presidente Lula e do deputado Ciro Gomes. Custódio Filho (2011) advoga que, a partir do texto, uma representação negativa da prefeita Luiziane é construída, homologando uma recategorização do referente “Luiziane Lins” como “competidora desleal” e “autoritária”, sem que haja uma expressão referencial especificamente voltada a esse fim.

Dessa forma, o autor advoga que a recategorização do referente “Luiziane Lins” como “candidata autoritária” não se encontra homologada por nenhuma expressão referencial utilizada para a sua identificação e que, mesmo que o texto traga a informação de que Luiziane “se veste com as piores armas do autoritarismo”,

esse processo não resulta de uma ligação entre expressões referenciais designadoras do objeto focalizado. Outra recategorização do referente “Luiziane Lins” como “competidora desleal” tem como base para a sua homologação o mesmo processo, porém, não há sequer uma pista semântica, como percebida na recategorização anterior, que justifique essa inferência.

Sobre o processo de análise utilizado nessa proposta, Custódio Filho (2011, p. 169) afirma que:

Uma análise nesses moldes não pode ser feita quando o foco recai apenas sobre as expressões. O que se realça, aqui, é a complexidade das relações estabelecidas no texto, levando em conta as diferentes partes do cotexto e as diversas implicações contextuais. O procedimento continua sendo genuinamente sociocognitivo, contudo o aparato extratextual necessário para a produção dos referentes (e, conseqüentemente, dos sentidos) não se limita à identificação de associações entre a materialidade textual e os conhecidos esquemas (socio)cognitivos. Trata-se de um procedimento muito mais difuso, mas não menos necessário.

Dessa forma, outra característica peculiar ao processo pioneiro tem sua concepção expandida, visto que a necessidade de manifestação de expressões referenciais no texto voltadas à homologação, conforme o processo pioneiro, já não é mais um atributo necessário nesse tipo de recategorização, confirmando assim o dinamismo do fenômeno que vimos destacando ao longo deste trabalho.

Lima e Cavalcante (2015) fazem considerações importantes a respeito dessa subclassificação proposta por Custódio Filho (2011). Para as autoras, esse tipo de recategorização postulada pelo autor pode ser recoberta pelo dimensionamento proposto por Lima (2009), contudo reconhecem o mérito do autor em trazer para a investigação novos contextos de realização do processo, principalmente envolvendo a multimodalidade. Acerca dessa concepção de que os postulados referentes a essa subclassificação da recategorização proposta por Custódio Filho (2011) podem ser recobertos pelo redimensionamento advindo do trabalho proposto por Lima (2009), as autoras entendem que, mesmo não havendo uma retomada correferencial do referente “Luiziane Lins”, a construção do sentido nesse processo se dá com base em uma ancoragem que remete ao *frame* “Eleição da Prefeitura de Fortaleza - CE”, evocado a partir das pistas textuais apresentadas. Concebe-se assim que esse tipo de recategorização não é propriamente designado pelo rótulo proposto pelo autor em função da ambiguidade que o termo pode gerar.

As autoras também afirmam não discordar da compreensão de Custódio Filho (2011) acerca da possibilidade de o processo ser homologado através de inferências engatilhadas a partir de predicções, contudo, ressaltam que além dessas predicções outras pistas linguísticas verbais e não verbais podem engatilhar a homologação do processo.

Diante dessas circunstâncias, as autoras sugerem como rótulo ao processo postulado por Custódio Filho (2011) o termo “recategorização sem menção de expressão referencial”, motivadas pelo fato de que:

o rótulo daria conta dos casos mais complexos de recategorização em termos de explicitude do processo, a saber: 1) quando o referente recategorizado não é homologado na superfície textual, mas a sua recategorização é confirmada por uma expressão referencial; 2) quando o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial, mas a sua recategorização somente é construída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém evocada por outras pistas linguísticas; 3) quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados por expressão referencial na superfície do texto, mas ambos elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 308).

Nesse contexto, um fator importante a ser considerado é que Lima e Cavalcante (2015) fazem questão de ressaltar que mais importante do que um rótulo preciso que designe todas essas situações que envolvem o processo é a exploração dos vários contextos de ocorrência do fenômeno.

Dessa maneira, conforme percebemos ao longo desta discussão, o dinamismo do processo de recategorização faz com que o fenômeno seja revisitado constantemente. Assim, a compreensão inicial de que o processo é homologado através de uma expressão referencial explícita no texto é ampliada quando se passa a considerar a integração de múltiplos fatores voltados a essa finalidade. Nessa última perspectiva, passa-se a levar em conta aspectos linguísticos, cognitivos e sociais como elementos essenciais para a homologação do processo de recategorização.

Diante das investigações dos trabalhos que trouxemos para esta discussão, principalmente aquelas dispostas em Custódio Filho (2011), Lima e Cavalcante (2015) e Lima (2017), verificamos que muitas das recategorizações explicitadas possuíam estratégias argumentativas imbricadas no processo, que se constituíam como essenciais para a construção dos sentidos nos textos. Uma prova disso pode

ser verificada no Exemplo 10 aqui tratado, em que a recategorização do referente “Sérgio Moro” como “um anjo” e do referente “Lula” como “um diabo” atende aos propósitos argumentativos traçados pelo enunciador, favorecendo assim a homologação do processo.

Portanto, adotando a interdisciplinaridade entre as abordagens dispostas na Linguística de Texto e nas abordagens argumentativas, tomamos como hipótese que as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial constituem um mecanismo fundamental para a construção dos sentidos em memes verbo-imagéticos.

Motivados por esse objetivo, passemos ao próximo capítulo, no qual aprofundamos a nossa concepção em torno das teorias que envolvem a argumentação.

2 ARGUMENTAÇÃO

Neste capítulo, debatemos acepções consideradas fundamentais à perspectiva de nosso trabalho, em que a argumentação se caracteriza como o centro das discussões aqui desenvolvidas. Tomamos como base a hipótese de que as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial se configuram como um mecanismo essencial à construção dos sentidos em memes verbo-imagéticos e discutimos o conceito de argumentação sob três vertentes basilares: inicialmente através de uma breve exposição da importância da Retórica Clássica para os estudos da argumentação empregados na atualidade, depois sob a perspectiva da Nova Retórica e, por fim, do processo de construção do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos proposto por Pinto (2010). Ressaltamos a inter-relação entre essas duas últimas perspectivas e estabelecemos um quadro voltado à análise da argumentação em memes verbo-imagéticos que visem à persuasão, proporcionando assim a viabilidade de uma análise mais robusta da argumentação nessa modalidade de texto.

Ainda neste capítulo, no panorama de análise dos gêneros persuasivos e considerando o meme verbo-imagético como *corpus*, trazemos uma discussão acerca desse gênero, que tem figurado entre os principais objetos de pesquisa da Linguística de Texto nos últimos anos. Dessa maneira, enfatizamos, inicialmente, a importância de Aristóteles para a sistematização dos estudos da argumentação e a relevância da Retórica Clássica como abordagem fundadora dos estudos do tema, já que não é possível discutir outras vertentes teóricas trazidas ao arcabouço deste trabalho sem compreender a base fundadora dessa questão.

Isso posto, discutimos o conceito de argumentação sob a perspectiva da Nova Retórica, proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), legitimados pelo fato de que esse estudo serviu de base para o desenvolvimento de novas acepções relacionadas à argumentação, inclusive para a ampliação das técnicas argumentativas a qualquer atividade discursiva, seja ela oral ou escrita. No universo dessa fundamentação, enveredamos ainda mais pelos parâmetros da Nova Retórica e aprofundamos a discussão em torno dos tipos de argumentos que compõem práticas evidenciadas nos memes verbo-imagéticos, conforme veremos posteriormente. Essa abordagem teórica é voltada classicamente à análise da argumentação em textos orais e escritos e, no panorama de nossa pesquisa,

procuramos desenvolver uma compreensão em torno dos textos verbo-imagéticos, mais precisamente nos memes.

Após a discussão dos parâmetros que envolvem a Nova Retórica e os tipos de argumentos evidenciados em memes verbo-imagéticos, discorreremos a respeito do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos disposto em Pinto (2010), tratando especificamente daqueles componentes que contribuem diretamente para a análise argumentativa nessa modalidade textual. Estabelecemos ainda um quadro de análise para memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva, que toma como base a inter-relação entre o modelo proposto por Pinto (2010) e a perspectiva da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Por fim, utilizamo-nos das pesquisas desenvolvidas por Recuero (2006) e Chagas et al (2017) para nos aprofundarmos sobre os parâmetros do gênero meme verbo-imagético, discutindo o conceito desse objeto no universo da cibercultura e ainda a sua concepção enquanto gênero de finalidade persuasiva.

2.1 A argumentação sob a perspectiva da Nova Retórica

Discutidas, no capítulo anterior, as concepções que remetem à abordagem sociocognitiva de texto e os parâmetros que envolvem o processo de recategorização, quando direcionamos uma atenção especial ao tipo de recategorização que adotamos como objeto de realização desta pesquisa, a partir desse momento, veremos um conceito primordial ao diálogo que propomos para esta investigação: a definição de argumentação.

Antes, porém, de nos aprofundarmos sobre as discussões que remetem a esse conceito, consideramos fundamental enfatizar a importância do diálogo aqui estabelecido entre a Linguística de Texto e as Teorias da Argumentação. Conforme ressaltam Cavalcante et al (2016), esse diálogo se configura como um dos critérios de análise que impulsiona novas abordagens interdisciplinares, fato cada vez mais comum e enriquecedor à área da Linguística de Texto. Nessa perspectiva, trilhamos inicialmente uma discussão em torno da importância dos estudos retóricos sistematizados por Aristóteles (384-322 a.C.) para as pesquisas que tratam da argumentação desenvolvidas atualmente, visto que os estudos aristotélicos se configuram como a base para a formulação dos novos estudos surgidos nessa área.

Não poderíamos iniciar uma discussão acerca dos parâmetros da argumentação sem salientar a importância da retórica aristotélica para a sistematização dos estudos que serviram de base para as investigações que se desenvolvem atualmente nessa área. De acordo com Pinto (2010, p. 31), a retórica aristotélica “foi fundadora e de extrema relevância para os estudos actuais sobre a argumentação”, pois Aristóteles (384-322 a.C.) sistematizou o conjunto de estudos retóricos que deu origem ao conceito de argumentação que encontramos atualmente, nas suas obras *Techné Rhétoriké* (Retórica) e *Techné Poiétiké* (Poética). Como a nossa intenção é situar a importância dos estudos aristotélicos para o conceito de argumentação que encontramos atualmente, não investiremos em um debate mais aprofundado dessas obras, porque, para nós, valorar a sistematização realizada pelo autor já satisfaz o intento deste trabalho.

Em nosso propósito de estudo, que toma como maior teor de referência a argumentação sob a perspectiva dos pressupostos teóricos presentes na Nova Retórica e na análise de gêneros persuasivos de Pinto (2010), consideramos importante enfatizar o mérito da retórica clássica, reconhecendo o fato de que foi a partir de Aristóteles (384-322 a.C.) que os estudos retóricos asseguraram uma ampliação, passando não apenas a servir ao campo jurídico, dos tribunais, ou à filosofia, mas a “todas as situações em que se fazia necessário um convencimento” (PINTO, 2010, p. 37).

Figueiredo e Ferreira (2016, p. 45) atestam que a obra aristotélica se trata de uma “obra que passou a ser referência para os estudos futuros, as bases de uma disciplina que se tornaria o pilar dos estudos do discurso”. Dessa forma, entender a concepção da retórica aristotélica é compreender os fundamentos básicos de uma disciplina que se desenvolveu em torno da teoria e da técnica de produção e recepção de discursos da Antiguidade Clássica. Tomando essa referência, Pinto (2010) destaca que, para Aristóteles, a retórica é definida como:

a arte (palavra que no sentido clássico corresponde, praticamente, ao que denominamos actualmente técnica) de persuadir relativamente às coisas comuns sob o ângulo do justo e do injusto, do útil ou do prejudicial, do bem e do mal, o que leva à definição dos três géneros do discurso aristotélico: o *judiciário*, o *deliberativo* e o *epidíctico*. (PINTO, 2010, p. 36, *grifos da autora*).

Levando em consideração a concepção de retórica apresentada pelos estudos aristotélicos, há de se ressaltar o seu direcionamento aos textos orais que, posteriormente, foram reatualizados pela Nova Retórica.

Devido à preocupação com as técnicas argumentativas em discursos escritos, Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005) retomam os estudos retóricos sob uma nova perspectiva, que vai ao encontro da tradição grega, principalmente ao olhar aristotélico. Lançada em 1958, a obra *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique* foi um grande marco para a “teoria da argumentação no discurso”.

Algumas diferenças com relação à obra aristotélica merecem ser destacadas, e uma delas, como já afirmamos, é a forma como as técnicas argumentativas são percebidas, não mais restritas à preocupação no discurso oral. A Nova Retórica passa a discutir técnicas argumentativas utilizadas também em discursos escritos. Outra diferença perceptível, de acordo com Pinto (2010, p. 44), decorre de que “concentraram-se apenas no condicionamento do auditório pelo discurso, dessa forma se detiveram na ordem de apresentação dos argumentos, visando a um maior efeito”. Nessa perspectiva, depreender o conceito de auditório torna-se fundamental para a compreensão dessa abordagem.

Antes de passarmos à discussão do conceito de auditório, chamamos atenção para o regate que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) fazem da importância da verossimilhança e também das provas dialéticas tratadas na antiga retórica. Estas últimas, inclusive, são fator essencial ao conceito de argumentação desde a perspectiva clássica, visto que “é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 6).

Definido por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 22) como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”, o auditório carrega um elevado grau de importância na perspectiva da Nova Retórica, inclusive condicionando a maneira como os argumentos serão utilizados. É notável sua influência mesmo no discurso escrito, quando, mesmo sem estar presente, o auditório condiciona a elaboração dos textos, consciente ou inconscientemente. Esse condicionamento é uma característica importante e deve ser observada para a hipótese que levantamos, visto que, no *corpus* constituído para esta investigação,

encontramos uma concepção de texto¹ assinalada em função de determinada intenção comunicativa, ou seja, que tem como objetivo convencer o interlocutor a aderir a determinada tese.

Sobre essa questão, conforme evidenciamos, a compreensão em torno dos tipos de auditório discutidos por Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) tem importância significativa. Eles se classificam a partir de três tipos: o universal, o individual e o íntimo. Para os autores, o auditório universal é aquele em que se elabora um tipo de argumentação adequada, a exemplo da decisão em assembleias parlamentares. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 35), “uma argumentação dirigida a um auditório universal deve convencer o leitor do caráter coercivo das razões fornecidas, de sua evidência, de sua validade intemporal e absoluta, independente das contingências locais e históricas”.

Acerca dos auditórios individual e íntimo, eles são parte de um auditório particular e são assim designados em função de suas reações previamente conhecidas. Para Pinto (2010, p. 45), nesse tipo de auditório, a argumentação “implica uma adequação sócio-histórico-temporal”. A autora salienta ainda que, no primeiro tipo de auditório — o universal —, a argumentação é caracterizada como “convencedora”, enquanto que no segundo tipo, o particular, a argumentação é caracterizada como “persuasiva”.

No foco desse embasamento, Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 16) destacam que “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contrato intelectual”. Dessa maneira, evidenciam que a argumentação é desenvolvida em função de aspectos psicológicos, sociais e ideológicos, em que o contrato reside na aceitação ou não da intenção comunicativa. Outro fator importante para a compreensão da argumentação nessa perspectiva está contido na relação estabelecida pelos autores (p. 61) entre argumentação e violência, na qual definem que “a argumentação é uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente”.

Um fator muito importante a respeito dessa compreensão, e diretamente relacionado aos tipos de auditório, é a distinção entre os termos “convencer” e “persuadir”, pois o tipo de argumento utilizado se adapta a cada um dos tipos de

¹ Conforme já mencionamos no capítulo anterior, adotamos uma concepção sociocognitiva de texto que, de acordo com Koch (2017, p. 44), “passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que — dialogicamente — nele se constroem e por ele são construídos”.

auditório mencionados anteriormente. De maneira mais clara, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 30), “para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação”.

Nesse sentido, é possível inferir que a persuasão se traduz em ação, em transformação, e é percebida em uma argumentação que se vale de um auditório particular, ou seja, “para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais que persuadir” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 31), sendo esse tipo de argumentação percebida em torno de um auditório universal, visando obter a adesão de um todo racional.

Levando em consideração a discussão que até aqui desenvolvemos, ressaltamos mais uma vez a importância da Nova Retórica para o estabelecimento de uma nova perspectiva de estudos da argumentação, fator para o qual corrobora o pensamento de Sá (2014, p. 28), que toma a argumentação como “uma atividade comunicativa humana e interativa, que compreende o ato de convencer o outro sobre a validade de uma opinião defendida e consequente persuasão”.

Tomados os parâmetros gerais da Nova Retórica, discorreremos a seguir acerca dos tipos de argumentos dispostos nessa abordagem, que se constituem em práticas evidenciadas no âmbito dos memes verbo-imagéticos. Nesse sentido, encontramos na Nova Retórica quatro grupos que compõem as técnicas argumentativas e integram o seu arcabouço teórico, a saber: os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real, as ligações que fundamentam a estrutura do real e a interação dos argumentos.

Adotando esses quatro grupos de técnicas argumentativas apresentados pela Nova Retórica, e considerando a perspectiva de nossa investigação com os memes verbo-imagéticos, identificamos que alguns tipos de argumentos presentes em cada um desses grupos se sobressaíam como um recurso utilizado pelo enunciador no intuito de convencer o seu interlocutor a adotar uma posição em relação a determinado assunto. Dessa maneira, tipos de argumentos voltados classicamente aos discursos orais e escritos são evidenciadas no âmbito dos textos verbo-imagéticos, mais precisamente nos memes verbo-imagéticos, compreensão que se estende a outras modalidades textuais.

Esclarecemos, contudo, que esses tipos de argumentos, evidenciados em nosso trabalho, são por nós defendidos a partir de um extenso processo de

observação e análise, sem, no entanto, desconsiderar a possibilidade de que outros tipos se manifestem, simultaneamente, àqueles que admitimos para essa discussão.

Adotando como referência para esta pesquisa as técnicas argumentativas e aqueles tipos de argumentos a elas associados, como um recurso utilizado pelo enunciador para convencer os interlocutores a adotarem uma posição em relação a determinado assunto, explanamos a seguir sobre cada uma desses tipos e como eles são evidenciados na perspectiva deste trabalho.

Nesse contexto, defendemos que os tipos de argumentos — o vínculo causal e a argumentação e o argumento pragmático — presentes na técnica dos argumentos baseados na estrutura do real, e a metáfora, presente na técnica das ligações que fundamentam a estrutura do real, fazem parte daquele conjunto de recursos mais utilizados pelo enunciador na construção da argumentação em memes verbo-imagéticos. Chamamos atenção ao fato de que os tipos de argumentos aqui evidenciados na perspectiva da Nova Retórica servirão, juntamente com os componentes do modelo de análise de Pinto (2010), para o estabelecimento de um modelo voltado à análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva que toma como fundamento a inter-relação entre essas duas bases teóricas.

Assim, passemos ao primeiro tipo de argumento evidenciado na perspectiva de análise que vislumbramos.

2.1.1 O vínculo causal e a argumentação

Começamos a nossa trajetória pela compreensão dos argumentos baseados na estrutura do real, mais especificamente aqueles que se aplicam a ligações de sucessão, que unem um fenômeno a suas causas ou a suas consequências, manifestados, respectivamente, pelo “vínculo causal e a argumentação” e pelo “argumento pragmático”.

Partindo dos conceitos que remetem ao vínculo causal e à argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) apontam para a possibilidade de sua manifestação, através de três tipos de argumentações: aquelas que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre si, por meio de um vínculo causal; aquelas que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a

existência de uma causa que pôde determiná-lo; e aquelas que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar.

Tomando o vínculo causal e a argumentação em um todo significativo, percebemos, conforme a própria nomenclatura, que esse tipo fundamenta “as argumentações que, em virtude da intervenção do vínculo causal, visam, a partir de um dado acontecimento, a aumentar ou a diminuir a crença na existência de uma causa que o explicaria ou de um efeito que dele resultaria” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 300). Na relação que estipulamos com o objetivo desta discussão, verificamos no tipo “vínculo causal e a argumentação” uma estratégia comumente evidenciada no âmbito das práticas discursivas, não somente na perspectiva que estamos investigando.

De maneira mais clara, o tipo “vínculo causal e a argumentação” se coloca como uma característica básica em qualquer tipo de discurso que vise ao convencimento ou à persuasão de um auditório que busque a adesão a determinada tese em função das “causas” nela empreendidas. Na verdade, essa estratégia de argumentação compreende uma relação muito mais ampla, que considera tanto as relações de causa quanto as relações de consequência. Assim, o enunciador se utiliza da relação entre a causa e a consequência para convencer o auditório a aderir a uma tese.

Não é difícil, por exemplo, percebermos em um meme verbo-imagético esse tipo de argumento como uma estratégia de convencimento, geralmente relacionando uma repercussão negativa em torno de uma causa, ou seja, o vínculo causal é utilizado como estratégia de convencimento de um auditório através das relações entre dois acontecimentos sucessivos, um positivo e outro negativo, ou em função de uma causa que pôde determiná-lo; ou ainda aos efeitos que dela devem resultar. É o que podemos perceber no exemplo a seguir.

Figura 2: Exemplo 12



Fonte: Citado por Guerreiro e Soares (2016, p. 197)

Conforme percebemos nesse exemplo, o enunciador faz uso do “vínculo causal e a argumentação” retratando dois momentos distintos que representam práticas corriqueiras no âmbito da realização do Exame Nacional do Ensino Médio no Brasil. O meme apresenta uma oposição bem-humorada entre um galo em pleno vigor físico, com penas bem cuidadas e brilhosas, e outro maltratado, sem penas e com um aspecto fraco e abatido. Com base nessa estratégia, o enunciador se utiliza desse tipo de argumento para reforçar a tese de que o ENEM é uma prática avaliativa muito desgastante, cansativa e cruel, que suga todas as forças daqueles que se prestam à sua realização.

Partindo das concepções encontradas em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) acerca das relações de causa e consequência no âmbito da argumentação, passamos agora a uma discussão que complementa essa percepção em torno do “vínculo causal e a argumentação”: o argumento pragmático.

2.1.2 O argumento pragmático

Perfazendo a trajetória daqueles argumentos que se aplicam a ligações de sucessão, discutimos agora o tipo denominado “argumento pragmático”, definido por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 303) como “aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis”. Considerando a discussão anterior, que trata do “vínculo causal e a argumentação”, percebemos no tipo de argumento pragmático uma relação

complementar com aquele, também constituído em torno de uma estratégia comum a qualquer tipo de discurso que visa a convencer um auditório a aderir a uma tese. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 303), “esse argumento desempenha um papel a tal ponto essencial na argumentação que certos autores quiseram ver nele o esquema único da lógica dos juízos de valor”.

Considerando a relação por nós estipulada entre esse tipo de argumento e a perspectiva de nosso trabalho, percebemos que essa técnica, mais uma vez, é também evidenciada de maneira recorrente, não apenas no âmbito dos memes verbo-imagéticos, mas em todos aqueles que se propõem a utilizar da força dos argumentos manifestada através de possíveis consequências, geralmente desfavoráveis, resultante da não adesão do auditório a determinada tese, conforme percebemos no exemplo que se segue.

Figura 3: Exemplo 13



Fonte: Citado por Silva (2016, p.86)

Na construção desse meme verbo-imagético, através de uma intertextualidade com o cartaz do filme norte-americano “A Culpa é das Estrelas”, lançado em 2014, o enunciador se utiliza do tipo de argumento pragmático para ressaltar o momento delicado, política e economicamente, pelo qual passava o Brasil no ano de 2015. Segundo a posição do enunciador, fica subentendido que a culpa da crise é resultado da continuidade do governo petista, representado na imagem pela estrela que simboliza o partido e por seus principais representantes

naquele momento, o ex-presidente Lula e a então presidente do Brasil Dilma Rousseff. Desse modo, o país sofria as consequências de uma escolha desacertada, na concepção do enunciador, e a política empregada pelo Partido dos Trabalhadores contribuía significativamente para aquela situação.

Nesse contexto, encontramos em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 303-304) a seguinte afirmação:

O argumento pragmático, que permite apreciar uma coisa consoante suas consequências, presentes ou futuras, tem uma importância direta para a ação. Ele não requer, para ser aceito pelo senso comum, nenhuma justificação. O ponto de vista oposto, cada vez que é defendido, necessita, ao contrário, de uma argumentação; tal como a afirmação de que a verdade deve ser preconizada, sejam quais forem suas consequências, por possuir um valor absoluto, independente destas.

Diante da concepção apresentada pelos autores, percebemos que a estratégia de convencimento pelo argumento pragmático não requer a utilização do esforço, visto que é o ponto de vista oposto ao apresentado que necessitará ser defendido. Nesse caso, o argumento pragmático é apresentado como um valor de verdade, mesmo que não passe de impressões que posteriormente não se confirmem.

Apresentada a concepção a respeito do tipo de argumento pragmático, passamos agora a outro tipo de argumento presente na Nova Retórica, evidenciado no âmbito dos memes verbo-imagéticos: a metáfora.

2.1.3 Metáfora

Continuando com o nosso propósito de discutir os tipos de argumentos presentes na Nova Retórica que surgem em memes verbo-imagéticos, discorreremos a partir de agora acerca da metáfora, um tipo de argumento muito evidenciado na modalidade de texto em questão.

Para a definição desse termo, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 453) adotam a concepção de que a metáfora se configura como tropo, ou seja, “uma mudança bem-sucedida de significação de uma palavra ou de uma locução”, ressaltando o fato de que “é em função da teoria argumentativa da analogia que o papel da metáfora ficará mais claro”.

Para tratar desse tipo de argumento, os autores estabelecem uma relação direta entre a metáfora e uma antiga tradição lógica e filosófica, a teoria da analogia, percebendo a construção desse tipo de argumento em função desta última. Eles afirmam que “não é surpreendente constatar, quando se examinam as argumentações por analogia, que, com frequência, o autor não hesita, no curso de sua exposição, em servir-se de metáforas derivadas da analogia proposta, habituando assim o leitor a ver as coisas tais como ele as mostra”. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 454). Ao longo dessa abordagem, os autores se dedicam a entender essa relação através do estabelecimento da metáfora como derivada da analogia e esta como cotejo de relações.

Quando relacionamos esse tipo de argumento à nossa perspectiva de trabalho, conforme o objetivo traçado no início desta subseção, percebemos frequentemente a utilização da metáfora como mecanismo que evidencia, em geral, uma analogia entre um “padrão” esperado e um “desvio” condenado. Ou seja, o enunciador se utiliza de uma “comparação implícita” para relacionar dois acontecimentos, estratégia comumente utilizada em textos que visam à adesão a uma tese, conforme percebemos no exemplo a seguir.

Figura 4: Exemplo 14



Fonte: Citado por Feitosa et al (2017, p. 83)

No exemplo em questão, os enunciadores se utilizam do tipo de argumento metafórico para equiparar o *impeachment* sofrido pela então presidente Dilma Rousseff, no ano de 2016, à humilhante derrota da Seleção Brasileira de Futebol Masculino para a Seleção da Alemanha, na Copa do Mundo de 2014 realizada, no Brasil, pelo elástico placar de 7 a 1. De maneira análoga, o enunciador associa os deputados que votaram o *impeachment* sofrido pela presidente Dilma aos jogadores da seleção de futebol da Alemanha, atribuindo tanto aos deputados quanto aos jogadores alemães a representação de figuras implacáveis e impiedosas, capazes de gerar uma humilhação de grandes proporções.

Para termos uma noção a respeito dessa metáfora criada pelo enunciador, a derrota sofrida por Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados apresentou um número percentual maior que 70% do total de votos válidos favorável ao seu impedimento, reforçando assim a ideia de “humilhação” e “impotência” reproduzida nos dois casos descritos.

Apresentada essa consideração a respeito da metáfora, concluímos a discussão sobre as perspectivas que envolvem a concepção da Nova Retórica e a sua importância para os estudos da argumentação, o que possibilitou, por exemplo, o estudo dessa matéria em qualquer atividade discursiva, oral ou escrita, com finalidade persuasiva. Percebemos assim, os tipos de argumentos evidenciados na perspectiva de nosso trabalho e que contribuirão para a nossa proposta de um modelo voltado à análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva.

Discutidas essas concepções, passemos agora à compreensão do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos, postulado por Pinto (2010), que tomamos como uma das bases teóricas desta investigação. Consideraremos os parâmetros tomados como essenciais para a sua construção, como a definição de gênero e de texto, e também aqueles componentes que contribuem diretamente para a análise argumentativa em memes verbo-imagéticos, dada a natureza do *corpus* tomado para análise nesta investigação.

2.2 O Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos

Conforme discutimos anteriormente, os tipos de argumentos assentados pela Nova Retórica, embora tradicionalmente direcionados aos textos verbais, são

estratégias também evidenciadas no âmbito dos memes verbo-imagéticos, das quais o enunciador se utiliza com o intuito de convencer o auditório a aderir a uma tese.

Ao longo da investigação a respeito dos tipos de argumentos, percebemos que três deles se evidenciam com maior recorrência: são eles o “vínculo causal e a argumentação”, “o argumento pragmático” e a “metáfora”, embora reconheçamos a possibilidade de que outros tipos estejam simultaneamente manifestados.

Nessa empreitada, legitimamos a importância dessa teoria para uma percepção moderna em torno do tratado da argumentação. É com base nesse panorama, que Pinto (2010) propõe um modelo de análise dos gêneros persuasivos tomando, entre outras referências, a Nova Retórica como um de seus pilares teóricos e sobre o qual discorreremos a partir desse momento. Esse modelo de análise compreende aspectos fundamentais para o objetivo desta investigação, pois nele a argumentação é percebida em sua dinamicidade, que se distancia dos modelos tradicionalmente empregados na literatura, voltados apenas à análise de aspectos linguísticos. Imputa-se, assim, uma base para a investigação da argumentação em variadas modalidades textuais, tanto através da consideração dos aspectos linguísticos quanto dos aspectos não linguísticos.

Conforme vimos chamando atenção, o Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos, postulado por Pinto (2010), é o que melhor atende à perspectiva de trabalho aqui realizada por expressar componentes imprescindíveis a esse tipo de análise. Ele contempla aspectos primordiais a essa prática: considera desde a dimensão contextual até a dimensão linguístico-textual, em favor das estratégias argumentativas. Dessa forma, representa em um notável avanço em relação àquilo que tradicionalmente se propunha no âmbito das Teorias da Argumentação.

Com o intuito de debater acepções referentes ao modelo proposto pela autora, discorreremos, nesse primeiro momento, a respeito dos parâmetros tomados como essenciais para a sua construção, a exemplo da definição de gênero e de texto. Posteriormente, focalizamos aqueles componentes que concorrem diretamente para a análise argumentativa em memes verbo-imagéticos, expressos através dos componentes situacional e intertextual, dispostos na dimensão contextual ou externa, e os componentes organizacional, estilística e enunciativa ampliada, dispostos na dimensão linguístico-textual ou interna.

Nessa empreitada, começamos a discussão aqui proposta pela compreensão dos parâmetros que norteiam o Modelo de Análise dos Gêneros

Persuasivos, no qual Pinto (2010) assenta os preceitos básicos que serviram para a fundamentação desse processo, dando à percepção conceitual em torno do gênero e do texto uma considerável relevância. Tratando a princípio da concepção do gênero², Pinto (2010) apresenta em seu trabalho um apanhado histórico que trata da noção que envolve esse conceito, desde a perspectiva fundadora de Bakhtin (1997) às perspectivas discursivo-textuais presentes em Maingueneau (1998; 2004), Charaudeau (2001), Adam (1997; 1999; 2001) e Bronckart (2004), no intuito de claramente conciliar a materialização textual ao plano situacional presente nas diversas perspectivas.

Dessa maneira, o conceito de gênero, para a autora, é tomado como “*práticas sociodiscursivamente definidas com um carácter institucional relativo e certo grau de ritualização*” (PINTO, 2010, p. 152, *grifos da autora*). Ela enfatiza, assim, a dinamicidade da noção de gênero e admite as “interferências” de aspectos de ordem social, histórica e cultural. Contudo, também reconhece que, dado o nível de abstração que envolve esse objeto, ele passa a ser investigado através de sua “imagem especular” materializada através dos textos.

Uma perspectiva considerável, ressaltada pela autora no tratamento dessa questão, manifesta-se na ênfase dada à influência de elementos linguísticos e não linguísticos na concepção de texto assumida em sua pesquisa, que dá a esses elementos o mesmo grau de importância. Para Pinto (2010, p. 152), “todas as manifestações sociais que fazem uso da língua circulam através de textos que não são, na concepção bakhtiniana, enunciados isolados, mas elementos linguísticos e não linguísticos situados institucionalmente, historicamente”. De igual maneira, assumimos a concepção empregada por Pinto (2010), conforme vimos discutindo desde o início deste trabalho, na qual a autora ressalta que

ao trabalharmos com a categoria gênero, não podemos centrar-nos principalmente em aspectos sociais, históricos, em detrimento da materialidade textual, o que acarretaria uma redução sociológica da análise. Ou ainda, determo-nos preferencialmente em estudos que se voltem, exclusivamente, para a materialidade textual, não a integrando no contexto social, o que representaria uma redução de ordem linguístico-textual. Teremos que lidar com a complexidade da

² Como Pinto (2010) se utiliza, na construção do modelo de análise, de teóricos que adotam a nomenclatura “gênero do discurso ou discursivo” e outros que adotam a nomenclatura “gênero de texto ou textuais”, embora tenha dado predileção à utilização da nomenclatura “gêneros de texto”, ressaltamos que utilizaremos apenas a nomenclatura “gênero(s)” para tratar sobre essa questão.

categoria, inter-relacionando a dimensão social à verbal e à paraverbal ou vice-versa (PINTO, 2010, p. 153).

Dessa maneira, percebemos a importância da integração desses elementos para a consagração do modelo de análise proposto por Pinto (2010), justamente por aliar tanto os aspectos linguísticos quanto os não linguísticos. Assim, é justamente por contemplar aspectos relegados em outras abordagens que tomamos esse modelo como uma das bases para nossa investigação, visto que componentes como a intertextualidade marcada e a situacionalidade empregada precisam estar integrados a fatores linguístico-textuais, em favor de uma análise que contemple esta perspectiva de trabalho, fator nem sempre compreendido em outros modelos.

Um aspecto ainda levantado pela autora, relacionado à importância da noção de gênero para a edificação do modelo aqui discutido, adita a importância do aspecto cognitivo expresso no gênero para o processo de construção da coerência textual. É a memória discursiva dos gêneros que o enunciador utiliza para ativar os modelos que serão empregados em determinada prática discursiva e em torno de uma finalidade específica, corroborando assim uma noção de gênero dinâmico, social e interativo, fator tão discutido nesta seção.

Definida a importância da concepção de gênero para a elaboração do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos, passamos agora à relevância dada à concepção de texto para esse mesmo fim. No entanto, ressaltamos que a construção desse modelo desenvolvido por Pinto (2010) se deu através de um processo de investigação que teve como *corpora* os gêneros editorial, petição inicial e *outdoor*. Especialmente este último gozou de uma influência determinante para a concepção de texto assumida pela autora, uma noção ampla que “engloba não apenas a materialidade linguística, mas também recursos não verbais que estão a ela associados, sendo que todos esses elementos estão em interação com aspectos de ordem social” (PINTO, 2010, p. 155).

Não podemos deixar de novamente enfatizar que reside nessa consideração da interação entre a materialidade linguística e os aspectos de ordem social o diferencial desse modelo de análise, que permite que analisemos a argumentação em função das estratégias adotadas pelo enunciador, como, por exemplo, uma seleção linguística e/ou contextual por ele realizada que destine-se a uma finalidade específica.

Retomando a concepção de texto, Pinto (2010) assume, para a realização de seu trabalho, a perspectiva dos estudos postulados por Bronckart (1999), que o percebe como uma “ação de linguagem”, ou seja, “às escolhas feitas por determinado agente ou autor dentro de um universo de modelos de organização textual disponíveis dentro de determinada língua” (PINTO, 2010, p. 154-155), denominando-o “texto empírico”.

No panorama que envolve essa questão, a autora ressalta que “da mesma maneira que o gênero está envolto por uma complexidade de aspectos — linguísticos, históricos, socio-interacionais, materiais —, os *textos empíricos* que dizem respeito à materialização do mesmo, devem, por sua vez, concretizar toda essa complexidade” (PINTO, 2010, p. 155).

Definida a importância da concepção de gênero e de texto para a construção do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos, e tomando como “especular” a relação entre esses dois objetos — em que um é percebido em seu nível abstrato e o outro enquanto objeto manifesto —, Pinto (2010) salienta um direcionamento de seu estudo aos gêneros de texto. Esse direcionamento reflete a postura de que são os textos os objetos de fato analisados em sua investigação e sobre os quais são selecionados e organizados os componentes que visam ao processo de construção do modelo proposto pela autora.

Nesse processo de organização e seleção, Pinto (2010) dispõe os componentes em duas dimensões, a contextual e a linguístico textual, relacionando-os de forma dinâmica e direcionando-os à análise de textos empíricos. Os componentes externos, aqueles relacionados aos aspectos contextuais (sociais, históricos, situacionais) e que intervêm na materialização, são percebidos através dos componentes arquitextual, intertextual, metadiscursivo, discursivo, peritextual e situacional. Já os componentes internos, que dizem respeito à organização linguístico-textual, são percebidos através dos componentes composicional, estilística e enunciativa ampliada.

Para que possamos compreender a disposição de todos os elementos no Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos proposto pela autora, reproduzimos a seguir a tabela que serve de parâmetro para o seu trabalho com a argumentação nesses gêneros:

Tabela 1: Tabela de análise dos gêneros persuasivos

Dimensão Contextual		Gênero Persuasivo
Componentes	Definição	
Arquitextual	Textos já existentes diretamente relacionados, consistindo em uma espécie de memória textual.	
Situacional	Aspectos contextuais relevantes para a produção dos textos.	
Lugar/Época de circulação	Lugar e época em que os textos foram produzidos ou que circularam.	
Instâncias interlocutivas/Estatuto dos Interlocutores	Pessoas responsáveis pela produção / interpretação / papel social e institucional dos interlocutores.	
Finalidade	Objetivo do ato comunicacional.	
Suporte Material	Suporte utilizado, colocação na página, escolha tipográfica.	
Peritextual	Fronteiras do texto.	
Metatextual	Discurso sobre o gênero característico da formação sociodiscursiva e sobre as teorias desenvolvidas a respeito do gênero.	
Discursiva	Prática sociodiscursiva na qual o texto está integrado.	
Intertextual	Ecos dos textos nele presentes.	
Dimensão Linguístico-Textual		
Componentes	Definição	
Organizacional	Planos de texto (tipos de discurso e sequências), escolha semântica e temática. Argumentações internas e externas.	
Estilística	Textura microlinguística (organizadores textuais, modalizações, aspectos multimodais, dentre outros elementos).	
Enunciativa Ampliada	Grau de responsabilidade dos enunciados, identidade e implicações.	

Fonte: Pinto (2010, p. 256)³

Apresentado o modelo de análise proposto pela autora, lembramos, no entanto, que dada à perspectiva de nossa investigação, empregamos em nossa pesquisa somente aqueles componentes da tabela que contribuem diretamente para a análise argumentativa em memes verbo-imagéticos. Desse modo, discutimos inicialmente a concepção dos componentes situacional e intertextual, dispostos na dimensão contextual, e, posteriormente, a concepção dos componentes composicional (organizacional), estilística e enunciativa ampliada, dispostos na dimensão linguístico-textual.

³ O quadro apresentado toma como fundamento o Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos apresentado por Pinto (2010), no qual a autora agrupa os componentes externos relevantes para a análise do *corpora* em sua pesquisa, sintetizando os componentes internos relativos às várias engrenagens. Contudo, essa composição apresentada é percebida de forma análoga apenas em trabalhos posteriores de Pinto (2015; 2016), que aqui tomamos como referência.

2.2.1 Componente situacional

Neste componente, encontramos elementos que determinam informações fundamentais à descrição dos gêneros investigados⁴ — como lugar, época de produção e circulação dos textos —, as instâncias interlocutivas, a finalidade da produção e seu suporte material, tomadas por Pinto (2010) a partir das “coerções básicas” presentes em Maingueneau (1996).

Em relação aos elementos citados, encontramos naquele que remete ao “lugar e época de produção e circulação dos textos” informações fundamentais para a construção da coerência do texto, visto que esse elemento é responsável por fornecer importantes pistas sobre a finalidade de sua produção, tomando como base o contexto no qual ele se insere.

Sobre as instâncias interlocutivas, de acordo com Pinto (2010, p. 165), são “as entidades que participam, directa ou indirectamente, na produção do texto empírico, em função evidentemente de uma representação das crenças, dos valores do público-alvo”. Englobam ainda a legitimidade dos parceiros da comunicação que, por sua vez, referem-se à procedência que devem ter o enunciador e o co-enunciador para legitimar determinados gêneros, a exemplo da petição inicial utilizada por Pinto (2010), que deve ser produzida mediante o conhecimento desse estatuto, dentro dos rituais exigidos profissionalmente. Nesse componente, são difundidas menções àquilo que Maingueneau (2002) discute acerca do conceito de “leitor modelo” e “leitor evocado”, percebido através das previsões realizadas a partir do próprio texto apresentado.

Tomando a relação mencionada entre as instâncias interlocutivas e a perspectiva de nossa pesquisa, dada a característica “não instituída” dos memes em comparação a gêneros “instituídos”, como o editorial, encontramos nesse componente um fator essencial para a constituição das estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador. Assim, a importância e a complexidade das instâncias interlocutivas se encontram justamente no fato de se configurarem como elementos fundamentais para a identificação das estratégias de produção dos textos baseadas

⁴ Lembramos que os componentes trazem a percepção de Pinto (2010) no processo de construção do modelo de análise dos gêneros persuasivos, no qual a autora utilizou como *corpora* os gêneros editorial, petição e *outdoor*.

nas flutuações necessárias ao alcance de um objetivo advindo de uma função representativa, fruto das crenças e dos valores do público-alvo, conforme relatado por Pinto (2010).

Ao longo da construção deste capítulo, utilizamo-nos dos componentes do modelo proposto por Pinto (2010), que está de acordo com a perspectiva de nossa análise, embora tenhamos excluído alguns desses componentes, o que justificaremos mais adiante. Nesse modelo, encontramos na “finalidade”, conforme a própria nomenclatura, a implicação do propósito comunicativo ao qual se destina determinado gênero, que pode se manifestar explicitamente, como nos casos de um editorial, ou mesmo implicitamente, como nos memes verbo-imagéticos.

Como a perspectiva do nosso trabalho visa a investigar o meme verbo-imagético, exclusivamente em sua face persuasiva — embora reconheçamos outras finalidades instituídas nesse gênero, a exemplo do humor —, esse elemento se configura como um artifício “secundário” ao universo de nossas análises. Isso ocorre justamente por ser uma característica comum aplicada a todo o *corpus* selecionado, ou seja, os dez exemplos que integram o *corpus* desta investigação carregam consigo a exigência de uma finalidade persuasiva e, ainda, do atendimento à perspectiva do processo de recategorização que tomamos como objeto da pesquisa, conforme descrevemos mais à frente em nossa metodologia.

Dentro da relação que trata dos elementos que não integram “diretamente” o universo de nossas análises, o suporte material surge como parte integrante do componente situacional e “refere-se ao meio pelo qual o texto é produzido e difundido, o que modificará substancialmente as características do gênero” (PINTO, 2010, p. 124).

Tomando a perspectiva do trabalho da autora, verificamos que são abordados como *corpora* de sua investigação os gêneros editorial, petição inicial e *outdoor*, fator que justifica a inserção desse elemento no modelo por ela proposto, no entanto, para a análise do gênero meme verbo-imagético reproduzido na internet, mais precisamente em redes sociais e sites nacionais e internacionais, esse componente torna-se uma influência “secundária” para nosso processo de investigação.

Definidos os elementos que perfazem o componente situacional do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos, passemos agora à discussão da perspectiva que remete ao componente intertextual.

2.2.2 Componente intertextual

Esse componente é descrito por Pinto (2010, p. 160) como detentor de uma “noção um pouco nebulosa, flutuando entre os termos *interdiscurso* e *intertexto*”. Logo no começo de sua discussão, a autora menciona que a intertextualidade possui uma abrangência que perpassa diferentes abordagens. De fato, a compreensão desse componente permite variadas possibilidades de interpretação, que vão desde a concepção que resgata a noção de intertextualidade, presente nos estudos realizados por Barthes (1973) e Genette (1979), à concepção que trata das perspectivas discursivo-textuais, presentes em Maingueneau (1984), Adam (1999, 2004) e Bronckart (1999, 2004, 2005), conforme acentua Pinto (2010).

Mesmo ressaltando essa “nebulosidade” conceitual, a autora concebe para a sua pesquisa esse componente como “qualquer tipo de diálogo entre textos, discursos (ou actividades de linguagem) ou gêneros”, utilizando-o em três diferentes planos, a saber:

Num primeiro plano, consideramos como *componente intertextual* todos os textos que ecoam directa ou indirectamente no texto analisado. Sendo que os primeiros podem pertencer ou não à mesma prática social do segundo. Num segundo plano, o *componente intertextual* corresponde a todos os textos pertencentes ao mesmo género de texto em análise que dialogam com este último. E, num terceiro plano⁵, este componente se refere a géneros diversos que circundam o género de texto em análise, no suporte material, e que com ele se inter-relaciona de forma implícita ou explícita (PINTO, 2010, p. 161, *grifos da autora*).

Para a realização de nossa pesquisa, tomamos o componente intertextual da mesma maneira descrita por Pinto (2010), ou seja, concebemos esse componente através de um conceito mais amplo e que leva em consideração o diálogo entre textos, discursos e/ou gêneros.

Apresentados os componentes externos que serão empregados em nossa investigação através da descrição realizada por Pinto (2010) no processo de construção do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos, passamos agora aos componentes internos, ou linguístico-textuais, que participam diretamente da análise

⁵ Em seu trabalho, a autora ressalta que não levantará esse plano em virtude da obrigação de lidar com uma enorme variedade de gêneros.

argumentativa dos memes verbo-imagéticos convocados para este trabalho. São eles os componentes composicional ou organizacional, estilística e enunciativa ampliada.

2.2.3 Componente composicional (organizacional)

Passando agora à dimensão linguístico-textual do modelo de análise, iniciamos pela abordagem do componente composicional. Para a descrição desse componente, Pinto (2010) lança mão de uma prática comum utilizada na construção de seu modelo de análise: a construção do conceito em torno das mais variadas abordagens teóricas. Assim, a autora perpassa uma perspectiva histórica em torno da “composicionalidade” ou “*dispositio*”, descrita desde os estudos clássicos que remetem à argumentação até as perspectivas discursivo-textuais praticadas sob a ótica da Linguística de Texto, da Análise do Discurso e do Interacionismo Sociodiscursivo. Conforme percebemos, a discussão instalada por Pinto (2010) remonta a variadas abordagens teóricas e, para a compreensão desse componente, discorreremos brevemente acerca de cada uma delas.

Compreendendo a importância de cada uma dessas abordagens para a construção do componente composicional, destacamos inicialmente a contribuição da perspectiva da Linguística de Texto, representada pelos estudos de Jean-Michel Adam, que trazem à tona a importância do plano de texto a esse processo de construção, sobre o qual paira a responsabilidade da organização global do texto enquanto elemento condicionado pelo gênero. Pinto (2010) destaca as publicações de 1997 e 2001 do autor como essenciais para esse processo de construção.

Em nosso trabalho, enfatizamos, na descrição desse componente, um fator que remete à perspectiva de análise em textos que prescindem da exclusividade do verbal. Nesse sentido, Pinto (2010, p. 173) destaca que, no tratamento da integração do plano de texto à problemática dos gêneros, “Adam, ao elencar os diversos componentes do gênero, menciona que, como componente composicional, devem ser consideradas as relações entre o texto e a imagem, além do plano de texto e da sequência”, embora, segundo ela, o autor não apresente de forma muito clara a definição de plano de texto.

Nessa trajetória, Pinto (2010) discute ainda a contribuição da perspectiva de Maingueneau (1996; 1998) para o processo de construção do componente

composicional, nessa mesma perspectiva discursivo-textual. Também nesse autor se percebe uma clara filiação aos contributos de Adam, inclusive na nomenclatura “plano de texto” por ele assumida. Maingueneau, em seus estudos, chama a atenção para o fato de que alguns gêneros mais instituídos e ritualizados podem ter planos de texto definidos, enquanto aqueles menos instituídos possuem menor grau de padronização, característica essa considerada por Pinto (2010) na edificação deste componente.

Quanto à contribuição do Interacionismo Sociodiscursivo, presente em Bronckart (1999), para a formulação do componente composicional, Pinto (2010) ressalta que essa perspectiva é tomada em função das várias representações mentais que o agente produtor deve ter e que visam a operacionalizar determinada ação de linguagem na atividade de produção de texto. Na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo,

o agente deverá, ao produzir um texto, realizar um processo duplo: de um lado, deve selecionar e *adoptar* o modelo de gênero que melhor se adequa às suas representações da situação de ação. De outro, deverá *adoptar* o modelo escolhido, em função das propriedades específicas da mesma situação (PINTO, 2010, p. 175, *grifos da autora*).

Para perfazer a descrição realizada por Pinto (2010) ao longo da construção do componente composicional, fazemos uso de um quadro-resumo da questão, apresentado pela autora, que condensa a perspectiva de cada um dos autores tomados para essa finalidade. Vejamos:

Tabela 2: A composicionalidade e questões relativas ao gênero

Organização Textual	A composicionalidade e questões relativas ao gênero		
	Adam	Maingueneau	Bronckart
	Plano de texto	Modo de organização / Plano de texto	Infraestrutura geral do texto
Componentes	Proposição enunciada / Períodos e sequências (argumentativa, explicativa, descritiva, narrativa, dialogal) / Relações entre texto e imagem.		Plano de texto / Tipos de discurso (DI, DT, RI, N) e modalidades de articulação entre os tipos de discurso (encaixe, fusão, outra possibilidade) / Sequências (narrativa, descritiva, injuntiva,

			argumentativa e dialogal) / Outras formas de planificação (script e esquematização).
--	--	--	---

Fonte: Pinto (2010, p. 176)

Considerando a discussão proposta por Pinto (2010) no processo de construção do componente composicional, que tomou a perspectiva de diferentes abordagens teóricas, percebemos, dentro do nosso panorama de análise, um claro direcionamento ao plano de texto proposto por Adam. Esse direcionamento foi motivado pelas relações descritas pelo autor entre texto e imagem⁶ ao elencar os diversos componentes do gênero, todavia, ele não desprezou as demais abordagens propostas nessa empreitada.

Discutidas as abordagens que tratam da edificação do componente composicional do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos, passemos agora à discussão de outro componente que perfaz esse grupo, tomado a partir da análise dos memes verbo-imagéticos, a estilística.

2.2.4 Componente estilística

Ao tratar do componente “estilística”, Pinto (2010) traz um breve apanhado histórico das abordagens que tematizam essa questão do universo literário para outras manifestações da linguagem verbal. A autora parte do estudo precursor de Charles Bally (1965), sobre o qual afirma que “de facto, deslocaram o estudo da *estilística* da língua literária ou da genialidade individual de um escritor para a língua oral, corrente, de uma dada comunidade” (PINTO, 2010, p. 177, *grifos da autora*). Ela enfatiza, porém, nessa questão, uma flutuação terminológica no trabalho realizado por Bally, que inicialmente adota a terminologia “estilística linguística” para, posteriormente, adotar a terminologia “enunciação”, sobre a qual não obteve sucesso.

Para a discussão desse componente, Pinto (2010) traz a perspectiva de trabalhos que dialogam com a noção dos gêneros, percebidas através dos estudos

⁶ No escopo desta investigação, não adotamos essa distinção entre texto e imagem, visto que consideramos texto a integração entre os elementos linguísticos e não linguísticos, assumindo uma perspectiva sociocognitiva que orienta a concepção de texto como “construto multifacetado” (Custódio Filho, 2011, p. 140).

propostos por Bakhtin (1997) e por Adam (1997; 1999). Tratando inicialmente da concepção bakhtiniana a respeito da questão do estilo, Pinto (2010) afirma que foi, sem dúvida, esse autor que integrou a noção de estilo à problemática dos gêneros. Dessa forma, a autora exprime que, sob a concepção bakhtiniana,

o *estilo* diz respeito à seleção efectuada pelo locutor, ao nível lexical, sintáctico e fraseológico. Sendo que essa escolha deverá estar integrada às demais componentes do género (tema e unidades composicionais); deverá ser adaptada à esfera de comunicação em que o discurso é produzido e ainda terá de levar em conta o destinatário para quem o enunciado é produzido. Dentro desse contexto, a noção de *estilo* passa a ter um outro grau de complexidade, uma vez que deve interagir com os diversos elementos externos e internos que são parte constitutiva da noção de género (PINTO, 2010, p. 179, *grifo da autora*).

Tendo a obra de Bakhtin, decididamente, integrado a questão do estilo à noção do gênero, Pinto (2010) chama atenção ao fato de que foi na obra de Adam (1997) que a questão do estilo foi inteiramente consagrada, pois ele faz o resgate dessa questão para o campo dos estudos linguístico-textuais. A autora salienta uma importante consideração sobre a questão do estilo no trabalho do autor, em que quando demonstra que, para ele, “a estilística representa uma escolha e uma variação de recursos linguísticos e estará sempre presente nos enunciados” (PINTO, 2010, p. 180).

Comparando as definições apresentadas tanto em Bakhtin quanto em Adam, Pinto (2010) estabelece uma diferença entre essas duas concepções, apontando para o fato de que Adam valoriza muito o aspecto microlinguístico do estilo, deixando de levar em conta a interação com as práticas discursivas em que esse aspecto se insere. Ressalta ainda que ele desconsidera a constante interação, na perspectiva de gênero, que ocorre entre o tema bakhtiniano, as unidades composicionais e o estilo. Além disso, “o teórico não salienta que as escolhas estilísticas também devem ser feitas de acordo com o grau de conhecimento que um destinatário tem de uma situação, seus pontos de vista, suas crenças” (PINTO, 2010, p. 181).

Dessa maneira, percebemos que a concepção que envolve o estilo é bastante complexa e não se resume a uma simples identificação de traços característicos nos textos. Ela perpassa diversos elementos que interagem interna e externamente, sobre os quais são considerados a textura microlinguística e

ressaltados os organizadores textuais, as modalizações, os aspectos multimodais e outros elementos.

Dada essa discussão em torno da fundamentação do componente “estilística”, passamos ao último componente integrante da dimensão linguístico-textual, o componente “enunciativa ampliada”.

2.2.5 Componente enunciativa ampliada

O último componente tomado para a construção do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos corresponde à enunciativa ampliada e se caracteriza por ser aquele que:

englobará imagens que determinado Locutor quer trazer para o seu enunciado (*ethos*), visando a algum objetivo, de forma a predispor um Outro (*pathos*) a receber a sua mensagem. Entretanto, essas imagens só serão percebidas *a partir da escolha perpetrada pelo Locutor dos recursos verbais e paraverbais utilizados e dos fatores organizacionais presentes no universo textual* (PINTO, 2010, p. 182, *grifos da autora*).

Na discussão dessa questão, conforme percebemos, Pinto (2010) ressalta a relevância do *ethos* e do *pathos* para a compreensão da enunciativa ampliada e, para isso, faz um breve retrospecto dos estudos que tematizam esses elementos, dos quais passamos a tratar.

Discorrendo inicialmente sobre a questão do *ethos*, a autora parte da concepção presente na retórica clássica, em que esse elemento é percebido através de duas vertentes, uma relacionada aos hábitos orais e outra relacionada aos hábitos reais. Não nos aprofundaremos na discussão dessa questão, pois intentamos apenas expor o caminho trilhado pela autora na construção do componente aqui discutido.

Na condução dessa empreitada, o *ethos* é discutido também sob uma vertente filosófica, principalmente através da retomada da questão argumentativa presente no trabalho de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Para os autores, a questão é percebida como a imagem que o orador constrói através de seu discurso, compreendido na relação direta com os tipos de auditório com o qual se relaciona.

Já na vertente linguística, a questão do *ethos* é tratada pela perspectiva dos trabalhos de Ducrot, Maingueneau e Adam. Com relação ao trabalho do primeiro,

compreendido como a abordagem fundadora sobre a questão, Pinto (2010) destaca que foi Ducrot, em sua publicação de 1984, *Le Dire et le dit*, que realmente trouxe a problemática do *ethos* para o âmbito da linguística. Ela chama a atenção para o fato de que, na concepção de Ducrot, em trabalho conjunto com Anscombre (Anscombre e Ducrot, 1988), o *ethos* é tomado como parte integrante da língua e relacionado ao encadeamento lógico dos enunciados. Enfatiza ainda a importância dada a esse elemento, no trabalho do autor, para que se atinja a eficácia persuasiva, conseguida quando os encadeamentos argumentativos, que traduzem o *logos*, são postos à serviço do próprio *ethos*.

Passando à discussão do *ethos* sob a perspectiva dos estudos de Maingueneau, Pinto (2010) enfatiza o direcionamento desse autor à perspectiva da Análise do Discurso. Para o autor,

é a partir das escolhas linguístico-textuais que o *ethos* ou os *ethè* são construídos. De acordo com a *maneira de dizer* ou, ainda, de *se mostrar* de determinado enunciador ou de vários enunciadores que um co-enunciador pode reconstruir a *forma de ser* desse indivíduo textual (PINTO, 2010, p. 188, *grifos da autora*).

Um ponto sobre a questão que muito nos interessa, por ter relação direta com o objetivo de nossa pesquisa, diz respeito à existência de dois tipos de *ethos* referenciados em publicação de Maingueneau (1999): um pré-discursivo e outro discursivo. Encontramos no *ethos* pré-discursivo as representações que dizem respeito ao enunciador, conforme os estereótipos que circulam socialmente, que o *ethos* discursivo pode ou não confirmar através de sua emersão textual, conforme acentua Pinto (2010).

Sobre o segundo tipo, o *ethos* discursivo, aquele que diretamente nos interessa, Pinto (2010) ressalta que Maingueneau (1999) apresenta uma subdivisão desse *ethos* em “dito” e “mostrado”. O dito é construído a partir dos aspectos verbais e o mostrado a partir de recursos não verbais. Conforme percebemos, esse *ethos* amplia a consideração a respeito da questão enunciativa, fundamentando a perspectiva de análise argumentativa que propomos nos componentes do modelo arquitetado por Pinto (2010).

Assentando a discussão que envolve a questão do *ethos* na perspectiva de Maingueneau, encontramos em Pinto (2010) uma síntese que descreve de maneira precisa a questão. Ela ressalta que, na concepção de Maingueneau,

esse *ethos* está presente num quadro interactivo (dentro de uma cena englobante e genérica definidas e com uma cenografia legitimada discursivamente) e inserido em determinado género, o que implica papéis específicos, lugares, momentos de enunciação autênticos, suporte material e modo de circulação para determinado enunciado. Em textos escritos, diferentemente dos orais, caberá ao leitor reconstruir essa cenografia, na qual estão presentes: o enunciador, a garantia, o co-enunciador, todos inseridos em determinado contexto situacional (PINTO, 2010, p. 188, *grifos da autora*).

Percebemos assim a complexidade que envolve a questão da enunciativa ampliada sob a perspectiva da Análise do Discurso, sobre a qual esta imputa um papel determinante para o processo de construção desse componente.

Conforme ressaltamos no início da discussão que trata do componente “enunciativa ampliada”, Pinto (2010) faz um breve apanhado a respeito do *ethos* nos estudos que tematizam a questão, passando pela perspectiva filosófica e também por uma perspectiva linguística. Ela convoca abordagens dispostas nos estudos de Ducrot, Maingueneau e Adam. Para este último, direcionamos agora a nossa atenção.

Tratando da questão sob a perspectiva de Adam, Pinto (2010) atenta ao fato de que o autor enriquece a noção acerca da questão relacionada ao *ethos* correlacionando-a aos estudos fundadores de Grize (1990, 1996, 2004) referentes à esquematização discursiva. Ele “pontua, como componente enunciativo, não só o grau de responsabilização dos enunciados, mas também a identidade e implicação dos co-enunciadores, a saber, o *ethos* e o *pathos*” (PINTO, 2010, p. 192).

Apresentadas as concepções de *ethos* utilizadas por Pinto (2010) na definição do componente enunciativa ampliada, passamos à discussão de outra questão importante para esse objetivo, a do *pathos*. Partindo de uma concepção histórica acerca da questão, a autora começa por destacar a importância do *pathos* sob a perspectiva dos estudos aristotélicos, que tratam o *pathos* como uma das três maneiras de validar uma opinião perante o público.

Na perspectiva filosófica, Pinto (2010) evidencia que essa questão não é desenvolvida no de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), mas destaca a

argumentação como um conjunto de valores verbais voltados para incitar o auditório a aderir a uma tese, logo, a importância do auditório remete às características do *pathos* aristotélico.

O desenvolvimento da questão é ainda percebido através da noção do *pathos* em uma vertente linguística, em que Pinto (2010, p. 182) chama a atenção para a perspectiva de Plantin (2004) e Adam (1999). Para o primeiro, “a argumentação é uma actividade dialogal e interacional que pressupõe um embate entre discursos divergentes”, nos quais as emoções sempre se manifestam. Já na perspectiva de Adam, Pinto (2010) nos lembra que, embora o autor insira a enunciativa entre os componentes do gênero, no qual se integram o *ethos* e o *pathos*, não se percebe uma caracterização do *pathos* e sua relação com as “paixões” aristotélicas ou os “afetos” considerados por Plantin.

Conforme percebemos ao longo da discussão dos componentes externos, a partir da discussão proposta por Pinto (2010), a concepção em torno do *ethos* e do *pathos* possui grande relevância para a construção do componente aqui discutido. Assim, a autora parte da hipótese de que o componente “enunciativa ampliada” exerce uma espécie de controle sobre o componente organizacional e sobre o componente “estilística”, fazendo com que a enunciativa ampliada desfrute de características bastante complexas.

Dessa forma, diante da definição dos componentes que edificam o Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos, disposto em Pinto (2010), traçamos um apanhado a respeito da compreensão que assumimos para tratar a argumentação nos memes verbo-imagéticos. Lembramos que, ao longo dessa empreitada, discutimos a argumentação sob a perspectiva da Nova Retórica, enfatizando ainda a importância de Aristóteles para a sistematização dos estudos da argumentação e, também, a perspectiva do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos proposto por Pinto (2010).

Justificamos a inserção da perspectiva da Nova Retórica na fundamentação deste trabalho, em função da relevância que tem essa abordagem para os estudos atuais a respeito da argumentação. Evidenciamos a presença dos tipos de argumentos empregados nessa abordagem voltados à análise de memes verbo-imagéticos, desprendendo-nos da compreensão clássica que direciona essa teoria apenas à perspectiva de textos orais e escritos. Com relação ao modelo de análise proposto por Pinto (2010), é nele que encontramos o suporte necessário para a

consideração das estratégias argumentativas a partir de aspectos que transpõem a dimensão linguístico-textual.

Conforme discutimos ao longo deste capítulo, é com base na inter-relação entre os pressupostos empregados pela Nova Retórica e pelo Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos que propomos mais à frente um modelo voltado à análise argumentativa em memes verbo-imagéticos, aprofundando a ideia de que essas duas bases teóricas nos dão um quadro robusto voltado, especificamente, para essa modalidade textual.

Salientamos ainda, na discussão sobre os componentes que perfazem o Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos e também na discussão sobre os tipos de argumentos evidenciados no âmbito da Nova Retórica voltados à análise de memes verbo-imagéticos, que o *corpus* constituído para esta investigação detém como parâmetro uma finalidade persuasiva.

Atentando ao universo desse objeto que se configura como um dos principais elementos de ampliação dos estudos da multimodalidade em diversas áreas, dentre as quais a Linguística de Texto, trazemos a seguir uma discussão acerca da concepção do gênero meme, enfocando desde os princípios básicos até a face persuasiva adotada em nossa investigação.

2.3 O gênero meme verbo-imagético⁷ em sua face persuasiva

Ao longo das seções anteriores, discorreremos sobre os parâmetros tomados como essenciais para a construção do Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos proposto por Pinto (2010), considerando desde a compreensão de gênero e de texto adotada pela autora — que toma, entre outras bases, os postulados de Maingueneau (1998; 2004), Charaudeau (2001), Adam (1997; 1999; 2001) e Bronckart (1999; 2004) — até a definição dos componentes dispostos na dimensão contextual e linguístico-textual que contribuem diretamente para a análise

⁷ No decorrer de nosso trabalho, adotamos a nomenclatura “meme verbo-imagético” em função de o nosso *corpus* se concentrar nas estratégias argumentativas originadas pela relação entre as semioses verbal e imagética dos memes do tipo “*image macros*” que, de acordo com Chagas et al. (2017), são aqueles que se caracterizam pela presença de legendas sobrepostas à imagem.

argumentativa em memes verbo-imagéticos, entendendo a sua função discursiva enquanto um gênero persuasivo⁸.

Destacamos mais uma vez a importância desse modelo para a nossa proposta de análise, em função do atendimento a uma perspectiva que não se detém, exclusivamente, na consideração da materialidade verbal, mas em uma integração entre os diversos elementos que concorrem para a construção da coerência nos textos, tais como os aspectos linguísticos e não linguísticos.

No processo de construção desse modelo de análise dos gêneros, Pinto (2010) destaca o seu direcionamento a textos que visam à persuasão e, dada essa exigência, um conceito determinante para o sucesso de nossa empreitada passa diretamente pela definição de meme enquanto um gênero de face persuasiva.

Com o intuito de nos aprofundarmos acerca das concepções que regem o gênero meme, dedicamos esta seção a uma discussão sobre esse objeto, que tem servido como um dos principais elementos de difusão dos estudos brasileiros sobre multimodalidade no decorrer dos últimos anos, inclusive no campo da Linguística de Texto.

Para a obtenção da finalidade aqui proposta, é necessário que abordemos questões fundamentais para a compreensão do meme, discutindo desde o seu processo de transformação na cultura da internet até a sua concepção enquanto gênero persuasivo, aquele que tomamos como referência nesta investigação. Explanamos ainda a motivação que nos direcionou à sua escolha como *corpus* desta pesquisa, principalmente em função de uma abordagem temática diretamente relacionada a fatos político-sociais ocorridos durante o mandato do ex-presidente do Brasil, Michel Temer.

Nessa empreitada, adotamos, como parâmetro, relevantes pesquisas que contribuíram para o desenvolvimento da temática, dando primazia àquelas que tomam o gênero meme sob a mesma perspectiva que a nossa, ou seja, que o concebem como o resultado de uma ação sociocultural. Com esse propósito, encontramos principalmente nos trabalhos de Recuero (2006) e Chagas et al. (2017) os parâmetros necessários para nossa discussão, pois eles desenvolveram

⁸ Pinto (2010) define os gêneros persuasivos como práticas sociodiscursivas que estão inseridas nas diversas atividades de linguagem / formações discursivas / esferas da comunicação, objetivando a persuasão de diversas formas e fazendo com que o interlocutor adote uma posição em relação a determinado assunto.

pesquisas que ampliaram a abordagem da temática dos memes, estendendo-a, inclusive, a outras áreas do conhecimento.

Uma questão fundamental, que necessita ser esclarecida, é que os conceitos sobre memes tratados ao longo desta seção não se configuram como excludentes entre si, ao contrário, eles se complementam. Na literatura, podemos encontrar várias definições para esse objeto, assim como vários tipos e nomenclaturas, a depender do propósito para o qual se destina, sem, no entanto, fugir da concepção básica de replicação viral concebida em sociedade.

Para dinamizar a nossa discussão em torno do gênero meme, atentamos para um recorte entre aquelas pesquisas que detêm a mesma natureza pleiteada nessa investigação, conforme destacamos anteriormente, e sobre a qual nos aprofundamos a partir desse momento. Nesse contexto, não poderíamos realizar um debate em torno do meme sem apresentar o conceito referencial do modelo que adotamos como prospecto desta investigação, ou seja, a concepção do gênero meme enquanto uma ocorrência da cibercultura.

Nessa perspectiva, de acordo com Fontanella (2009, p. 10),

os memes são entendidos como ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação de forma viral, e caracterizados pela repetição de um modelo formal básico a partir do qual as pessoas podem produzir diferentes versões do mesmo meme.

Nessa descrição, o comportamento social é algo determinante para a compreensão do objeto, porque uma característica fundamental para a compreensão desse conceito passa diretamente por uma perspectiva que toma o gênero meme como uma “replicação de forma viral”, o que, em nosso caso, volta-se para a cibercultura. Os memes são entendidos como objetos que se caracterizam por sua capacidade de se disseminar facilmente pela internet e caracterizados, a partir desse contexto, como imagens, frases e brincadeiras que se replicam na internet muito rapidamente (viralizam).

Em conformidade com o que havíamos destacado anteriormente, consideramos o meme um gênero de caráter persuasivo, mais precisamente o resultado de uma ação sociocultural. Para a compreensão dessa definição, é necessário que percebamos o meme conforme a concepção apresentada por Chagas et al (2017), ou seja, como dependente de um repertório cultural extraído de

relações sociais, memórias, referências históricas, geográficas, econômicas e de aspectos conjunturais específicos.

Adotando o meme como um gênero de caráter persuasivo, direcionamos a nossa temática às questões políticas e analisamos as estratégias utilizadas pelo enunciador para a construção dos sentidos, levando em consideração a relação entre as semioses verbal e imagética.

Dessa forma, o meme persuasivo de temática política por nós investigado é caracterizado como uma forma de protesto que trata com humor e ironia questões relevantes relacionadas ao convívio social e que impulsionam práticas que visam a influenciar o interlocutor ao exercício reflexivo ou à adesão a uma tese.

Em um trabalho sobre o papel dos memes na política, Chagas et al (2017) chama a atenção para essa atividade persuasiva que toma o humor como uma de suas características. Para o autor:

A emergência de novas formas de humor, propiciadas pelas tecnologias de informação e comunicação, reforça ainda mais a importância de se pensar o uso do humor no contexto eleitoral. Isto posto, o que é aqui apontado é que o humor político na internet contribui para a criação e a consolidação de uma teia de significados compartilhados, que absorve e ressignifica conteúdos da cultura popular. Assim, ele atua como válvula de escape para momentos de tensão, fortalece laços de solidariedade e torna o aprendizado mais divertido, além de persuadir e, até mesmo, infundir ações coletivas. (CHAGAS et al, 2017, p. 178)

Tomando como base a perspectiva apresentada por Chagas et al. (2017), e diante de nossa proposta de discussão, consideramos o meme uma atividade de cunho persuasivo que visa influenciar o interlocutor à prática crítico-reflexiva. Assim, coadunamos a perspectiva inicial de investigação proposta através da tabela de análise para gêneros persuasivos apresentada por Pinto (2010) com nossa proposta de um modelo de análise para memes verbo-imagéticos que compartilham da mesma finalidade, considerando para isso a inter-relação entre a proposta da autora e os tipos de argumentos evidenciados no âmbito da Nova Retórica.

Um ponto importante para o objetivo aqui traçado é compreendermos o gênero meme enquanto resultado de uma ação sociocultural e, justamente por isso, caracterizá-lo como o fruto de práticas rituais. Logo, “sua replicação em determinados ambientes encontra-se atrelada a valores simbólicos, culturais e

sociais, contribuindo para a formação de grupos de interesses compartilhados” (BARRETO, 2015, p. 10).

Tratando agora do nosso direcionamento por uma abordagem temática que explane diretamente fatos político-sociais ocorridos durante o mandato presidencial de Michel Temer, esclarecemos que essa predileção carrega em si uma explicação lógica. Baseamo-nos em uma ação da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República que notificou e repreendeu páginas de internet que replicavam memes que tematizassem o ex-presidente Temer, ainda no início de sua gestão, como se houvesse a possibilidade de “regular” uma prática que se caracteriza justamente por sua forma viral nos meios sociais. O resultado dessa tentativa de “regulação” foi oposto àquele esperado pela Secretaria de Comunicação do Planalto, visto que a frustrada investida fomentou o aumento expressivo do número de memes que tematizavam o ex-presidente. Ficou demonstrada, assim, a impossibilidade de controle sobre as práticas sociais reproduzidas através dos memes.

Dessa maneira, vimos ao longo desta discussão o conceito de meme na literatura direcionado ao nosso foco de investigação, tanto como objeto da influência da cibercultura quanto em sua face persuasiva, ou seja, que objetiva influenciar o interlocutor a adotar uma postura crítico-reflexiva relacionada a determinado assunto, característica essencial para a execução da proposta levantada neste trabalho.

Apresentada a relevância dos memes na literatura e a sua importância enquanto gênero de face persuasiva para a hipótese levantada nesta investigação, descrevemos a seguir uma proposta voltada para a análise argumentativa de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva, considerando para esse fim uma inter-relação entre o Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos de Pinto (2010) e os tipos de argumentos evidenciados no âmbito da Nova Retórica. Objetivamos, dessa maneira, compor um quadro que propicie a viabilidade de uma análise mais robusta das estratégias argumentativas no *corpus* selecionado, considerando de igual maneira tanto os elementos linguísticos quanto não linguísticos no processo de construção dos sentidos em memes verbo-imagéticos.

2.4 Quadro de análise argumentativa para memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva

Em conformidade com a discussão que vimos traçando ao longo deste capítulo, em que importantes parâmetros das Teorias da Argumentação são debatidos, apresentamos nesta seção a proposta de um modelo voltado à análise argumentativa em memes verbo-imagéticos. Dessa forma, de posse de uma ferramenta que dê conta das técnicas argumentativas utilizadas pelo enunciador como recurso na construção dos memes verbo-imagéticos, analisaremos qual o valor dessas estratégias na concepção do processo de recategorização sem menção de expressão referencial.

Nesse sentido, afirmamos que o grande ponto de nosso trabalho reside justamente em uma proposta voltada à análise das estratégias argumentativas dispostas nos memes verbo-imagéticos, considerando a inter-relação entre os componentes que corroboram diretamente para esse fim, constantes no Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos de Pinto (2010) e os tipos de argumentos evidenciados na Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). A partir da observação e apreciação dos argumentos utilizados pelo enunciador, nessa modalidade de texto, analisamos o uso desses recursos para convencer os interlocutores a adotarem uma posição em relação a determinado assunto.

Destarte, essa necessidade de um modelo voltado à análise argumentativa de memes verbo-imagéticos carrega como fundamento o fato de que, isoladas, essas teorias não dariam conta da complexidade apresentada no *corpus* tomado para essa investigação. Explicamo-nos pelo fato de encontrarmos na Nova Retórica apenas técnicas argumentativas voltadas classicamente ao discurso oral e ao discurso escrito, portanto, “sem a previsão” de manifestações em textos que aliem as semioses verbal e imagética. Outra justificativa reside no fato de Pinto (2010) tomar como parâmetro em sua investigação gêneros que privilegiam a materialidade verbal, a exemplo do editorial e da petição inicial. Decerto que a autora também realiza uma análise argumentativa no *outdoor* político, no entanto, os elementos que se sobressaem são direcionados aos componentes verbais, enquanto que os não verbais se manifestam apenas através de características secundárias, mais precisamente assinaladas em nuances relacionadas, por exemplo, à identificação de cores e ao enquadramento e ângulo de fotografia.

Dessa forma, atentando às peculiaridades do gênero meme, apresentamos a seguir a nossa justificativa para o inter-relacionamento entre os tipos de

argumentos dispostos na Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e os componentes eleitos no modelo de Pinto (2010), sugerindo, ao final, um quadro de análise que leve em consideração os critérios por nós explanados anteriormente.

Em nosso estudo, encontramos os componentes arquitextual, peritextual, metatextual e discursivo na dimensão contextual do modelo de análise para gêneros persuasivos. Além disso, encontramos os itens finalidade e suporte material, empregados no componente situacional, como aqueles que não contribuem diretamente para a perspectiva de análise que considera os parâmetros relativos ao gênero meme verbo-imagético e, dessa forma, não se habilitam para a constituição desse modelo de análise.

Descrevendo cada um dos itens e justificando a proposta de exclusão no modelo aqui sugerido, encontramos em Pinto (2010) o componente arquitextual direcionado a uma espécie de memória textual relacionada a textos já existentes. Na perspectiva apresentada, a autora defende a mesma percepção de Bronckart (2004) em torno desse componente, que se constitui pelo conjunto de gêneros de textos elaborados e reorientados pelas formações sociais contemporâneas. Na perspectiva de investigação das estratégias argumentativas em memes verbo-imagéticos, esse componente se configura apenas como um mecanismo de descrição do gênero, fato que já apresentamos na seção deste trabalho que trata dos parâmetros dos memes verbo-imagéticos e sua face persuasiva.

Dentro desse universo de elementos que não contribuem especificamente para a nossa perspectiva de análise, encontramos ainda os componentes peritextual e metatextual. Os componentes peritextuais são descritos por Pinto (2010, p. 267) como aqueles que “correspondem aos textos que circundam o texto em análise dentro do mesmo espaço material, sendo que não seriam observados quaisquer traços intertextuais entre eles”. Esses componentes, até mesmo na perspectiva de análise da autora, em muitos momentos, são “obscuros” e sobre eles incide uma definição específica com relação aos gêneros abordados.

Com relação aos componentes metatextuais, encontramos na constituição do quadro de análise proposto por Pinto (2010) um direcionamento à descrição que rege os parâmetros de determinado gênero, a exemplo do que faz a autora com o *outdoor* político. Ela relata a regulamentação do *outdoor* perante legislação específica, assim como do editorial, descrevendo os aspectos em que pode ser observado esse componente, tanto nos discursos próprios voltados à formação

sociodiscursiva quanto naqueles referentes aos textos de teor didático desenvolvidos sobre o gênero. Em função dessa especificidade, esse componente torna-se matéria dispensável na proposta de análise argumentativa aqui desenvolvida.

Outro componente que gostaríamos de ressaltar nessa discussão surge na caracterização da prática discursiva, o componente discursivo. No âmbito de nossa pesquisa, tomamos o meme verbo-imagético sob a face persuasiva, mesmo que reconheçamos nele práticas voltadas especificamente ao humor e à ironia, que nem sempre se voltam à persuasão, não sendo o caso dos memes selecionados para este trabalho. Desse modo, fica evidente em nossa investigação que adotamos como perspectiva discursiva a face persuasiva dos memes verbo-imagéticos.

Por fim, outros dois itens alocados no componente situacional merecem destaque nessa proposta: a finalidade e o suporte material. Conforme relatamos em nossa justificativa para a prescindência do componente discursivo, presente na dimensão contextual, a finalidade para a qual investigamos o meme verbo-imagético se restringe à sua face enquanto gênero persuasivo, fato que também pode justificar a ausência desse elemento presente no componente situacional em razão do mesmo fundamento.

Com relação ao suporte material, esse foi um componente dispensável à análise, levando em consideração os critérios de seleção do *corpus*, primeiramente por não proporcionar nenhuma influência sobre as estratégias argumentativas no âmbito de nossa investigação e, posteriormente, por todos os exemplares se constituírem em elementos selecionados através de meios digitais.

Isso posto, apresentamos assim a nossa justificativa para a exclusão dos elementos que não influenciam diretamente nossa perspectiva de análise dos memes verbo-imagéticos, que inter-relaciona o Modelo de Análise dos Gêneros Persuasivos de Pinto (2010) e os tipos de argumentos presentes na Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Chamamos a atenção, na Nova Retórica, para três tipos de argumentos: o vínculo causal e a argumentação, o argumento pragmático e a metáfora, que ficaram mais evidentes na perspectiva desta pesquisa, embora não descartemos a possibilidade simultânea de manifestação de outros tipos. Assim, sob a perspectiva de nossa investigação, justificamos a inserção desses três tipos de argumentos, motivados por suas particularidades, pois

fortalecem as estratégias analíticas para a argumentação no gênero meme verbo-imagético.

Tomando como referência o vínculo causal e a argumentação, encontramos nesse tipo de argumento um complemento para a dimensão contextual descrita por Pinto (2010), ampliando esse universo a três possibilidades: aquelas que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos por meio de um vínculo causal; aquelas que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo; e aquelas que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar. Encontramos com frequência, nos memes verbo-imagéticos, situações em que a relação entre o vínculo causal e a argumentação são evidentes, conforme percebemos no exemplo 12 disposto neste capítulo, funcionando assim como uma eficiente estratégia de convencimento.

Complementando a ideia acerca do tipo de argumento que trata do vínculo causal e a argumentação, encontramos o “argumento pragmático”, que se configura como “aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 303). É no argumento pragmático que as estratégias são avaliadas em função das consequências da não adesão a determinada tese, que, no âmbito de nosso trabalho, configuram-se através das estratégias argumentativas presentes nos memes analisados.

Por fim, defendemos ainda a inclusão de um tipo de argumento muito recorrente no âmbito da persuasão, a “metáfora”, que se configura em associação a uma “analogia” para realizar uma mudança de significação de uma palavra ou locução, promovendo uma associação entre um padrão esperado e um desvio condenado. Esse elemento é utilizado pelo enunciador para relacionar um argumento tomado como legítimo e outro tomado como ilegítimo.

Expostas as justificativas para a exclusão e a inclusão de elementos que visam à proposição de um quadro voltado à análise de memes verbo-imagéticos, elaboramos o quadro a seguir, que mostra o desenho de nossa proposta. Lembramos que esta consiste numa adaptação do modelo de Pinto (2010; 2015) acrescido de técnicas argumentativas eleitas da Nova Retórica.

Tabela 3: Quadro de análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva

Dimensão Contextual	
Componentes	Definição
Situacional	Aspectos contextuais relevantes para a produção dos textos.
Lugar / Época de circulação	Lugar e época em que os textos foram produzidos ou que circularam.
Instâncias interlocutivas / Estatuto dos Interlocutores	Pessoas responsáveis pela produção / interpretação / papel social e institucional dos interlocutores.
Intertextual	Ecos dos textos nele presentes
Tipos de Argumentos	
Vínculo causal	Argumentações que visam a aumentar ou a diminuir a crença na existência de uma causa que explicaria determinado acontecimento ou um efeito que dele resultaria.
Argumento pragmático	Aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis.
Argumento metafórico	Mudança bem-sucedida de significação de uma palavra ou de uma locução.
Dimensão Linguístico-Textual	
Componentes	Definição
Organizacional	Planos de texto (tipos de discurso e sequências). Escolha semântica e temática. Argumentações internas e externas.
Estilística	Textura micro-linguística (organizadores textuais, modalizações, aspectos multimodais, dentre outros elementos).
Enunciativa Ampliada	Grau de responsabilidade dos enunciados, identidade e implicações.

Gênero Persuasivo

Fonte: adaptado a partir a inter-relação entre a abordagem teórica de Pinto (2010; 2015) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Nessa proposta, chamamos atenção para o fato de a análise argumentativa dos memes verbo-imagéticos exceder à perspectiva material, tradicionalmente empregada quando se analisa a argumentação em textos verbais. Essa opção foi feita em consonância com a abordagem sociocognitiva de texto que adotamos, compreendendo as estratégias argumentativas em função de aspectos linguísticos, cognitivos e sociais, representados em cada uma das dimensões descritas na tabela apresentada.

Acreditamos que, de acordo com cada exemplar analisado, os componentes se sobressaíam em função de suas características, ou seja, em um exemplar o argumento metafórico pode ser determinante para a construção do sentido no texto, enquanto em outro ele sequer pode se manifestar. De toda forma, isso não significa

dizer que esse componente não se configura em uma importante ferramenta voltada para a análise de memes verbo-imagéticos, mas que está apto ao uso sempre que se fizer necessário.

Apresentada a relevância da tabela proposta nesta seção para a hipótese que levantamos, sobre a qual incorrerá o papel de categoria de análise, descrevemos, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos, os critérios utilizados na constituição do *corpus* de investigação, os procedimentos de análise utilizados e as análises dos dados coletados.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Apresentada a fundamentação teórica tomada como norte para a realização desta investigação, na qual perpassamos perspectivas relacionadas a abordagens textuais, aos processos referenciais e também à concepção das teorias da argumentação, apresentamos, neste capítulo, a metodologia empregada para a realização do processo investigativo.

Elegemos, especificamente, para este trabalho o meme verbo-imagético em função da relevância que esse tipo de texto tem assumido atualmente no campo da Linguística de Texto e, para analisá-lo, adotamos uma proposta de trabalho que se desvia do “verbocentrismo” tradicionalmente empregado na área. Assumimos, então, como hipótese, que as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial constituem um mecanismo fundamental na construção dos sentidos em memes verbo-imagéticos. Assim, tomamos a concepção de texto sob uma abordagem sociocognitiva, em conformidade com a discussão que vimos traçando desde o início de nossa fundamentação. Discutimos ainda a importância do diálogo aqui estipulado entre a Linguística de Texto e as Teorias da Argumentação, que favorecem a impulsão de novas abordagens interdisciplinares, conforme preconizam Cavalcante et al (2016).

Com o intuito de instaurarmos a investigação proposta para este trabalho, descrevemos, a seguir, os procedimentos metodológicos, os critérios utilizados na constituição do *corpus* de investigação, os procedimentos de análise e, por último, apresentamos a análise do *corpus* constituído para a presente investigação.

3.1 Procedimentos metodológicos

Para a realização desta investigação, de caráter bibliográfico, adotamos uma metodologia de natureza qualitativa com análise descritiva dos dados. Levando em consideração o que ressaltam Prodanov e Freitas (2013), nesse tipo de pesquisa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição dos significados funcionam como atividades básicas, o que justifica nossa escolha, já que intentamos interpretar e descrever os fenômenos que remetem à construção dos sentidos no *corpus* coletado para este trabalho, considerando os diversos aspectos, contextuais e linguístico-textuais, nele imbricados.

Ainda com base na perspectiva de Prodanov e Freitas (2013), na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados, com o qual o pesquisador mantém contato direto, assim como com o seu objeto de estudo, que ele tende a analisar indutivamente. Nessa perspectiva, como veremos a seguir, a preocupação com a variabilidade dos elementos existentes é um dos critérios adotados para a seleção de nosso *corpus* e em seu processo de descrição, objetivando, justamente, submeter à hipótese aqui levantada a distintas possibilidades de ocorrência.

Apresentados os procedimentos metodológicos adotados, discorreremos a respeito da constituição do *corpus* estipulado para esta investigação.

3.1.1 Constituição do *corpus* de investigação

Considerando as novas abordagens interdisciplinares, cada vez mais assumidas pela Linguística de Texto, que configuram um universo totalmente enriquecedor às pesquisas realizadas na área, assim como a perspectiva multimodal dos textos assumida nos últimos anos pelas investigações dessa área realizadas no Brasil, elegemos como *corpus* deste trabalho dez exemplares do gênero meme verbo-imagético. A hipótese que levantamos neste trabalho é a de que a representatividade social e o apelo investigativo em torno dos memes verbo-imagéticos fazem desse gênero um objeto privilegiado, que vai ao encontro das novas abordagens investigativas assumidas atualmente no campo da Linguística de Texto.

Nessa conjuntura, coletamos em *blogs*, redes sociais e sites nacionais e internacionais, entre junho de 2017 e junho de 2018, memes verbo-imagéticos, do tipo “*image macros*”⁹, que tematizavam fatos político-sociais relacionados ao mandato do ex-presidente Michel Temer. Esse processo resultou num total de cento e cinquenta exemplares, dos quais apenas vinte e cinco atendiam à perspectiva de nossa investigação, ou seja, apresentavam o fenômeno da recategorização sem menção de expressão referencial.

Com o intuito de definir os memes verbo-imagéticos que seriam postos à análise, tomamos como critério para a seleção o atendimento à diversificação

⁹ De acordo com Chagas et al. (2017) esses memes se caracterizam pela presença de legendas sobrepostas à imagem.

temática abordada em cada um desses textos, que percorrem questões tanto de ordem política quanto de ordem social, relacionadas ao referente “presidente Michel Temer”.

O processo de coleta desse *corpus*, que consta de dez memes, levou também em consideração os acontecimentos político-sociais de grande relevância perante a opinião pública. Como exemplo, temos as denúncias de corrupção envolvendo Michel Temer e sua equipe e a crescente rejeição ao seu governo manifestada através das pesquisas de popularidade, fatores que sempre se manifestavam através da insurgência de memes verbo-imagéticos que tematizavam essas situações.

Ratificamos que a seleção dos memes verbo-imagéticos coletados observou, além dessa tematização dos fatos político-sociais relacionados ao mandato de Michel Temer, a consideração da perspectiva de análise aqui proposta, ou seja, a da recategorização sem menção de expressão referencial, para que assim pudessemos prosseguir com o intento de nossa investigação.

Ademais, lembramos mais uma vez que a motivação em torno dessa temática decorre do fato de ter a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República notificado e repreendido páginas de humor na internet, logo no início do mandato do ex-presidente, por uso indevido das imagens de Temer veiculadas em canais oficiais de comunicação do governo. Esse fato ocasionou uma “revolta” entre os internautas e resultou em um efeito inverso, ou seja, a produção de inúmeros memes que tematizavam o então presidente da República.

Justificada a seleção do *corpus* constituído para esta pesquisa, passamos agora à descrição dos procedimentos de análise, que tomam como base o “Quadro de análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva” por nós proposto e disposto através da Tabela 3, sobre o qual consideramos a perspectiva de investigação dos memes enquanto gênero persuasivo.

3.1.2 Procedimentos de análise

Com o objetivo de submeter à prova a hipótese que levantamos nesta investigação, consideramos o substancial diálogo proposto entre a Linguística de Texto e as Teorias da Argumentação e entre os próprios pressupostos teóricos

observados através da inter-relação entre o modelo proposto por Pinto (2010) e a Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Nessa perspectiva, dados os elementos que contribuem diretamente para a análise argumentativa em memes verbo-imagéticos, o *corpus* constituído para esta investigação foi submetido individualmente a cada um dos componentes dispostos no quadro de análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva. Foi considerada a constituição descrita na seção anterior para a investigação das estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial que configuram a construção dos referentes em memes verbo-imagéticos.

Apresentados os elementos essenciais para a estruturação deste trabalho, passemos à análise dos dados coletados.

3.2 Análise dos dados coletados

Conforme descrevemos na subseção que trata da constituição do *corpus* para esta pesquisa, quando do atendimento à diversificação temática abordada nos memes verbo-imagéticos selecionados com o objetivo de pôr à prova a hipótese que levantamos, estipulamos como arranjo para o processo de análise dos dados coletados uma cronologia progressiva dos fatos político-sociais ocorridos durante o mandato presidencial de Michel Temer. Assim, neste trabalho, os memes serão analisados através de uma cronologia que se inicia em exemplos que tematizam fatos sucedidos no início do mandato de Michel Temer e termina naqueles que tematizam fatos ocorridos no final do governo, respeitando, é claro, o período proposto para a coleta desse *corpus*.

Antes de passarmos propriamente às análises, chamamos atenção para o fato de que esta investigação não carrega em si qualquer tipo de posicionamento político-partidário. Ela reflete de maneira indutiva, unicamente, sobre o valor das estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial na construção dos sentidos em memes verbo-imagéticos. Alertamos também para o fato de que seguiremos, no processo de análise, uma disposição dos componentes do “quadro de análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva”, conforme estipulamos em nossa metodologia.

Ressaltamos que é de fundamental importância para o sucesso dessa empreitada que pormenorizemos os aspectos contextuais e cotextuais relevantes ao processo de construção de sentidos dos textos, definidos a partir dos componentes previstos nas dimensões contextual, linguístico-textual e nos tipos de argumentos, para que assim possamos avaliar o valor das estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial.

Para essa empreitada, passemos à análise do primeiro exemplo, que aborda como temática o discurso de posse do ex-presidente Michel Temer, ainda na condição de interino.

Figura 5 - Meme 1: “O português como língua oficial nos discursos”.



Fonte:

<<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/michel-temer-1-ano-no-governo-atraves-dos-memes.html>> Acesso em: 30/06/18

O Meme 1 propõe o cotejo entre os discursos do ex-presidente Michel Temer e de sua antecessora, Dilma Rousseff. Para situar os acontecimentos que precedem a replicação desse viral na internet, visto a importância da dimensão contextual para o universo de nossas análises, é necessário enfatizar que o Brasil vivenciava naquele instante um conturbado momento político-social que culminou, em agosto de 2016, no *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff (PT). Ela era acusada por partidos de oposição ao seu governo pela prática de “pedaladas

fiscais”, uma espécie de “engenharia financeira” que se constitui em crime de responsabilidade.

Dessa maneira, o Meme 1 apresenta como época de circulação esse conturbado período da história política brasileira, e reforça a ideia de “polarização” que começava a se desenhar naquele momento. Com a ratificação do processo de *impeachment* da presidente Dilma, iniciado ainda no ano anterior, toma posse no mais alto cargo do executivo nacional o então vice-presidente da República, Michel Temer (PMDB), que logo em seu primeiro pronunciamento à nação chama a atenção da imprensa e da população brasileira pelo notório rebuscamento de seu discurso.

Já no discurso de posse, Michel Temer comporta-se de modo totalmente diverso daquele habitualmente desenvolvido por sua antecessora, demarcando uma prática voltada à formalidade e à eloquência discursiva, que assinalam um teor de refinamento. É justamente com base nessa distinção que o enunciador trabalha o seu ponto de vista, enaltecendo uma característica presente em Temer.

Vale ressaltar que a então presidente Dilma Rousseff se caracterizou, especialmente em seu segundo mandato, pela proferição de discursos repletos de improvisos que, muitas vezes, serviam de chacota para a mídia e para o grande público¹⁰. Eram falas assinaladas por expressões polêmicas e pela ausência de clareza e progressividade tópica. Esta última característica, na visão de Koch (2017), é responsável justamente pela organização do segmento tópico no texto, e rupturas definitivas ou interrupções excessivamente longas do tópico precisam ser justificadas, fato que não ocorria nos discursos proferidos pela ex-presidente.

Ainda nesse contexto situacional, o momento político vivenciado no Brasil naquele período refletiu-se na esfera social, gerando um conturbado ambiente em que grupos contrários e favoráveis ao *impeachment* de Dilma travavam uma batalha manifestada, dentre outras maneiras, através de replicações de memes na internet.

Tomando como base esse contexto, analisamos as estratégias adotadas no Meme 1, no qual o enunciador assume uma posição favorável ao *impeachment* de Dilma Rousseff e da continuação do mandato presidencial por Michel Temer. As estratégias por ele adotadas conduzem a uma caracterização positiva do novo

¹⁰ Um desses exemplos se refere ao pronunciamento no qual a ex-presidente faz menção à estocagem de vento como matéria-prima para a produção de energia. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/dilma-sugere-estoque-de-vento-vira-piada-na-internet-17744645>> Acesso em: 25/10/18.

presidente, homologada através da semiose verbal “Michel Temer reintroduz o português como língua oficial nos discursos”, que ressalta no então presidente uma característica virtuosa. A exaltação formulada na relação entre as semioses nos permite inferir que o enunciador se coloca como alguém favorável ao *impeachment* de Dilma Rousseff, ainda que não haja no meme instâncias interlocutivas que nos levem a identificar as pessoas responsáveis pela sua produção.

Nessa perspectiva, o enunciador utiliza apenas essa estratégia argumentativa para convencer os opositores de Temer que o novo presidente demonstra ser uma pessoa mais qualificada ao cargo presidencial: sua elogiável capacidade discursiva. Não há no Meme 1 nenhuma intertextualidade evidente que contribua para a construção desse sentido. Sobre os tipos de argumentos utilizados no Meme 1 que objetivam ressaltar as qualidades de Temer, o enunciador emprega como recurso na construção do texto uma relação entre o vínculo causal e o argumento pragmático. Fica enfatizada a ideia de que se hoje o Brasil possui um presidente que traz dentre as suas virtudes reconhecidas a eloquência discursiva, é por ter a sua antecessora desprezado essa característica, o que, por conseguinte, acaba por gerar admiração naqueles que exaltam o rebuscamento nos discursos.

Tomando como base o quadro de análise para memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva proposto, que nos serve como categoria de análise, não foram identificados no Meme 1 argumentos metafóricos utilizados pelo enunciador. Considerando agora a dimensão linguístico-textual manifestada nesse exemplo, encontramos, no componente organizacional, uma demarcação inicialmente voltada a uma argumentação que demonstra a benevolência do enunciador para com Michel Temer, ao enaltecer a capacidade discursiva do novo presidente da República. Dessa maneira, as argumentações evidenciadas no Meme 1 nos levam a inferir que se Michel Temer reintroduziu o português como língua oficial nos discursos é porque sua antecessora, pela razão oposta, não era compreendida pela população.

Outra argumentação inferível a partir do componente organizacional, presente na dimensão linguístico-textual, é a de que Michel Temer se mostra um presidente preparado para os momentos em que o discurso se faz necessário, e essa capacidade deve ser exaltada pelos apreciadores da língua materna. Essa estratégia adotada pelo enunciador e seu posicionamento são reforçados através do componente estilística, pois a escolha da semiose imagética para a construção do meme evidencia uma concepção de aprazimento de Temer frente às características

que lhe são exaltadas. Esse efeito se dá através do olhar direcionado ao interlocutor e do sorriso demarcado, que reforçam a ideia de convencimento, demonstrando a importância da relação entre as diversas semioses para a construção dos sentidos no texto, conforme discutimos ao longo deste trabalho.

Ainda considerando as estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador no Meme 1, o componente enunciativa ampliada reforça a ideia de que o ex-presidente Michel Temer reintroduziu o português como língua oficial nos discursos, que leva a inferir, através da relação entre as semioses verbal e imagética, a recategorização do referente “presidente Michel Temer” como “eloquente”, “preparado para atividades discursivas” e “bom conhecedor das regras que regem a língua portuguesa”. Essa inferência é possível sem que haja menção a qualquer um desses termos no meme analisado, confirmando assim o processo de recategorização sem menção de expressão referencial, conforme relata inicialmente Custódio Filho (2011) em seu estudo e, posteriormente, Lima e Cavalcante (2015), dos quais adotamos a referida nomenclatura, conforme justificamos na fundamentação desta investigação.

Dessa maneira, através dos componentes dispostos no quadro de análise para memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva e empregados pelo enunciador como recurso persuasivo, verificamos que as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial funcionam como um mecanismo fundamental para a construção dos sentidos nesse exemplo. Os componentes do quadro, portanto, assinalam um conjunto de recursos adotados pelo enunciador que objetivam convencer o interlocutor a aderir a uma tese.

Um fator importante a ser destacado na análise realizada no Meme 1 é que o processo de recategorização, mais precisamente a subclassificação postulada por Custódio Filho (2011), corrobora a ideia de que outros elementos devem ser convocados para a construção dos sentidos no texto, transcendendo a concepção inicial postulada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). No caso específico do meme analisado, as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial se convertem em um mecanismo considerável para a construção dos sentidos.

Revelamos, com base nessa primeira análise, a eficiência demonstrada pelo quadro de análise proposto através da inter-relação entre os tipos de argumentos

evidenciados na Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), e o modelo de análise de Pinto (2010) para o objetivo aqui traçado, que asseveram o fato de que a recategorização sem menção de expressão referencial se dá em função de uma estratégia argumentativa considerada em sua dinamicidade, que perpassa elementos tanto de ordem linguístico-textual quanto de ordem contextual.

Antes de passarmos à análise do próximo meme, chamamos atenção para a relevância que tem o contexto de produção do meme analisado no processo de descrição das estratégias argumentativas. Não estamos aqui atribuindo a esse componente um valor “mais significativo” do que outros que constituem o quadro de análise para memes verbo-imagéticos, mas destacando a legitimidade do modelo de análise proposto nesta investigação. Dessa maneira, enxergamos a argumentação através de uma dinamicidade que se volta tanto à análise de aspectos linguísticos quanto de aspectos não linguísticos, fator que contribui para a viabilidade de uma análise mais robusta do *corpus* que convocamos para esta pesquisa.

Asseverada essa colocação, passemos agora à análise do próximo meme.

Figura 6 - Meme 2: “Participação de mulheres no governo Temer”.



Fonte:

<<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/michel-temer-1-ano-no-governo-atraves-dos-memes.html>>

Acesso em: 30/06/18

No contexto descrito na análise do meme anterior, em que os acontecimentos políticos levaram à confirmação do segundo processo de *impeachment* aberto contra presidentes democraticamente eleitos no Brasil, agora contra Dilma Rousseff (PT), encontramos no Meme 2 um contexto situacional que reforça toda a conturbação vivida naquele ano frente ao cenário político nacional.

Pormenorizando o contexto situacional, antes de todo o trâmite que incorreu no afastamento da presidente, uma averiguação legal se fez necessária para investigar a denúncia que atribuía a Dilma Rousseff a prática de “pedaladas fiscais”, uma espécie de “engenharia financeira” que se constitui em crime de responsabilidade. Esse processo de investigação aberto contra a ex-presidente resultou, inicialmente, em seu afastamento temporário da presidência por um prazo de 111 dias, tempo estipulado para a conclusão das investigações e necessário para a tomada de depoimentos de testemunhas de defesa e acusação, apuração de informações e coleta de dados, entre outros procedimentos.

No interstício que envolveu a apuração dessas práticas ilícitas atribuídas a Dilma, a presidência da República foi assumida, interinamente, em 13 de maio de 2016, por Michel Temer (PMDB), na condição de vice-presidente. Ele adotou, então, como uma de suas primeiras medidas, a substituição de toda a equipe ministerial indicada pela presidente afastada e, também, a extinção de parte dos ministérios e secretarias anteriormente criadas. Nesse processo de substituição da equipe ministerial, o Meme 2 tematiza o fato de o presidente interino não indicar nenhuma mulher para qualquer um dos 23 ministérios existentes, conduta que repercutiu negativamente perante a opinião pública, já que, diferentemente de governos anteriores, toda a equipe montada agora para o primeiro escalão do Governo Federal seria ocupada exclusivamente por homens.

Esse fato foi o estopim para a realização de uma onda de protestos espalhados por todo o Brasil, organizada pelos partidos de oposição, que se aproveitavam do momento político conturbado para manifestar apoio à presidente afastada e exigir a saída de Michel Temer da presidência. A repercussão da notícia de não haver convite para uma mulher integrar um de seus ministérios ressoou a todo instante nos noticiários e coagiu Temer de tal maneira que o fez repensar a estratégia por ele montada inicialmente e, enfim, convidar uma mulher para ocupar um cargo de reconhecimento nacional.

Foi nesse momento que o presidente interino, por força da pressão popular, disponibilizou para essa finalidade a Secretaria Nacional de Cultura, antes Ministério da Cultura, como forma de amenizar a repercussão negativa em torno da não nomeação de mulheres em sua equipe de governo. O fato é que, diante de toda a polêmica envolvendo a questão e também da insatisfação com o rebaixamento do Ministério da Cultura ao status de Secretaria, todas as mulheres convidadas ao cargo recusaram o convite feito, expressando claramente uma oposição de todas elas com à postura adotada pelo ex-presidente.

Analisando a estrutura do Meme 2, é possível identificar que o exemplo em questão foi compartilhado em uma rede social específica, e que o usuário dessa rede, na condição de enunciador, demonstra toda a sua insatisfação com os rumos tomados pela política empregada pelo ex-presidente Michel Temer. Percebemos que o enunciador se aproveita desse momento de indefinição na composição da equipe de governo do ex-presidente Temer e da recusa das mulheres convidadas, para, através de uma alusão a uma agressão ocorrida num protesto realizado em São Paulo, homologada a partir da relação entre as semioses verbal e imagética, posicionar-se criticamente contra as intenções do então presidente Temer.

Aproveitando-se do fato de que o registro da agressão foi realizado na cidade de São Paulo, localizada num estado governado por Geraldo Alckmin (PSDB), o enunciador homologa, através das pistas evidenciadas pelas semioses verbal e imagética, uma representação da força política exercida por Temer frente o cenário nacional, já que é atribuída à Polícia Militar do Estado de São Paulo, no meme em questão, a tarefa de arrastar uma mulher para o governo do então presidente Temer.

No Meme 2, não são percebidas estratégias intertextuais como recurso utilizado pelo enunciador na construção desse exemplar, embora a semiose imagética utilizada tenha sido repercutida em inúmeros meios de comunicação, enfatizando de igual maneira a agressão sofrida por essa manifestante praticada pela Polícia Militar paulista. Tomando como base a alusão à força política de Temer homologada pela relação entre as semioses verbal e imagética empregadas pelo enunciador, podemos inferir que o Meme 2 adota como estratégia a relação entre o vínculo causal e o argumento pragmático que remete à ideia de que as mulheres só ocupariam algum ministério no governo Temer se fossem, literalmente, arrastadas. Dessa maneira, o recurso utilizado pelo enunciador fortalece a ideia de que Temer

precisará usar a “força” para obrigar qualquer mulher a assumir um ministério em seu governo.

Nessa perspectiva, as argumentações internas no Meme 2 indicam o fato de que Temer não sentiu a necessidade inicial de convidar mulheres para o alto escalão de seu governo, portanto, todos os cargos seriam destinados apenas a homens de sua confiança. Também é evidenciada a ideia de que as mulheres, em repúdio a predileção do ex-presidente, não aceitariam nenhum cargo no governo, a menos que fossem levadas à força.

Não são percebidos, no Meme 2, argumentos metafóricos que nos direcionem a uma mudança de sentido em uma palavra ou locução, visto que a expressão “arrastar”, aquela que se destaca no texto por fortalecer a concepção de protesto no texto, é considerada em sua literalidade, ou seja, a de uso da força que visa à obrigação de alguém a fazer algo, inclusive através do exercício de violência física.

Passando às considerações que remetem aos componentes dispostos na dimensão linguístico-textual, o que chama atenção na análise do Meme 2 é o fato de o enunciador utilizar como componente organizacional a homologação do referente “presidente Michel Temer” através de uma semiose verbal empregada no texto e realizar a sua recategorização através da relação entre as semioses verbal e imagética. De maneira mais clara, no meme analisado, o referente “presidente Michel Temer” é homologado através da expressão verbal “Temer” — já que o enunciador utiliza como semiose imagética o registro da agressão de militares de São Paulo a uma manifestante — e recategorizado através da relação entre as semioses verbal e imagética que homologam uma construção negativa do então presidente.

A escolha da semiose imagética, em que um policial militar imobiliza uma manifestante totalmente desarmada e aparentemente indefesa, é utilizada pelo enunciador como recurso estilístico com o objetivo de despertar no interlocutor a reflexão a respeito das ações tomadas pelo “governo”, semiose essa utilizada em escrita destacada, grafada em maiúsculo, com o intuito de reforçar a quem se direcionava naquele momento o descontentamento expresso no meme.

No contexto do componente enunciativa ampliada, em que são dispostas as representações sociais que objetivam atingir o *pathos* do interlocutor, a repercussão em torno da agressão a uma mulher faz crescer o sentimento de revolta e

insatisfação desejado pelo enunciador, visto que todos os recursos por ele utilizados nos levam a inferir o seu posicionamento crítico ao então presidente, reforçando a ideia de que o meme tem por objetivo levar o interlocutor a adotar uma posição em relação a determinado assunto.

Dessa maneira, diante da descrição dos componentes dispostos na dimensão contextual, dos tipos de argumentos e dos recursos utilizados a partir da dimensão linguístico-textual, podemos inferir que o referente “presidente Michel Temer” é recategorizado no Meme 2 como “autoritário”, “tirano”, “violento” e “antidemocrático” — sem que haja no texto qualquer menção a essas expressões — e homologado a partir das pistas linguísticas verbais e não verbais que engatilham o processo, conforme Lima e Cavalcante (2015) já chamavam atenção.

Para que não haja dúvidas quanto ao processo de recategorização sem menção de expressão referencial conferido ao referente “presidente Michel Temer” no meme analisado, esclarecemos que esse processo de recategorização parte das ideias de autoritarismo, antidemocracia, violência e tirania inferidas da relação entre as diversas semioses, que fazem alusão ao fato de o referente “presidente Michel Temer” ser o responsável (in)direto por uma prática agressiva que levaria à força uma mulher para assumir um ministério em seu governo.

Dessa maneira, percebemos no exemplo que os recursos argumentativos utilizados pelo enunciador, verificados a partir do quadro de análise para memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva, reforçam a hipótese de que as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial se convertem em um mecanismo fundamental à construção dos sentidos.

Isso posto, passemos à análise do próximo meme, que adota como temática as eleições ocorridas no Brasil no ano de 2016.

Figura 7 - Meme 3: “Eleições 2016”.



Camila Gray
@camisgray

"olha que interessante esse sistema de eleição por votos"



Reprodução/Redes sociais

Fonte: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/10/02/o-grande-meme-do-dia-foi-michel-temer-votando-em-sao-paulo_a_21699045/> Acesso em: 11/10/2017

O Meme 3 traz como contexto situacional as eleições ocorridas em 02 de outubro de 2016. Foi a primeira eleição após o processo de *impeachment* contra a então presidente Dilma Rousseff e também a primeira com Michel Temer na condição de chefe do executivo nacional.

Com residência eleitoral na cidade de São Paulo, Temer se dirigiu logo cedo à sua seção de votação com o intuito de despistar jornalistas e manifestantes que sempre se fazem presentes em locais de grande circulação. Contudo, a estratégia por ele adotada não funcionou e ele foi flagrado no exato momento em que votava. O registro desse momento foi viralizado por apoiadores de Dilma Rousseff, que fizeram menção direta ao pleito eleitoral ocorrido no ano de 2014, quando Dilma fora eleita para um mandato de quatro anos e, no entanto, foi impedida de governar dois anos depois, pelo processo de *impeachment* que beneficiou diretamente Michel Temer com o cargo de presidente.

De acordo com os componentes dispostos no quadro de análise para memes verbo-imagéticos, encontramos no Meme 3 um posicionamento crítico adotado pelo enunciador frente ao então presidente Temer. As instâncias interlocutivas nos direcionam a esse propósito, resultado da relação entre as semioses que direcionam o interlocutor a criar uma interpretação negativa da imagem do ex-presidente.

É possível verificar que o enunciador se identifica no exemplo através da replicação do meme em uma rede social, compartilhando de sua concepção política com aqueles com quem tem acesso on-line, o que reforça a concepção de que a prática da replicação do meme encontra no hospedeiro força para a implantação de crenças e valores, conforme destacam Moraes, Mendes e Lucarelli (2011).

No contexto de produção do meme analisado, não são identificados recursos intertextuais utilizados pelo enunciador para a obtenção de sua finalidade, portanto, não há qualquer diálogo entre textos, discursos ou gêneros descritos no universo social, conforme acentuam os pressupostos por nós descritos e adotados em Pinto (2010).

Passando à análise dos tipos de argumentos utilizados, podemos identificar, através da relação entre o vínculo causal e o argumento pragmático, a ideia levantada pelo enunciador de que Temer não é um conhecedor do sistema eleitoral vigente no Brasil e, por esse motivo, não deveria ser presidente. No meme também encontramos o preceito de que Michel Temer não obteve votos diretos para o exercício do cargo, ainda que as eleições brasileiras definam o presidente e o seu vice através de uma chapa eleitoral composta por um conjunto de partidos políticos, que, nesse caso, envolveu, entre outros partidos, o PT de Dilma Rousseff e o PMDB de Michel Temer.

Não foram verificados argumentos metafóricos na análise do Meme 3, logo, o enunciador não fez uso de um recurso argumentativo disposto no quadro de análise de memes verbo-imagéticos para a obtenção de sua finalidade.

Reconhecendo a importância da dimensão linguístico-textual para a construção do meme, a partir do componente organizacional utilizado pelo enunciador, podemos evidenciar uma crítica em função de Temer assumir a Presidência da República apenas por causa do *impeachment* de Dilma Rousseff, sem votos diretos. Essa crítica é construída de maneira conotativa pela insinuação de que Temer não conhece o sistema eleitoral.

Nesse processo, algumas argumentações internas, decorrentes do componente organizacional utilizado pelo enunciador, são evidenciadas. É possível inferir, por exemplo, que o Brasil possui um sistema eleitoral que define o vencedor do pleito através dos votos diretos concedidos pelos eleitores, contudo, Michel Temer desconhece o funcionamento desse sistema. Também é possível inferir, através do argumento organizacional adotado pelo enunciador, que Michel Temer

desconhece o ritual democrático que rege o processo eleitoral e que só se tornara presidente em função de um suposto golpe de estado que o beneficiou.

Tomando agora a perspectiva de análise presente no componente estilística, o enunciador reforça essa concepção crítica trazendo à tona, a partir das pistas linguísticas verbais e não verbais que integram o meme, uma frase atribuída ao então presidente no momento da votação, reforçada pela expressão de espanto/surpresa que corroboram a construção do posicionamento sugerido pelo enunciador.

No intuito de levar o interlocutor à ação, o enunciador tenciona incutir uma ideia de “desprezo” de Temer frente a esse ritual democrático, com o qual, segundo o enunciador, o então presidente demonstra não ter nenhuma consideração. Esse recurso argumentativo toma força no meme, no qual o *pathos* se manifesta através do componente enunciativa ampliada.

Tomando como base os argumentos evidenciados no Meme 3, fruto das estratégias adotadas pelo enunciador na construção do texto e percebidos a partir do quadro de análise para memes verbo-imagéticos, é possível inferir que o referente “presidente Michel Temer” é recategorizado nesse exemplo como “golpista”, por não respeitar os rituais democráticos de uma eleição, mesmo que não haja no texto termo ou expressão que faça menção a essa recategorização.

Dessa maneira, o meme (3) traz uma recategorização sem menção de expressão referencial, na qual Michel Temer é recategorizado como “golpista” em função de desconhecer o ritual democrático relacionado às eleições e por ter, na visão do enunciador, assumido a presidência da República sem os votos necessários para tal.

A recategorização encontrada no Meme 3 reforça a ideia da abordagem sociocognitiva empregada por Koch (2017), visto que, para a construção dos sentidos nesse texto, é necessária a consideração das ações social e cognitiva como indissociáveis, ou seja, é necessário compreender o contexto no qual o meme se insere e a reflexão a respeito do fato.

Conforme verificamos na análise desse meme, as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial constituem um mecanismo fundamental à construção dos sentidos no texto, ressaltando o fato de que o processo não se homologa através de

um sintagma nominal explícito no texto, mas a partir de todas as estratégias que descrevemos, corroborando a hipótese por nós levantada nesta pesquisa.

Constatada essa aceção, passemos ao próximo meme disposto para esta investigação.

Figura 8 - Meme 4: “Temer e a Bíblia”.



Fonte: Twitter. Acesso em: 14/12/17

Com o objetivo de angariar apoio às reformas que pretendia realizar no âmbito de seu governo, dentre as quais a trabalhista e a previdenciária, Michel Temer esforçava-se a cada dia no sentido de dialogar com os mais variados setores da sociedade, entre eles, lideranças das mais diversas entidades religiosas.

Dentre os vários encontros que constantemente realizava àquela altura, um deles se realizou no mês de maio de 2017, quando o então presidente recebeu, para uma conversa em Brasília, Samuel Câmara, pastor da igreja Assembleia de Deus e um de seus líderes mais conhecidos. O objetivo de Temer era pormenorizar as propostas de reforma que almejava, sob a expectativa de contar com o apoio do pastor e de outras lideranças de sua igreja para a aprovação da matéria que, naquele instante, era seu principal objetivo político.

No referido encontro, registrado e publicado pela equipe de Temer em uma rede social, o ex-presidente faz questão de enfatizar o presente que recebera do pastor, um exemplar do livro “Bíblia da Liderança Cristã”, do autor americano John C. Maxwell. Essa imagem ficaria marcada como um dos símbolos do protesto contra

o ex-presidente Michel Temer nas redes sociais diante das circunstâncias que estavam prestes a acontecer. O fato é que, poucas horas após o registro do encontro entre Temer e o pastor Samuel Câmara, vieram à tona denúncias que tinham como base as delações dos irmãos Joesley e Wesley Batista, proprietários da empresa de alimentos JBS. Nas denúncias em questão, áudios gravados secretamente por Joesley Batista demonstravam a convivência do ex-presidente da República com o pagamento de propina a membros e aliados de seu governo em troca de silêncio sobre informações que, supostamente, poderiam pôr fim ao seu mandato presidencial.

Além desses áudios gravados pelo empresário, imagens registradas pela Polícia Federal demonstravam o recebimento de uma mala com aproximadamente R\$ 500 mil entregues por um executivo da empresa JBS ao ex-deputado e ex-assessor especial da Presidência, Rodrigo Rocha dos Santos Loures (PMDB). No inquérito instaurado para apurar a responsabilidade desse crime, a Polícia Federal tomou como suspeito o fato de que o dinheiro entregue a Rocha Loures teria como destinatário o ex-presidente Michel Temer que, em entrevistas posteriores, negou qualquer participação no episódio.

A crise política instalada no Brasil em 2016, com o *impeachment* de Dilma Rousseff, ganhava contornos ainda maiores, reforçada pelo apelo dos diversos setores sociais que exigiam a saída imediata de Michel Temer da Presidência. O chefe do executivo passaria por uma das mais graves crises deflagradas em seu governo, já que as gravações demonstravam claramente a sua participação nos crimes que lhe eram imputados.

A essa altura, o clamor popular e a divisão em sua base de apoio política no Congresso e no Senado encaminhavam para o curso de um terceiro *impeachment* na história do Brasil. A onda de protestos registrada no início de seu mandato novamente ganhou força e tomou as ruas de várias cidades do país, assim como as manifestações registradas nas redes sociais.

É nesse contexto, valendo-se do registro do encontro com o pastor Samuel Câmara em Brasília, publicado pela equipe de Michel Temer em uma rede social, e das delações que sucedem esse momento, que o enunciador legitima o seu protesto com a replicação de um meme que, de forma cômico-irônica, lança uma crítica sobre o então presidente do Brasil. Na análise do meme, é possível identificar o enunciador e que ele se utiliza de uma rede social para viralizar o meme e,

consequentemente, a sua opinião a respeito do assunto, induzindo seus interlocutores a assumirem também uma posição crítica.

Sobre a prática ressaltada no emprego desse meme verbo-imagético, vale lembrar a concepção de Chagas et al (2017), que destaca a relação existente entre o humor e a atividade persuasiva advinda com as tecnologias da informação e comunicação, ou seja, que o humor se caracteriza como umas das novas formas de persuasão.

Na construção do texto, percebemos que, dadas às estratégias adotadas pelo enunciador, a sua posição crítica é prevalecente. Para isso, ele se utiliza de uma alusão intertextual à divergência entre o “sagrado e o profano”, “a relação entre o bem e mal”. Desse modo, o enunciador toma como fundamento a argumentação de que Michel Temer representa, supostamente, um ser profano e, portanto, não pode ter contato com aquilo o que é sagrado. Para reforçar essa construção, o enunciador se aproveita da semiose imagética postada na página oficial da Presidência, fruto do encontro com o pastor Samuel Câmara, modificando-a para causar esse efeito crítico. Assim, a relação entre a semiose verbal e semiose imagética reforça essa concepção crítica sobre o ex-presidente.

Dessa forma, tomando como base os recursos empregados pelo enunciador no Meme 4, podemos inferir, a partir da relação entre o vínculo causal e o argumento pragmático, que Temer se configura como um ser maligno e não pode ter contato com “objetos divinos”, portanto, ao ter contato com esses objetos para angariar apoio às suas pretensões políticas, foi punido e tudo começou a dar errado para ele.

No contexto de análise, não foram identificados argumentos metafóricos utilizados pelo enunciador que objetivem alcançar o resultado pretendido.

No campo da dimensão linguístico-textual, verificamos que o enunciador se utiliza do componente organizacional, destacando a punição ao ex-presidente por ter tocado em um “objeto divino” e por, supostamente, ter em sua essência um direcionamento ao pernicioso. A escolha temática utilizada pelo enunciador vai ao encontro da descrição utilizada por parte da população insatisfeita com as políticas públicas empregadas pelo ex-presidente.

Analisando o componente estilística, não são verificados aspectos multimodais de grande relevância para o objetivo pretendido pelo enunciador, visto que a semiose imagética foi reaproveitada a partir de uma postagem da própria

equipe de Temer em uma rede social e modificada de acordo com as pretensões do enunciador. Ainda na análise dessa dimensão, no componente enunciativa ampliada, o despertar dos sentimentos parte da concepção de que Temer não pode ter contato com “objetos divinos”, ressaltado a partir do fato de que as coisas começam a dar errado para ele, assim como aconteceu no contexto da época de circulação desse meme.

Nessa conjuntura, as estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador nos levam à recategorização do referente “presidente Michel Temer” como “profano”, “maligno”, sem que haja no texto qualquer expressão que a homologue, evidenciando o processo de recategorização sem menção de expressão referencial.

Aprofundando a explicação que trata da homologação do processo de recategorização sem menção de expressão referencial no meme analisado, percebemos que as estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador como recurso persuasivo, que tomam como fundamento a relação entre as semioses verbal e imagética e as implicações contextuais, são determinantes para a construção dos sentidos no Meme 4.

Quando se utiliza de uma semiose verbal que manifesta a concepção de que as coisas começam a dar errado para Temer ao pegar na Bíblia, reforçado por sua relação com a semiose imagética, o enunciador constrói uma recategorização de Michel Temer como “ser profano” sem sequer utilizar uma menção a esse termo, o que, conforme relatamos, configura o processo de recategorização sem menção de expressão referencial aqui investigado.

Nesse contexto, é importante destacarmos a relação entre essa subclassificação do processo de recategorização e as estratégias argumentativas verificadas a partir das análises fundamentadas pelo quadro proposto, voltado à investigação de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva. Assim, os elementos dispostos nas dimensões contextual e linguístico textual, tomadas a partir do Quadro de Análise para Gêneros Persuasivos, de Pinto (2010), e sua inter-relação com os tipos de argumentos eleitos a partir da perspectiva da Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), configuram-se como um recurso expressivo para a análise da argumentação nessa modalidade de texto, em que são analisados os recursos persuasivos utilizados pelo enunciador na construção dos memes verbo-imagéticos.

Conforme destacamos, essa inter-relação entre os componentes dispostos no quadro de Pinto (2010), que corroboram diretamente com a análise de memes, e os tipos de argumentos eleitos na Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), nos proporcionam a viabilidade de uma análise mais robusta do *corpus* convocado para esta investigação.

Dentro desse contexto, as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial demonstram ser um mecanismo fundamental para a construção dos sentidos no meme analisado.

Dada essa questão, passemos à análise do próximo exemplar.

Figura 9 - Meme 5: “Saque do FGTS inativo”.



Fonte:

<<https://www.sensacionalista.com.br/2017/05/12/temer-apareceu-atras-de-uma-mulher-ao-caixa-eletronico-em-foto-e-a-internet-nao-perdoou/>>

Acesso em: 07/03/18

Objetivando reacquecer a economia brasileira e elevar o baixo índice de aprovação de seu governo nas pesquisas de opinião pública, Michel Temer adotou como estratégia a liberação do saque de contas inativas do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Era sua intenção amenizar a crise política que pairava sobre o seu governo, porém, na concepção de seus opositores, a estratégia visava apenas a encobrir nos noticiários as práticas ilícitas a ele atribuídas.

Nessa conjuntura, o Meme 5 adota como temática a medida do ex-presidente Temer, enfatizando o escândalo de corrupção que se evidenciava naquele instante. Michel Temer fora denunciado pela Procuradoria Geral da

República por, supostamente, receber dinheiro não declarado de uma empresa de alimentos para intervir favoravelmente em um processo constante no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE). Assim, percebemos que o enunciador se coloca numa posição crítica contra Temer, enfatizando que a medida não mascara o envolvimento do ex-presidente com os atos de corrupção que lhe são imputados.

A exemplo de outros memes analisados anteriormente, o enunciador se utiliza de uma rede social específica para viralizar a sua opinião a respeito do assunto e, conforme já descrevemos, influenciar o interlocutor a aderir a valores e crenças por ele defendidos.

No processo de construção do Meme 5, não são identificadas estratégias intertextuais utilizadas pelo enunciador, embora ele tire proveito de um registro fotográfico viralizado nas redes sociais em que Michel Temer é flagrado na Caixa Econômica Federal, banco governamental, atrás de uma beneficiária da medida que liberava o saque do FGTS inativo, uma situação inusitada que serviu como um gatilho para a construção do humor crítico do meme.

Analisando os argumentos baseados na relação entre o vínculo causal e o argumento pragmático, é possível inferir que a identificação de Temer como um “cliente de caixa dois” ressalta a crença do enunciador de que o ex-presidente, de fato, carrega a culpa sobre as denúncias que são a ele atribuídas. Assim, mesmo que Temer ainda não tivesse sido julgado pelos órgãos competentes, o enunciador já se posiciona como incrédulo na inocência dele com as práticas de corrupção.

Ainda na alçada dos tipos de argumentos utilizados pelo enunciador, chama a atenção no Meme 5 o emprego da expressão “cliente do caixa dois”, que se constitui um argumento metafórico empregado para fazer referência a uma suposta prática que envolve o crime de corrupção cometido pelo ex-presidente. Dessa maneira, o enunciador se utiliza desse tipo de argumento para corroborar o fato de que Michel Temer se beneficiou, supostamente, de esquemas de corrupção, fundamentando a concepção de que o então presidente é, sob o seu ponto de vista, uma pessoa desonesta e adepta a esquemas fraudulentos.

Essa construção, idealizada a partir das estratégias percebidas através do quadro de análise para memes verbo-imagéticos, é reforçada pelo componente organizacional utilizado, no qual a imagem de Michel Temer, inclinado para frente, remete a uma ideia de “invasão”, de “perturbação”, que é justamente aquela

pretendida pelo enunciador. O componente estilística traz à tona essa compreensão, já que nele os aspectos multimodais resultantes da relação entre a semiose verbal e a semiose imagética constroem o sentido pretendido pelo enunciador, que é a crítica às práticas políticas desenvolvidas pelo ex-presidente Michel Temer.

No componente enunciativa ampliada, as implicações presentes no meme nos levam a inferir que Michel Temer é adepto de práticas financeiras ilícitas que visam a atividades ilegais. Essa ideia é construída através de uma relação entre a semiose verbal e a semiose imagética, na qual o enunciador reforça a crítica ao crime de corrupção imputado ao ex-presidente Temer, com pistas linguísticas verbais e não verbais que levam à homologação do processo de recategorização do referente “presidente Michel Temer”.

Assim, diante das estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador, o ex-presidente Michel Temer é recategorizado no Meme 5 como “corrupto”, “alguém adepto a práticas ilícitas”, sem que haja no texto menção a qualquer uma dessas expressões. Assinala-se, assim, o processo de recategorização sem menção de expressão referencial que tomamos como objeto desta investigação, fortalecendo a hipótese de que as estratégias argumentativas imbricadas nesse tipo de recategorização são um mecanismo fundamental para a construção dos sentidos em memes verbo-imagéticos.

Para que possamos aprofundar a nossa compreensão em torno dessa recategorização sem menção de expressão referencial homologada a partir das estratégias argumentativas dispostas no meme, é necessário compreender que a semiose verbal “cliente do Caixa dois” funciona como um gatilho para a percepção do processo no exemplar analisado. Ela é uma estratégia adotada pelo enunciador que, reforçada pela semiose imagética que apresenta uma postura “invasiva” adotada pelo ex-presidente, reforça a construção pretendida pelo enunciador.

Nesse universo analítico, passemos às considerações que tratam do próximo meme.

Figura 10 - Meme 6: “Ferramentas para derrubar Temer”.



Fonte: Twitter Acesso em: 08/03/18

O Meme 6 também foi publicado no contexto dos escândalos de corrupção que constantemente faziam parte da agenda do governo de Michel Temer. Uma enxurrada de acusações pairava cada vez mais forte sobre o ex-presidente, dentre as quais aquela que envolvia a empresa de alimentos JBS e as gravações feitas por um de seus proprietários, Joesley Batista, já descrita no universo desta investigação.

Conforme já relatamos, uma gravação feita por um dos maiores empresários do ramo alimentício do Brasil, divulgada pelos meios de comunicação, tornou-se o estopim para o agravamento de uma crise política e social no país, que resultou em inúmeras ações na justiça que pediam o *impeachment* do então presidente Temer.

Na gravação, Temer se mostrava conivente com o pagamento de propina realizado pelo empresário Joesley Batista, presidente da empresa JBS, ao ex-deputado Eduardo Cunha¹¹ (PMDB), partidário e aliado político do governo, em troca do silêncio do ex-deputado sobre informações privilegiadas que poderiam arruinar todas as chances de permanência Temer na presidência da República.

A situação para Temer se mostrava cada vez mais insustentável e uma reportagem publicada pelo site “Superinteressante”, intitulada “Os quatro cavaleiros do apocalipse de Temer”, serviu de mote para a construção de um meme que tem como referência o mencionado texto jornalístico. Para compreender o meme convocado para esta análise, é necessário que antes compreendamos o teor

¹¹ O deputado Eduardo Cunha fora preso em 19 de outubro de 2016 acusado pelo recebimento de propina e lavagem de dinheiro. Fonte: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/10/juiz-federal-sergio-moro-determina-prisao-de-eduardo-cunha.html>> Acesso em: 22/11/2018.

contextual da publicação, que tinha como objetivo descrever quais dificuldades Michel Temer encararia para se manter na presidência da República.

Na matéria, foram descritos como problemas para o então presidente os oito processos de *impeachment* protocolados contra ele, a aceitação ou não do processo pelo Supremo Tribunal Federal, um pedido de impugnação da chapa Dilma-Temer arrolado na instância do Tribunal Superior Eleitoral, ainda em 2014, e a possibilidade de sua renúncia. Foram essas as quatro possibilidades levantadas pela matéria para a derrocada do mandato do ex-presidente Temer. Tomando como referência o teor da matéria, o enunciador se utiliza da manchete dada à publicação on-line para repercutir, de maneira cômico-irônica, outras quatro ferramentas para derrubar Temer. Ele utiliza variadas estratégias argumentativas, que descrevemos a partir do quadro de análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva.

Traçados os componentes situacionais relevantes para a produção do Meme 6, em que descrevemos minuciosamente o lugar e a época de circulação nos quais o texto foi produzido, é necessário identificarmos o posicionamento assumido pelo enunciador, que fica evidente ao analisarmos as ferramentas por ele sugeridas para derrubar o então presidente: água benta, adaga de prata, alho e crucifixo.

Aproveitando-se de uma intertextualidade com a lenda que prega a concepção de que vampiros são mortos ou seriamente feridos com as ferramentas descritas no Meme 6, o enunciador assume um posicionamento crítico contra o ex-presidente Temer, valendo-se inclusive de uma visão pejorativa. Destarte, ele utiliza uma semiose imagética reproduzida na matéria original para reforçar a concepção de medo e preocupação retratada por essa imagem.

Por força das análises, ressaltamos mais uma vez a preferência do enunciador pela publicação do “texto original” em uma determinada rede social, na qual ele é identificado. Enfatizamos que a utilização do termo “original” aqui utilizado se explica a partir da concepção de viralização dos memes, que podem se difundir através de outros meios digitais.

Na criação do meme, o enunciador se utiliza de outras técnicas argumentativas que reforçam seu posicionamento. Ele toma como vínculo causal a ideia de que Temer pode ser “derrubado” com água benta, adaga de prata, alho e crucifixo por, supostamente, ser um vampiro. Assim, o argumento pragmático induz à concepção de que Temer é um vampiro e, portanto, ferramentas que matam ou ferem seriamente esses seres podem ser usadas contra o ex-presidente. Conforme

destacamos, o enunciador se utiliza da mesma semiose imagética utilizada na reportagem para complementar o sentido do texto, retratando Temer com expressão apreensiva.

Considerando essa representação de Michel Temer na semiose escolhida para a composição do exemplar analisado, originalmente utilizada na reportagem que precede o meme, enfatizamos que, mais uma vez, a temática escolhida pelo enunciador, no que se refere ao componente organizacional das análises, corrobora a construção do sentido de que Michel Temer carrega em si, supostamente, uma essência maléfica. Essa essência pode ser inferida a partir das estratégias adotadas pelo enunciador na construção do meme verbo-imagético, que se relacionam diretamente com as políticas consideradas rigorosas por ele empregadas.

Finalmente, como último recurso utilizado, o enunciador faz uso do componente enunciativa ampliada para reforçar no interlocutor o posicionamento crítico assumido ao longo de toda a análise, em que a asserção “Temer precisa ser derrubado” prevalece como sua principal pretensão.

Tomando como base a hipótese levantada nesta pesquisa, percebemos que as estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador trazem à tona uma recategorização do referente “presidente Michel Temer” como “vampiro”, sem que haja no texto qualquer menção a essa expressão. Constitui-se, dessa maneira, a recategorização sem menção de expressão referencial.

Para que não restem dúvidas do processo de recategorização sem menção de expressão referencial homologado nesse exemplo, enfatizamos que, ao utilizar o alho, o crucifixo, a água benta e a adaga de prata como ferramentas para derrubar Michel Temer, o enunciador ativa na memória do interlocutor o *frame* “história de vampiros”, segundo o qual esses seres são descritos como adoradores de sangue humano e avessos a sol, alho, crucifixo e água benta. Nessas histórias, a única forma de eliminá-los é cravando uma adaga de prata em seu peito.

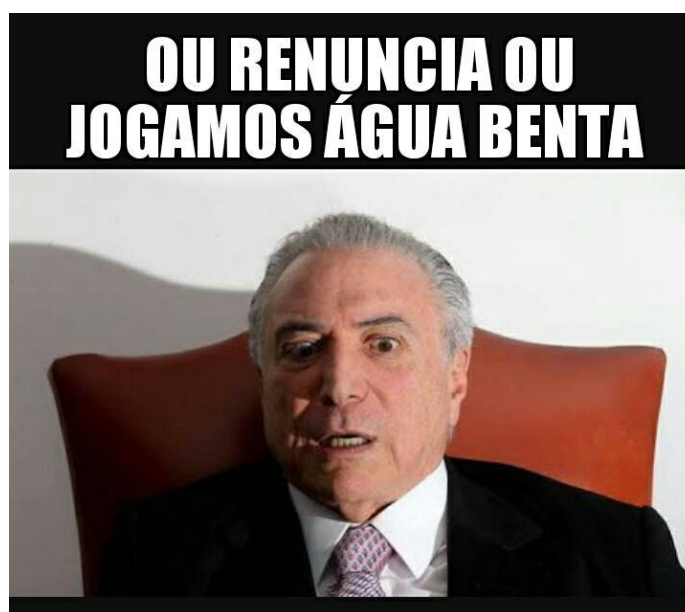
A construção desse sentido no meme, a partir das estratégias imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial, guarda uma relação especial com o que prega Custódio Filho (2011) em sua teoria, visto que esse processo se dá pela integração de múltiplos fatores, dentre eles o linguístico, o cognitivo e o social. O fator linguístico é perceptível no próprio meme, na semiose verbal escolhida para a composição do texto, que conduz inicialmente à construção dos sentidos. O fator cognitivo é ativado quando associamos a semiose verbal

utilizada pelo enunciador, ou seja, a água benta, a adaga de prata, o alho e o crucifixo, às lendas vampírescas e, posteriormente, o fator social, que atribui a Temer essa associação ao maligno por praticar políticas públicas severas que levaram a cortes de gastos e controle rígido em diversos programas sociais.

Nesse contexto, percebemos que o enunciador faz uso de recursos voltados à persuasão do interlocutor, objetivando influenciá-lo a aderir a uma tese. Assim, as estratégias argumentativas por ele adotadas, no Meme 6, são mecanismos fundamentais para a construção dos sentidos no texto e também assentam a base do processo de recategorização sem menção de expressão referencial, ou seja, podemos afirmar que essa subclassificação do processo de recategorização se dá em função de uma estratégia argumentativa.

Dada a análise desse meme, passemos à análise do próximo exemplo.

Figura 11 - Meme 7: “Operação Skala”.



Fonte: <<http://https.brasdangola.wordpress.com/>>
Acesso em: 06/04/18

O ano de 2018 chegava ao mês de março com novas denúncias de corrupção nos noticiários envolvendo o ex-presidente Michel Temer. Elas aumentavam ainda mais a insatisfação da sociedade com o governo do ex-presidente, que, de acordo com pesquisas continuamente divulgadas nos meios de comunicação, chegava a índices de apenas 5% de aprovação popular.

Dessa vez, a nova denúncia contra Temer dava conta de um suposto recebimento de propina em troca de favorecimento a empresas da área de portos. Uma operação da Polícia Federal, denominada “Skala”, apurava esse suposto pagamento, realizado por Antônio Celso Grecco, empresário e dono de uma das empresas supostamente beneficiadas. Nessa investigação, além do citado empresário, amigos diretamente ligados a Michel Temer foram detidos para esclarecimentos, acusados de participar do esquema fraudulento.

No contexto dessas novas denúncias de corrupção relacionadas ao ex-presidente Temer, o enunciador adota, na construção do Meme 7, estratégias que demonstram um posicionamento crítico contra Temer, influenciando de maneira cômico-irônica os interlocutores sobre o ex-presidente ser culpado por mais um crime sobre ser necessária a sua renúncia.

Conforme podemos verificar na análise desse meme, ao contrário dos últimos cinco analisados, não é possível identificar o enunciador responsável pela publicação, visto que não há, como nos anteriores, uma rede social que determine essa interpretação. Contudo, conforme já dissemos, a criticidade é perceptível pela relação estabelecida entre as semioses no texto.

Analisando os componentes que integram o quadro de análises para memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva, verificamos que, da mesma forma que no Meme 6, o Meme 7 carrega em si uma intertextualidade com a lenda dos vampiros, percebida pelo fato de o enunciador se utilizar de referências à forma como esses seres são feridos nas narrativas. Não é coincidência que mais uma vez o enunciador se utilize dessa alusão para recategorizar o ex-presidente Michel Temer como vampiro, pois é dessa maneira que ele aparece descrito no imaginário popular, muito em função da maneira rigorosa com que trata assuntos políticos e econômicos que, geralmente, prejudica as classes sociais que mais dependem do governo. Por esse motivo, herdou as alcunhas de “vampiro” e também de “malvado”.

Dessa forma, o enunciador se utiliza da relação entre tipos de argumentos que reforçam essa concepção, mais especificamente entre o vínculo causal e o argumento pragmático, pois Temer, na condição de vampiro, teria por natureza receio de ser ferido por água benta, conforme a própria entidade lendária. Assim, é proposto a Temer que ele renuncie ou, como consequência, sofrerá punição. Não são perceptíveis, na análise, argumentos metafóricos que contribuam para a construção dos sentidos no meme.

Tomando por base agora a contribuição da dimensão linguístico-textual para a construção do Meme 7, verificamos que o enunciador faz uso do componente organizacional, com uma semiose imagética de Temer que sugere a ideia de que o ex-presidente se sente ameaçado pelo prenúncio que lhe é feito, pois seu olhar e a sua postura defensiva são de apreensão.

Nessa relação analítica, o componente estilística ganha força pela composição escolhida para a imagem, com a sombra ao fundo de Temer reforçando a ideia de “ameaça”, da iminência de algo que está prestes a acontecer, caso ele não renuncie.

Conforme a maioria dos memes aqui analisados, o componente enunciativa ampliada reforça a concepção de um coro político muito comum reproduzido socialmente nessa época, o “Fora Temer!”, movimento criado por partidos de oposição contrários ao governo de Michel Temer, em decorrência de toda a situação descrita nas análises anteriores.

Dadas as estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador, identificadas a partir do quadro de análises para memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva, podemos inferir que o referente “presidente Michel Temer” é recategorizado no meme analisado como “vampiro”, sem que haja no texto qualquer menção a essa expressão, caracterizando assim o processo de recategorização sem menção de expressão referencial.

Na construção desse meme verbo-imagético, a homologação do processo de recategorização se dá através da relação existente entre as semioses verbal e imagética, reforçando a importância da vinculação entre esses elementos para a construção dos sentidos nos memes verbo-imagéticos.

No Meme 7, embora não haja no texto nenhuma referência à expressão “vampiro”, é possível inferir, com base nas estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador, que o referente “presidente Michel Temer” é recategorizado como tal em função do prenúncio utilizado na construção do meme, que remete mais uma vez ao *frame* “história de vampiros”, trazendo à tona a narrativa na qual os vampiros têm uma forte repulsa a água benta.

Verificado o processo de recategorização manifestado nesse exemplo, passemos à análise do próximo meme coletado para esta investigação.

Figura 12 - Meme 8: “Sexta-feira 13”.



Fonte:

<<https://www.dm.com.br/entretenimento/2018/04/usuarios-se-divertem-com-o-tema-sexta-feira-13-no-twitter-confira-memes.html>> Acesso em: 17/05/18

Com a popularidade cada vez mais em baixa e amargando índices de reprovação cada vez maiores, o ano de 2018 se firmava como o último de Michel Temer na presidência da República, visto que seu governo se encerraria em 31 de dezembro daquele ano.

Nesse universo que remete aos acontecimentos relacionados ao seu mandato presidencial, eram comuns as replicações de memes nas redes sociais que envolviam Teme, motivados principalmente por sua tentativa frustrada de censurar essa manifestação sociocultural no início de seu governo.

Concentrando a imagem de detentor de uma política assistencial severa, que carregava em si uma influência muito forte do conjunto de medidas tomadas para reaquecer a economia e diminuir consideravelmente os gastos públicos, a exemplo da PEC 241 que congelou por vinte anos investimentos em saúde e educação, Michel Temer era constantemente caracterizado no imaginário popular com alcunhas que o definiam de maneira pejorativa.

Levando em conta todos os acontecimentos político-sociais relacionados ao seu governo, não era difícil encontrar nos meios de comunicação replicações virais que carregavam no humor, criticando inúmeros escândalos de corrupção a ele relacionados. Um desses virais é expresso no Meme 8, que toma como pano de

fundo a temática que envolve a “Sexta-feira 13”, uma história de terror immortalizada nas telas de cinema.

Tomando como referência a superstição e a credence popular de que as coisas costumam dar errado nas sextas-feiras que coincidem com os dias 13 do mês, o enunciador adota essa temática para a construção do Meme 8, aproveitando-se do contexto situacional da ocorrência dessa data em 13 de abril do ano de 2018. Aproveita-se também para fazer uma relação entre essa narrativa e o governo do ex-presidente Michel Temer.

Para que possamos aprofundar o nosso conhecimento em torno desse imaginário, é necessário esclarecer algumas das origens relacionadas a essa lenda. Como na literatura ela possui várias procedências, descrevemos aquelas mais relevantes ao universo do meme analisado, por conta de sua popularidade. Uma das origens relacionadas à credence sobre a sexta-feira 13 tem relação com a história relatada na Bíblia, na qual Jesus Cristo teria sido perseguido pelo Império Romano justamente nessa data. Contudo, antes de sua crucificação, nessa mesma sexta-feira, celebrou uma ceia com treze participantes, fortalecendo assim o imaginário sobre a data. Outra origem suposta para a superstição dá conta de que o rei da França, Felipe IV, diante da ameaça e da influência exercidas pela Igreja em seu país, tentou se filiar à Ordem dos Templários Cavaleiros, com o intuito de contornar o poder cristão. Enfurecido por sua tentativa ter sido frustrada, ele teria ordenado a perseguição e a morte dos templários numa sexta-feira, dia 13 de outubro de 1307.

Todavia, dentre todas as histórias que relatam essa credence, é inegável a influência moderna do filme norte-americano “*Friday the 13th*” (“Sexta-feira 13”), para a consolidação e ampliação dessa lenda no imaginário popular. Lançado nos anos 1980, o filme de terror conta a história de um grupo de adolescentes que são perseguidos e assassinados um a um por Jason Voorhess, personagem fictício do longa, que sempre atacava nessa data. Uma curiosidade em torno desse personagem é que a icônica máscara utilizada por ele, que se tornou uma marca registrada dessa data, só foi adotada a partir da terceira sequência do filme. Uma referência à máscara foi utilizada, inclusive, pelo enunciador no meme aqui analisado.

Conforme percebemos ao longo dessas descrições, a sexta-feira 13 é uma data costumeiramente associada à credence de que acontecimentos negativos são corriqueiros. É justamente no entorno desse imaginário que o enunciador se

aproveita da relação entre o contexto político brasileiro e a lenda para convencer o enunciador de que a situação política com Michel Temer na presidência é digna de pavor, é aterrorizante e se configura como um perigo iminente.

Nessa perspectiva, o enunciador se utiliza dessa intertextualidade para reforçar a tese de que os brasileiros vivem em um filme de terror, quando associa, metaforicamente, a imagem de Temer à do personagem Jason Voorhess. Fica evidente no processo de construção do Meme 8 a criticidade assumida pelo enunciador, ao retratar a ideia de descontentamento de grande parte da população com o governo do ex-presidente Temer àquela altura.

Dessa maneira, o enunciador se utiliza de estratégias argumentativas que reforçam essa crítica quando os tipos de argumentos presentes nesse texto trazem como vínculo causal a relação entre a “sexta-feira 13 na infância” e a “sexta-feira 13 na vida adulta”. Com base nessa estratégia utilizada, podemos inferir que, na infância, a sexta-feira 13 não passa de uma lenda eternizada através de um personagem cinematográfico, uma ilusão que pode ser atinada em histórias de ficção, enquanto, na vida adulta, a sexta-feira 13 é caracterizada por alguém que tem como referência a austeridade econômica que prejudica os mais necessitados e aterroriza uma grande parcela da população.

Nessa construção, a expressão “sexta-feira 13 na vida adulta” empunha um argumento metafórico que implica uma relação de terror com o governo do ex-presidente Michel Temer, ou seja, a expressão “sexta-feira 13 na vida adulta”, acompanhada da semiose imagética de Temer, representa uma metáfora entre o terror fictício, retratado nas histórias do antagonista Jason Voorhess, e o terror da vida real, que pode ser associado à “política reformista” praticada pelo ex-presidente Temer.

A construção desse meme reforça a importância da relação entre as semioses verbal e imagética no processo de construção do sentido. Um exemplo disso pode ser evidenciado quando comparamos, por exemplo, o Meme 8 aos memes 6 e 7. Ao contrário desses, que trazem uma semiose imagética de Temer com ares de susto ou preocupação, no Meme 8, fazendo jus ao seu tom ameaçador, encontramos uma semiose imagética de Temer que reforça a concepção intimidatória pretendida pelo enunciador.

No campo das análises que se destinam às implicações encontradas no texto, a partir do componente enunciativa ampliada, verificamos que a posição crítica

assumida pelo enunciador traz à tona mais uma manifestação acentuada contrária a Temer e revelada pela comparação do governo do ex-presidente a um filme de terror, subtendendo-se, dessa maneira, a ideia de que o governo Temer é capaz de diversas atrocidades.

Chamamos atenção para o fato de o personagem do filme “Sexta-feira 13” ter como ferramenta de massacre um instrumento cortante, um facão utilizado para assassinar suas vítimas. Associando, no Meme 8, esse personagem ao ex-presidente Temer, com o objetivo de influenciar seus interlocutores de acordo com suas concepções, podemos inferir que enunciador faz uma alusão entre esse personagem e os “cortes” de benefícios sociais e de direitos adquiridos no decorrer do governo Temer.

Diante das estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador na construção do Meme 8, verificamos a recategorização do referente “presidente Michel Temer” como um “filme de terror” e/ou “um pesadelo” que assombra a todos na vida adulta. Mais uma vez, as expressões inferidas a partir das estratégias argumentativas não são mencionadas no texto, caracterizando o processo de recategorização sem menção de expressão referencial que tomamos como objeto desta pesquisa.

Nesse exemplo, evidenciamos a concepção empregada no estudo realizado por Lima (2009), quando a autora chama atenção para o fato de que o processo de recategorização pode ocorrer em um movimento circular que não se constitui na linearidade do texto, mas através de um processo que se espraia para o nível das estruturas e do funcionamento cognitivo.

Dessa maneira, dadas as estratégias argumentativas utilizadas pelo enunciador, verificamos como esse recurso persuasivo se converte em um mecanismo essencial para a construção dos sentidos no meme analisado, perfazendo, inclusive, a concepção do próprio processo de recategorização sem menção de expressão referencial.

Tomada essa compreensão, lancemo-nos à análise do próximo meme.

Figura 13 - Meme 9: “Ocupação irregular”.



**QUANDO ALGUÉM PERGUNTAR
O QUE É UMA OCUPAÇÃO IRREGULAR
MOSTRE ESTA FOTO! 👉**

Fonte:

<<https://twitter.com/DepMarcoMaia/status/991730931269623808>> Acesso em: 17/05/18

O dia primeiro de maio é marcado pelas comemorações que fazem alusão ao Dia do Trabalho, data dedicada à reflexão sobre as relações de trabalho em todo o mundo. São comuns comemorações e manifestações que trazem em seu bojo as exigências de reconhecimento e de melhores condições de trabalho.

Todavia, o dia primeiro de maio de 2018 foi marcado no Brasil por uma grave tragédia, quando um edifício de 24 andares, localizado no centro de São Paulo, desabou após um incêndio de grandes proporções. O edifício Wilton Paes de Almeida, inaugurado em 1968 e de posse do Governo Federal, que já havia abrigado em suas instalações a sede da Polícia Federal no estado e uma agência do INSS, era considerado uma ocupação irregular e já estava há 17 anos abandonado pelo poder público. No local, não eram realizadas manutenções preventivas e nem tomados os cuidados básicos de conservação, de modo que o prédio não oferecia uma estrutura básica para abrigar as pessoas que nele residiam. A tragédia ocorrida naquele primeiro de maio, foi destaque em noticiários nacionais e internacionais, visto que envolveu um número de aproximadamente 372 pessoas, distribuídas entre 146 famílias, que habitavam o local. No desabamento, um total de nove vítimas fatais foram contabilizadas.

Dada as consequências trágicas que envolveram o incêndio e o desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida, o ex-presidente Michel Temer se

sentiu na obrigação de, como chefe de Estado, ir ao local providenciar assistência às vítimas dessa ocorrência. Como estava em São Paulo para as comemorações alusivas ao Dia do Trabalho, ele foi até o local do acidente, mas teve sair às pressas por conta da hostilidade com que foi recebido.

Os dias que sucederam a tragédia levantaram uma polêmica que tratava de uma investigação policial que apurava a cobrança de taxas indevidas aos moradores do edifício desabado, que chegavam a custar algo em torno de R\$ 400,00, supostamente pagos a lideranças responsáveis pela ocupação do prédio e ligadas a um movimento denominado “Movimento da Luta Social por Moradia”.

Esclarecemos que nossa pretensão ao descrever o contexto no qual se insere esse meme não é o de nos aprofundarmos na complexa situação do déficit habitacional no Brasil, nem dos movimentos de ocupação ou da ideologia político-partidária que rege esse sistema, mas trazer à tona a complexa trama utilizada pelo enunciador para elaborar o meme. No exemplo que analisamos, o enunciador pretendeu contrapor, naquele instante, a condição de Michel Temer como ocupante do cargo de presidente à “ocupação irregular” do prédio Wilton Paes de Almeida, realizando uma intertextualidade que remete à polêmica.

No que tange às instâncias interlocutivas relacionadas ao Meme 9, encontramos um posicionamento não verificado em nenhum dos exemplos analisados anteriormente, ou seja, nesse meme podemos identificar claramente o enunciador responsável pelo texto em sua totalidade, incluindo o seu papel social e institucional, que está impregnado no contexto dessa produção.

Um fator importante na identificação do enunciador do Meme 9 é o fato de reconhecemos, claramente, o posicionamento político-ideológico por ele adotado, que se constitui em uma oposição crítica, reconhecida socialmente, às políticas exercidas por Michel Temer, ainda que as estratégias adotadas na construção do meme já demonstrem por si só essa concepção. Assim, como um representante político eleito democraticamente, a força argumentativa exercida por Marco Maia, na condição de enunciador, faz ressoar a insatisfação de um maior número de pessoas, inclusive, perpassando os meios digitais e alcançando outros meios mais acessíveis.

Nessa conjuntura, alguns pontos são extremamente salientes para a identificação de todos os recursos que regem as estratégias argumentativas adotadas para a construção do texto. O primeiro é o fato de o enunciador, o deputado federal Marco Maia, ser filiado ao mesmo partido político da presidente afastada Dilma

Rousseff, o Partido dos Trabalhadores, logo, um opositor direto ao governo do ex-presidente Michel Temer. Outro ponto importante encontra-se na ideologia assistencial pregada pelo partido de Marco Maia e, conseqüentemente, também por ele defendida. Em outras palavras, há de se inferir que qualquer movimento que defenda o direito à habitação e à implantação de políticas públicas voltadas à área habitacional contará com o apoio tanto dos líderes do Partido dos Trabalhadores quanto de seus filiados.

No contexto dessa análise, é fundamental destacar a posição assumida pelo enunciador da produção, pois, mesmo que, possivelmente, ele não tenha formulado as estratégias presentes no texto, ele assume essa condição quando replica o meme em suas redes sociais. Remetemos, assim, à discussão levantada por Barreto (2015), que assenta no fato de que, ao disseminar memes dentro de um determinado grupo através de práticas rituais, os indivíduos, geralmente, ligam-se aos valores e posições assumidas por seu grupo, e são justamente essas posições assumidas na prática discursiva que definem o *ethos* no qual os sujeitos se inserem.

Nessa composição, o enunciador se utiliza de uma intertextualidade com a polêmica que envolve a ocupação do prédio Wilton Paes de Almeida para contrapor a condição presidencial de Temer, aludindo ao fato de que o então presidente, supostamente, utilizou-se de artifícios escusos para chegar ao mais alto cargo do executivo.

Os tipos de argumentos utilizados pelo enunciador, evidenciados a partir da relação entre o vínculo causal e o argumento pragmático, trazem como destaque a semiose imagética de Michel Temer à frente do Palácio do Planalto, em Brasília, acompanhada da semiose verbal “Quando alguém perguntar o que é ocupação irregular mostre esta foto!”, que realça o fato de que, na concepção do enunciador, Michel Temer ocupa de maneira irregular o Palácio do Planalto, sede do poder executivo federal, aludindo mais uma vez ao processo de *impeachment* sofrido pela ex-presidente Dilma Rousseff. Nesse processo, o enunciador se utiliza da expressão “ocupação irregular” para, através do argumento metafórico, destacar que Michel Temer não reúne “condições legais” para exercer o cargo de presidente. Assim, a expressão “ocupação irregular” remete a uma metáfora entre a suposta manobra exercida por Temer para chegar ao poder e a ocupação do edifício Wilton Paes de Almeida.

Dentre as argumentações encontradas no texto, podemos inferir que o enunciador destaca a ideia de que o ex-presidente Michel Temer assumiu o governo, supostamente, de maneira ilegal e, portanto, a ocupação do Palácio do Planalto por Temer deve ser considerada irregular, reforçando assim o seu posicionamento político-partidário frente a essa situação.

Nesse contexto, a partir do quadro de análise de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva, é possível inferir a recategorização do referente “presidente Michel Temer” como alguém “contrário à lei”, “golpista”, “que não segue a regra”. Mais uma vez, a exemplo do que aconteceu com os memes analisados anteriormente, destacamos que essa recategorização não se encontra homologada por nenhuma expressão referencial presente no texto. Ela é inferível a partir das estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador, manifestadas através da relação entre o contexto no qual o meme se enquadra e as diversas semioses, que caracterizam, em sua totalidade, o processo de recategorização sem menção de expressão referencial.

Dessa maneira, fica evidente a relação entre as estratégias argumentativas adotadas pelo enunciador e o processo de recategorização sem menção de expressão referencial, servindo essa relação como um mecanismo fundamental para a construção dos sentidos nos memes verbo-imagéticos até aqui analisados.

Para que não haja dúvidas acerca desse processo, a recategorização do referente “presidente Michel Temer” como “contrário à lei”, “golpista” e “alguém que não segue a regra”, reside na estratégia argumentativa que demarca metaforicamente o Palácio do Planalto como uma “ocupação irregular”, em função dos fatos já narrados em outros memes analisados nesta investigação, que fazem menção ao processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

Dessa maneira, através da inter-relação entre os componentes que corroboram diretamente a análise argumentativa nos memes verbo-imagéticos, dispostos no Quadro de Análise de Gêneros Persuasivos, de Pinto (2010), e os tipos de argumentos eleitos na Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), verificamos o valor das estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial para a construção dos sentidos nessa modalidade de texto.

Analisado o Meme 9, de acordo com a metodologia adotada para esta pesquisa, passemos à apreciação do próximo e último meme.

Figura 14 - Meme 10: “Greve dos caminhoneiros”



Fonte:

<http://picbear.onlinemedia1790032505965997542_7786872104>

Acesso em: 18/06/18

Um fato inegável na trajetória do governo do ex-presidente Michel Temer foi a sua capacidade de contornar os problemas à medida que eles surgiam, sejam os corriqueiros escândalos de corrupção que o envolviam diretamente ou envolviam a sua equipe de governo, ou ainda as diversas manifestações sociais decorrentes de movimentos organizados que exigiam a sua saída imediata da Presidência.

Ao longo das análises realizadas neste trabalho, descrevemos os mais diversos contextos que manifestavam situações incompatíveis com o cargo presidencial, a exemplo da suposta prática de corrupção imputada a Michel Temer, contudo, incapazes de retirá-lo da presidência da República. Essas questões são apontadas como elementos determinantes para o alto índice de reprovação do seu governo, que após 964 dias, contando o período de interinidade, chegou ao fim em 31 de dezembro de 2018.

Nesse contexto, um dos acontecimentos político-sociais mais relevantes relacionados ao derradeiro período do mandato presidencial de Michel Temer está relacionado à greve dos caminhoneiros, ocorrida no Brasil em 2018, que teve duração de dez dias. Ocorrida mais precisamente entre os dias 21 e 30 de maio, essa greve

causou efeitos que deixaram o Brasil à beira de um colapso no abastecimento de combustíveis, medicamentos, alimentos e insumos.

As manifestações contra o governo tratavam agora de questões relacionadas a uma política pública comum a todos os brasileiros, relacionada diretamente ao elevado preço dos combustíveis praticado pela Petrobras, empresa brasileira de petróleo e gás e, por esse motivo, contavam com o apoio de grande parcela da população. A grande onda de protestos visava a demonstrar a insatisfação popular com a classe política brasileira às vésperas de novas eleições presidenciais.

Essa greve dos caminhoneiros, além da insatisfação da categoria com a política de preços praticada pela Petrobras, tinha também como exigência a fixação de uma tabela que estipulasse os valores para fretes em todo o território nacional. Foram dias de tensão e de grandes desafios para o governo do ex-presidente Michel Temer, pois contornar essa dificuldade, de acordo com as exigências postas pelos caminhoneiros, acarretava diretamente uma desoneração de impostos por parte da administração federal, no já crítico momento econômico das contas públicas do Brasil.

Em outras palavras, os caminhoneiros só conseguiriam ter suas exigências atendidas se o Governo Federal abrisse mão de uma parcela significativa de impostos que tinha a receber com a venda do óleo diesel, num momento em que concentrava esforços para ajustar as contas públicas.

Conforme destacamos, a crise no abastecimento já atingia os grandes centros do país, onde já faltavam alimentos, combustíveis, insumos e medicamentos. É no contexto situacional da greve dos caminhoneiros, e aproveitando-se ainda da diferença de 43 anos de idade entre Michel Temer e sua esposa, Marcela Temer, que o enunciador repercute a greve dos caminhoneiros em função de uma suposta necessidade do então presidente de fazer uso de um determinado remédio para impotência sexual.

Tomando como base as instâncias interlocutivas, podemos inferir que o enunciador se posiciona favorável à causa dos caminhoneiros, assumindo um papel crítico ao ex-presidente Michel Temer, perceptível a partir das pistas linguísticas verbais e não verbais dispostas na construção do meme. Na análise do meme, é perceptível uma identificação do enunciador do texto, através de uma “assinatura”,

embora não seja possível identificar a rede social por ele utilizada originalmente para a viralização dessa construção.

Para atingir sua pretensão, o enunciador adota como recurso os tipos de argumentos que consideram a relação entre o vínculo causal e o argumento pragmático, fundamentado o fato de que Temer precisa ceder às exigências dos caminhheiros, caso contrário, ficará sem o remédio que faz uso para a impotência sexual, retido nos caminhões que se enfileiravam pelas estradas de todo o país. Na dimensão que trata dos tipos de argumentos utilizados pelo enunciador, não foram identificados argumentos metafóricos, embora a expressão “Viagra” seja diretamente associada a qualquer remédio para impotência, já não configurando como uma metáfora, mas como uma metonímia entre o produto e a marca, componente que não participa da composição trazida para esta análise.

Analisando os recursos utilizados pelo enunciador na dimensão linguístico-textual, percebemos no componente organizacional que a compreensão do meme se dá pelo fato de que Temer precisa fazer uso de medicamento para impotência sexual, portanto, deverá atender às exigências feitas pelos caminhoneiros para que a greve tenha fim. Esse fator é ressaltado através da escolha da semiose imagética utilizada na imagem, que reforça a tristeza e a preocupação do ex-presidente com toda a situação.

Outra argumentação inferível a partir do contexto no qual a produção se insere está no fato de que Temer é 43 anos mais velho que sua esposa e, supostamente, tem a necessidade de consumir remédios para impotência sexual. Essa concepção nasce do próprio imaginário popular, que prega a ideia de que um homem mais velho, casado com uma mulher mais jovem, só possui atividade sexual se estimulado por remédios contra a impotência.

Embora associada à questão sexual, podemos inferir, a partir da expressão “impotência”, uma conotação que remete às últimas instâncias do governo do ex-presidente Michel Temer, visto que seu governo perdia, dia a dia, a sua base de sustentação, principalmente pelos escândalos que levaram pessoas próximas ao ex-presidente para a prisão. Assim, a impotência sugerida no meme pode ainda ser compreendida como uma associação a essa “ingovernabilidade” e aos altos índices de reprovação constatados por diversos órgãos de pesquisa.

Considerando em nossa análise ainda a dimensão linguístico-textual utilizada pelo enunciador na construção do Meme 10, o posicionamento crítico

assumido pelo enunciador na construção do texto fica evidente quando analisamos a estilística adotada. A semiose imagética do referente “presidente Michel Temer” apresenta um aspecto de tristeza, explicada a partir da semiose verbal que ressalta o fato de “o Viagra ter ficado no caminhão”.

Considerando, por fim, o componente enunciativa ampliada, constante no quadro de análise para memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva, encontramos, como implicações das estratégias adotadas pelo enunciador, o fato de que Temer perdera totalmente as condições de governabilidade e que, nesse caso, já não era possível ao então presidente reverter essa situação. Dessa maneira, as implicações inferem que “não há mais remédio para Michel Temer que dê jeito em seu problema”.

Assim, no contexto dessa análise, a relação entre as semioses homologa uma recategorização do referente “presidente Michel Temer” como “homem impotente”, tanto do ponto de vista da sexualidade quanto do ponto de vista governamental. Mais uma vez, a recategorização do referente “presidente Michel Temer” não encontra no texto expressões que a homologuem diretamente, conforme percebemos na análise dos memes anteriores, embora o conhecimento sociocultural nos indique que o remédio conhecido por “Viagra”, citado pelo enunciador na construção do meme, é utilizado por homens, não apenas de idade avançada, que sofrem com impotência sexual.

Diante disso, as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial nos levam à construção do sentido no meme analisado, no qual o referente “presidente Michel Temer” é recategorizado como um “homem impotente” sem que haja no texto qualquer menção a essa expressão.

Conforme percebemos ao longo das análises, a hipótese levantada neste trabalho se confirma, corroborando o fato de que as estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial se configuram num mecanismo fundamental para a construção dos sentidos nos memes verbo-imagéticos analisados.

Dessa maneira, percebemos a estreita relação existente entre as Teorias da Argumentação e a área da Linguística de Texto, para a qual Cavalcante et al (2016) já chamava atenção, visto a primeira se configurar como um dos critérios de análise

que impulsiona novas abordagens disciplinares, fator cada vez mais comum e enriquecedor ao universo da segunda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como propósito investigar o valor das estratégias argumentativas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial para a construção dos sentidos em memes verbo-imagéticos, discutimos, ao longo deste trabalho, parâmetros fundamentais que orientam a nossa trajetória em toda essa empreitada.

Questionamos a maneira como se configurava a construção dos referentes nos memes verbo-imagéticos, viabilizada a partir da ótica do processo de recategorização sem menção de expressão referencial e procuramos identificar possíveis funções discursivas imbricadas no processo de construção dos sentidos dessa modalidade textual.

Partimos da concepção de que, nos memes verbo-imagéticos, a recategorização sem menção de expressão referencial pode servir como um gatilho para a construção da argumentação e que essa subclassificação, postulada por Custódio Filho (2011), nessa modalidade de texto, é construída a partir da imbricação de elementos verbais e não verbais.

Assim, atendendo a uma perspectiva interdisciplinar que corrobora o fortalecimento dos estudos praticados no Brasil no campo da Linguística de Texto, tomamos como referência um diálogo entre essa área e as Teorias da Argumentação, constituindo para a nossa fundamentação relevantes pesquisas que nos ajudaram a compreender a complexidade dos estudos desenvolvidos atualmente e objetivaram ampliar o repertório dessa temática.

No universo das análises desenvolvidas, alguns fatores chamaram a nossa atenção. Começamos por identificar na sociocognição uma abordagem capaz de traduzir manifestações dos mais diversos aspectos, a exemplo do cognitivo, do linguístico e do social. Compreendemos que, não fosse a adoção dessa abordagem na concepção de texto, os memes verbo-imagéticos convocados para esta investigação não teriam a sua compreensão totalmente idealizada.

Discutindo as duas tendências investigativas decorrentes dos desdobramentos da referenciação, constatamos que não é possível afirmar que, em processos classicamente direcionados à análise de textos verbais, a influência de outros aspectos não corrobore para a construção dos sentidos. Portanto, não é possível afirmar que em processos classicamente voltados à análise de textos

verbais sempre prevalecerá a influência linguística e se rejeitará a influência de outros aspectos, como os sociais e os cognitivos.

Como exemplo dessa complexidade que envolve os processos referenciais, pode ser percebido que, em sua concepção pioneira, o fenômeno da recategorização se restringia aos casos “lexicais”, ou seja, a concretização do processo se dava através da consideração dos elementos dispostos exclusivamente na explicitude textual. Contudo, na análise dos exemplares dispostos em nosso *corpus*, elementos não linguísticos, como a semiose imagética, já carregam uma influência considerável para a homologação do processo. A concepção que envolve a influência de outras semioses no processo de recategorização, por exemplo, já teve sua importância destacada por Lima (2017), por exemplo, nos casos em que o processo de recategorização é homologado por meio da semiose imagética.

Atentando para o fundamento argumentativo levantado na proposta deste trabalho, corroboramos o fato de que a argumentação é atualmente uma das grandes influências para a impulsão de novas abordagens interdisciplinares. Nesse contexto, aproveitamo-nos dessa influência para, com base no estabelecimento de um quadro voltado à análise específica de memes verbo-imagéticos com finalidade persuasiva, ampliarmos o horizonte das pesquisas interdisciplinares entre a Linguística Textual e outras áreas do conhecimento.

Fazendo uso de um quadro proposto através da inter-relação entre diferentes abordagens argumentativas, percebemos, nos exemplares analisados, que as estratégias argumentativas empregadas pelo enunciador foram essenciais para determinar a recategorização sem menção de expressão referencial. Além disso, as estratégias imbricadas no processo constituíam um mecanismo necessário à construção dos sentidos nos memes verbo-imagéticos analisados. Assim, os resultados demonstraram que o processo de recategorização sem menção de expressão referencial é resultado de um fenômeno decorrente de uma estratégia iminentemente argumentativa.

Outro fator salientar, observado ao longo das análises, aponta para a importância do reconhecimento de outras semioses no processo de construção dos sentidos no texto, visto que em mais da metade dos exemplares analisados a integração entre as diversas semioses foi essencial para esse propósito.

Dado o universo de nossa pesquisa, considerando a ampliação dos estudos em referência voltados à multimodalidade e a interdisciplinaridade aportada ao

campo da Linguística de Texto, corroboramos o fato de que, nos memes verbo-imagéticos, a construção dos referentes é viabilizada a partir das estratégias argumentativas imbricadas no processo de recategorização sem menção de expressão referencial.

Dessa maneira, a nossa pesquisa demonstra uma tendência a ser seguida pelos estudos atuais, que é a consideração do texto para além de sua materialidade, o que envolve a sua integração entre diversos elementos, fazendo uso de recursos interdisciplinares que objetivem ampliar o horizonte das pesquisas. Desse modo, na perspectiva de nosso trabalho, essa atividade ocorreu através da admissão da importância, de igual maneira, de aspectos sociais, linguísticos e cognitivos, além da admissão de outras semioses no processo de construção dos sentidos. Atentamos ainda para o fato de que o texto nada mais é do que o resultado das interações sociais realizadas pelos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Linguistique Textuelle**: des genres de discours aux textes. Paris: Nathan, 1999.

ADAM, Jean-Michel. Des genres à la genericité. L'exemple des contes (Perrault et les Grimm). **Langages**. Paris: nº153, 2004, p. 62-72.

APOTHÉLOZ D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M.-J.(eds.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-71.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. de Maria Ermantina Galvão. 2.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. Théorie du texte. **Encyclopaedia. Universalis**. Paris: 1973

BARRETO, Krícia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet**: uma interface entre práticas rituais e estudos de face. 147 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo socio-discursivo**. Trad. De Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique. **Langages**. Paris: n.º 153, 2004, p. 98-108.

BRONCKART, Jean-Paul. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações de desenvolvimento. In: MENÉNDEZ, F. M. (org.). **Análise do Discurso**. (Actas do Seminário Internacional de Análise do Discurso da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: CLUNL e Hugin Editores, 2005, p. 39-79.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, Piauí. v. 12, n.2, 2010, p. 56-71.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M; BRITO, Mariza Angélica Paiva; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; SILVA, Valney Veras da. Desafios da Linguística Textual no Brasil. **Intersecções**, Jundiaí, ed. 18, n. 1, p. 7-25, 2016.

CAVALCANTE, M. M. et al. Coerência e referenciação. In: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria. **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 91-107.

CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda Alcântara; RIOS, Daniel; MAGALHÃES, Dandara. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, n. 38, p. 173-196, 2017.

COSTA, Maria H. A. **Acessibilidade de referentes**: um convite à reflexão. 214p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FEITOSA, Alceane Bezerra; ANDRADE, Júlia Maria Muniz; MONTEIRO, Karla Dayane Silva. O processo de recategorização metafórica na construção do gênero meme. **Revista Porto das Letras**, Vol. 03, nº 1, p. 75-87, 2017.

FIGUEIREDO, Maria Flávia; FERREIRA, Luiz Antonio. A Perspectiva Retórica da Argumentação: etapas do processo argumentativo e partes do discurso. **ReVEL**, edição especial, v. 14, nº 2, p. 44-59, 2016.

FONTANELLA, Fernando. **O que é um meme na Internet?** Proposta para uma problemática da memesfera. Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2009.

GENETTE, Gerard. **Introduction à l'Architexte**. Paris: Seuil, 1979.

GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Soares Machado. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção dos sentidos. **Texto Digital**, v. 12, nº 2, p. 185-208, 2016.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In. Mussalín, F.; Bentes, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

LEITE, Ricardo L. **Metaforização textual**: a construção discursiva do sentido metafórico no texto. 212p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LIMA, S. M. C. **(Re)categorização metafórica e humor**: trabalhando a construção dos sentidos. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

LIMA, S. M. C. de. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia**: um estudo de processos de recategorização. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LIMA, S. M. C. de. Referenciação e multimodalidade: revisitando os processos de recategorização e encapsulamento. **Revista de Letras**, vol. 02, n. 36, p. 101-114, 2017.

LIMA, S. M. C. de; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVEL**, vol. 13, n. 25, p. 295-315, 2015.

MAINGUENAU, Dominique. **Genèse du Discours**. Bruxelles: Mardaga, 1984.

MONDADA, L.; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. Trad. Maria Ermantina de Almeida Padro Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PINTO, R. B. W. S.. **Como argumentar e persuadir**: prática política, jurídica, jornalística. Lisboa: Quid Juris, 2010.

PINTO, R. B. W. S.. Argumentação e persuasão em gêneros textuais. EID&A - **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, nº 9, p. 102-114, 2015.

PINTO, R. B. W. S.. Argumentação em gêneros textuais/discursivos: uma abordagem teórico-epistemológica. **ReVEL**, edição especial, vol. 14, nº 12, p. 125-141, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RECUERO, Raquel da Cunha. Memes e dinâmicas sociais em weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na Internet. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-16, julho/dezembro 2006.

SÁ, Jammara Oliveira Vasconcelos de. **Argumentação e Processo Referencial Anafórico do Anúncio Publicitário de Cosmético**. 191f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SILVA, Walleska Bernardino. **A referenciação em textos verbo-imagéticos**. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

SILVA, M.H.A.D. **O processo de recategorização metafórica na construção de memes verbo-imagéticos**. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.